



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

*Educar para os valores, educar para a paz*

*Uma reflexão no âmbito da Educação Moral e Religiosa  
católica*

**JOSÉ JORGE MORAIS GOMES**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**Sob orientação de:**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**

**2017**

## AGRADECIMENTOS

*“Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22,27).*

No termo deste trabalho é justo que agradeça a todos: instituições, universidade, colegas e amigos, que contribuíram para a concretização deste meu trabalho.

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para o **Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**, pela disponibilidade, contributos e sugestões recebidos, fruto do seu conhecimento e experiências, bem como pelo apoio científico, pedagógico e humano, desde o primeiro dia da elaboração deste trabalho. Foi uma aventura que percorreu sempre comigo nos momentos de mais empenho e trabalho mas principalmente nos momentos de desânimo onde senti a força suficiente para continuar. Sem a sua persistência e a sua eterna paciência teria sido impossível apresentar este trabalho. Aprecia-me ainda salientar a abertura que sempre demonstrou às reflexões pontuais que a sequência do trabalho foi ditando, bem como a permanente disponibilidade em me orientar nas interrogações que me foram surgindo na caminhada que foi a elaboração do mesmo.

Ao orientador do estágio, Professor Fernando Moita, o meu agradecimento pela disponibilidade e apoio prestados no decorrer da lecionação das duas unidades letivas. A sua presença e a sua simplicidade ajudaram muito a ter uma nova visão e carinho pela disciplina de EMRC.

Não seria justo comigo mesmo não recordar e agradecer o apoio e as facilidades concedidos pela Universidade Católica Portuguesa, através da Faculdade de Teologia e do Instituto Universitário de Ciências Religiosas durante os inesquecíveis anos em que tive oportunidade de estudar. Agradecimento ao Diretor da Faculdade de Teologia bem como a todos os meus professores que caminharam comigo nesta linda etapa de estudos. Foi cansativa mas senti uma preocupação geral por cada um de nós.

A nível individual, queria manifestar a minha gratidão aos professores de Moral da Escola da Damaia e da Comunidade Educativa da Escola Básica do 2º e 3º ciclo – Professor Pedro D’Orey da Cunha pelo acolhimento, pelas facilidades que me proporcionaram e pelo apoio moral que sempre senti, durante o meu estágio.

Cumpra-me também agradecer aos colegas e amigos estagiários e, de entre eles, de um modo muito especial, à Elsa, pela amizade, pelas ideias e pelo trabalho que partilhámos durante o nosso estágio e principalmente com a nossa magnífica turma do 7C. Alunos simples mas que muito me preencheram o coração pelo muito que me deram. Sem o apoio conjugado

de pessoas e instituições não teria conseguido, sequer, estímulo para levar por diante este trabalho tendo em conta o trabalho diário na minha escola dos Salesianos de Évora.

Tenho a firme certeza que não fiz esta caminhada sozinho: ela tem muito de cada um de vocês. Cada palavra, folha, cada parágrafo e cada linha refletem muito a vossa ajuda. Para todos, aqui fica a minha gratidão.

Por último, mas como disse Jesus os últimos serão os primeiros aqui vai um sincero, especial e enorme **“obrigado”** aos salesianos da minha Comunidade Salesiana de Évora por toda a paciência, carinho, estímulo e apoio, sem os quais nada teria sido possível. A todos e a cada um em particular, que Deus nosso Pai vos recompense pela compreensão que tiveram comigo.

## **SIGLAS**

**AAS** – Acta Apostolicae Sedis (Atos da Sé Apostólica)

**AED** – Agrupamento de Escolas da Damaia

**A.O** – Apostolado da Oração

**ASA** – Américo Sousa Areal

**BE/CRE** – Bibliotecas Escolares/Centro de Recursos

**CAF** – Componente de Apoio à Família

**Cap.** – Capítulo

**CCAP** – Conselho Científico para a Avaliação de Professores

**CD** – Compact Disc (é um disco ótico digital de armazenamento de dados)

**CEF** – Cursos de Educação e Formação

**Cf** – Confere

**CIC** – Catecismo da Igreja Católica

**1Cor** – A primeira carta de S. Paulo aos Coríntios

**CPCJ** - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

**EB** – Ensino Básico

**Ecl** – Livro do Antigo Testamento de Eclesiástico

**Ed.** – Edição

**Ef** – A carta de S. Paulo aos Efésios

**EMRC** – Educação Moral e Religiosa Católica

**FEB/CETEC ISEB/FISO** - Força Expedicionária Brasileira / Centro Educacional Técnico, Instituto Superior de Estudos Brasileiros/ Faculdades Integradas Soares de Oliveira.

**Fl** – A carta de S. Paulo aos Filipenses

**FPCEUC** – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

**FPCE-UP** – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade do Porto

**GAAF** – Gabinete de apoio à família

**Is** – Livro do Antigo Testamento de Isaías

**Jl** – Jardim de Infância

**Jo** – Evangelho de S. João

**Lc** – Evangelho de S. Lucas

**Lv** – Livro do Antigo Testamento de Levítico

**Mt** – Evangelho de Mateus

**Nm** – Livro do Antigo Testamento de Números.

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**P** – Página

**PALOP** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**PC** – Personal Computer (Classe de Computador)

**PES** – Prática de Ensino Supervisionado

**PLNM** - Português Língua Não Materna

**Pp** – Páginas

**Pr** – Livro do Antigo Testamento dos Provérbios

**PPU** – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**QZP** - Quadro Zona pedagógica

**Rm** – A carta de S. Paulo aos Romanos

**Sj** – Societas Iesu (Sociedade de Jesus ou Companhia de Jesus)

**Sl** – Livro dos Salmos

**SNEC** – Secretariado Nacional da Educação Cristã

**Tg** – A carta de S. Tiago

**1Tim** – A primeira carta de S. Paulo ao Timóteo

**TPC** – Trabalho Para Casa

**UCP** – Universidade Católica Portuguesa

**ULAPSI** – União Latino-americana de Entidades de Psicologia

**UNESCO** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

**VOC.** – Vocacionáveis

## ÍNDICE

<b>Capa</b>	
<b>Agradecimentos</b> .....	ii
<b>Siglas</b> .....	iv
<b>Índice</b> .....	vi
<b>A educação é uma coisa do coração</b> .....	viii
<b>Resumo</b> .....	ix
<b>Abstract</b> .....	x
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>PARTE I - REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA</b> .....	3
<b>1. Caracterização Da Escola – Projeto Educativo</b> .....	3
<b>2. Caracterização da turma 7º C</b> .....	13
<b>3. Finalidade pedagógica da disciplina de EMRC</b> .....	14
<b>4. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES)</b> .....	17
<b>4.1. Unidade Letiva 4 para o 7º ano do Programa de EMRC</b>	
<b>“A Paz universal”</b> .....	20
<b>4.2. Metas, objetivos e conteúdos da Unidade Letiva 4</b> .....	21
<b>PARTE II – EDUCAÇÃO PARA OS VALORES – EDUCAÇÃO PARA A PAZ</b> .....	24
<b>1. Educação – o que é educar?</b> .....	24
<b>1.1. Ainda é possível educar?</b> .....	30
1.1.1. Educar é uma função de todos? .....	31
1.1.2. O que é Educação? .....	32
<b>1.2. Tipos de Educação</b> .....	33
1.2.1. Grau de formalização .....	33
1.2.2. Educação no grau de ciências .....	34
1.2.2.1. Educação Familiar e Educação Escolar .....	34
1.2.2.2. Educação para a Cidadania .....	36
<b>1.3. Os desafios de educar com qualidade</b> .....	37
<b>2. Educação Para os Valores</b> .....	41
<b>3. Educação para a Paz no Âmbito da Escola</b> .....	47
<b>3.1. O conceito da paz</b> .....	47
3.1.1. Paz, o que é? .....	47

3.1.2. A paz, felicidade perfeita .....	50
<b>3.2. A cultura da paz na família e no Quotidiano .....</b>	<b>52</b>
3.2.1. A família – é a primeira escola da paz .....	52
3.2.2. A Educação para a paz é um tesouro .....	55
<b>3.3. As dimensões da Paz .....</b>	<b>57</b>
3.3.1. Dimensão pessoal .....	58
3.3.2. Dimensão social .....	59
3.3.3. Dimensão religiosa .....	62
<b>3.4. Será possível a Paz? .....</b>	<b>63</b>
3.4.1. Educação, fundamento e caminho para a paz .....	64
3.4.2. A paz é um valor humano e a meta da busca humana .....	66
<b>3.5. Educação para a Paz - Relações Interpessoais na Escola .....</b>	<b>67</b>
<b>3.6. Educação para a paz e valores morais .....</b>	<b>68</b>
<b>PARTE III – UMA PROPOSTA DE REORGANIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA</b>	
<b>SOBRE A “PAZ UNIVERSAL” DO 7º ANO .....</b>	<b>73</b>
<b>1. Contextualização .....</b>	<b>73</b>
<b>2. Descrição e explicação da planificação nível 4 .....</b>	<b>77</b>
<b>3. Proposta de Planificações .....</b>	<b>81</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>88</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>92</b>

## **“A EDUCAÇÃO É UMA COISA DO CORAÇÃO”**

**“Dom Bosco”**

A educação, nesta perspectiva, é mais, muito mais que um desempenho científico no exercício da profissão de educadores.

Trata-se ir além das competências acadêmicas... são agir com a razão, com o coração, com a vocação...

Defensores desta corrente desafiam o profissional de educação a exercer a sua ação a 150%, a saber: 50% com o que se aprende ao longo do percurso acadêmico; 50% do conhecimento adquirido com a experiência, com a prática em contexto e 50% o que vem da vocação, das “entranhas” do indivíduo, o que se vai espelhar no amor com o que se faz.

Esta é uma variável que, sobejamente comprovada como um facilitador da aprendizagem mas, sobremaneira, como um fator fundamental para a eficácia da formação integral, cívica e espiritual, tão necessária, à sociedade atual.

## RESUMO

Abordei, essencialmente e como principal meta deste trabalho, a evolução da educação para a paz no âmbito da escola e a educação para os valores como algo necessário a ser pensado e refletido, pois fazem parte deste universo tão vasto que é constituído pela família e pela escola.

Mais do que pretender criticar ou desvalorizar a sociedade onde estamos inseridos, ao longo do trabalho, tento enquadrar melhor o meu campo de atuação, a importância do papel das famílias na educação, na educação para os valores e estabelecer algumas metas de ação para produzir mais e melhores resultados a nível profissional e pessoal. Faço também uma abordagem da disciplina de EMRC na escola, bem como o seu contributo específico para a formação do ser humano e das suas vantagens no sistema educativo, que pode, no meu entender, contribuir para concretizarmos uma educação para a paz.

Este meu trabalho divide-se em três grandes partes; *Na primeira parte*, apresento a reflexão sobre a prática letiva, aqui, faço algumas constatações acerca do projeto educativo da escola e caracterização da turma que lecionei. Este projeto educativo pretende revelar o modo de operacionalizar a educação integral do aluno nas suas capacidades intelectuais, físicas, afetivas, relacionais e sentido ético, num projeto de vida ao serviço dos outros. **Na segunda parte**, abordo essencialmente a *Educação no geral, a Educação Para Os Valores e a Educação Para A Paz*, em que faço uma confrontação; em *primeiro lugar*, com a realidade da educação, ou seja, uma educação no sentido de todo o processo contínuo de formação e ensino-aprendizagem que faz parte do currículo dos estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados. Porque, a educação é o alicerce da formação da pessoa. Mas a educação não se consegue sem a integração dos valores humanos e, daí, em *segundo lugar*, a necessidade da existência de uma educação para os valores. A verdadeira e a plena educação necessita assentar na educação nos ou (para) os valores, valores esses que assimilados e vividos conduzem à possibilidade de construirmos um itinerário de educação para a paz na escola. É uma educação que visa formar a pessoa na sua plenitude, para que possa promover em cada etapa da sua vida um mundo mais humano, quer em atitudes pessoais quer em atitudes sociais. E uma das atitudes sociais mais importantes e necessárias para a sociedade é a paz. A paz sempre foi e será uma aspiração humana profunda. **Na terceira parte**, e como uma consequência deste segundo capítulo surgiu este terceiro capítulo que visa apresentar uma nova **“Reorganização da Unidade Letiva a “Paz Universal” do 7º ano”**. Esta nova reorganização de unidade letiva pretende dar uma nova dinâmica a um valor essencial do ser humano. Nesse sentido pretendo que a unidade letiva se venha a designação de **EDUCAR para PAZ**” em substituição da atual unidade letiva **“A PAZ Universal”**. **No entanto, nesta terceira parte** procurei ligar os diversos temas referidos atrás, para que não parecessem assuntos isolados. Pelo contrário, os diversos agentes não o são, sem os outros, não é possível falar de um, sem recorrer aos outros, só é possível refletir na educação para a paz se o fizermos em todas as suas dimensões.

Este Relatório Final serve para fazer uma autoavaliação mais crítica e ponderada do meu percurso profissional, e para refletir com mais profundidade na minha missão de professor de EMRC, como religioso e como sacerdote salesiano, tendo nas minhas mãos como principal desafio deixado por D. Bosco a educação integral dos jovens.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Família. Educar. Educação para os Valores. Educação para a paz e Professor como mediador.*

## ABSTRACT

Throughout this work I mainly focused on the evolution of education towards peace, within the framework of school and the education for values as something necessary to reflect about, since they are part of this vast universe - constituted by both family and school.

More than pretending to criticize or diminish the society we live in, I try to frame my field of action, the importance of the families' role in education, the education for values and to establish some aims of action to produce more and better professional and personal results. I also address the school's EMRC discipline, as well as its specific contribution to the training of the human being, as well as its advantages in the educational system, which I believe can contribute to the insight of an education towards peace.

My work is divided into three great parts. In the first part, I present a reflection concerning the learning practice – where I approach some acknowledgments about the educational project of the school and the characterization of the class I taught. This educational project intends to reveal the way to operationalize the integral education of the student in his intellectual, physical, affective, relational and ethical capacities, in a life project at the service of others. In the second part, I focus, fundamentally, on Education in general, Education for Values and Education for Peace. Here, I develop a confrontation: in the first place, regarding the reality of education, that is, an education directing to the whole continuous process of training and teaching-learning, a part of the curriculum of educational establishments, whether they are public or private. Education is, indeed, fundamental as it is the foundation of a person's formation. But education cannot be achieved without the integration of human values, and hence, secondly, there is a need for an education for values. True and full education needs to be based on an education concerning values and towards them. These values, when assimilated and lived, lead to the possibility of building a path of education for peace in school. It is an education that aims to build a person in its fullness, so that the individual can promote at each stage of his life a more human world, both in personal and social attitudes. One of the most important and necessary social attitudes for society is peace, which has always been (and will be) a deep human aspiration. In the third part, and as a consequence of this second chapter, there is the ambition to present a new "Reorganization of the Teaching Unit, a Universal Peace" of the 7th grade. This new reorganization of educational unit targets a new dynamic to an essential value of the human being. In this sense, I intend that the educational unit can be designated as "EDUCATE for PEACE" instead of the current "A Universal PEACE ". However, in this third part I tried to connect the several topics mentioned above, so that they did not seem isolated matters - on the contrary, the numerous agents are not (it is not possible to speak of one without resorting to others), it is only possible to reflect about education for peace if we do it in all its dimensions.

This Final Report intends to carry out a more critical and thoughtful self-assessment of my professional career and to generate a deeper reflection on my mission as an EMRC teacher, as a religious and as a Salesian priest, having in my hands the main challenge left by Don Bosco: the integral education of young people.

**KEYWORDS:** *Family; To educate; Education for values; Education for peace; The teacher as mediator.*



## INTRODUÇÃO

A sociedade atual está em constantes mudanças. Hoje em dia, muitas são, as exigências propostas, para que os adultos estejam mais atentos aos jovens e adolescentes que estão também, em constantes mutações.

Mais do que pretender criticar ou desvalorizar a sociedade onde estamos inseridos, ao longo do trabalho tentarei elaborar melhor o meu campo de trabalho, a importância do papel das famílias na educação, na educação para os valores e estabelecer algumas metas de ação para produzir mais e melhores resultados profissionais e pessoais. Farei também uma abordagem da disciplina de EMRC na escola e refletir acerca do seu contributo específico, para a formação do ser humano, e das suas vantagens no sistema educativo que pode no meu entender contribuir para concretizarmos uma educação para a paz.

Abordarei, essencialmente e como principal meta deste trabalho, a evolução da educação da paz no âmbito da escola e a educação para os valores como algo necessário a ser pensado e refletido, pois fazem parte deste universo tão vasto que é constituído pela família e pela escola.

Este meu trabalho divide-se em três grandes partes;

*Na primeira parte*, apresento a REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA, *Em primeiro lugar*, faço algumas constatações acerca do projeto educativo da escola. Onde descrevo a caracterização da escola e o meio onde está inserida. Escola onde me foi dada a possibilidade de realizar a minha Prática de Ensino Supervisionado (PES) no ano letivo de 2012/2013.

Este projeto educativo pretende, revelar o modo de operacionalizar a educação integral do aluno nas suas capacidades intelectuais, físicas, afetivas, relacionais e sentido ético, num projeto de vida ao serviço dos outros.

No entanto, considero que é importante, neste sentido, ajudar os pré-adolescentes e adolescentes a compreenderem-se, e a identificarem-se de acordo com os modelos que lhes são propostos. Apresento uma breve perspetiva histórica e caracterização da turma que lecionei e faço uma breve apresentação das várias situações das famílias, quer no que diz respeito ao número de elementos que as compõem, e sabendo de antemão que não são regra e que há uma inúmera variedade de tipos de famílias. *Num segundo lugar*, apresento uma pequena reflexão da minha **Prática de Ensino Supervisionada (PES)** na Escola Básica do 2º e 3º ciclo – Professor Pedro D’Orey da Cunha, foi um tempo de aprendizagem, de descoberta de coisas novas, métodos novos, tempo de assimilar a importância de uma boa planificação e

sentir a importância do ser professor de EMRC. Qual foi o meu papel na educação dos pré-adolescentes e adolescentes naquela escola.

Na segunda parte, abordo essencialmente a **EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO PARA OS VALORES – EDUCAÇÃO PARA A PAZ**, em que faço uma confrontação; em *primeiro lugar*, com a realidade da educação, ou seja, uma educação no sentido de todo o processo contínuo de formação e ensino-aprendizagem que faz parte do currículo dos estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados. Porque, a educação é o alicerce da formação da pessoa. Mas a educação não se consegue sem a integração dos valores humanos e, daí, em *segundo lugar*, a necessidade da existência de uma educação para os valores. A verdadeira e a plena educação necessita assentar na educação nos ou (para) os valores, valores esses que assimilados e vividos levam a possibilidade de construirmos um itinerário de educação para a paz na escola. Porque educar não é só instruir ou transmitir conhecimentos; educar é, também, integrar e gerir as diferentes dimensões de uma cultura, língua, tradições, crenças, atitudes e formas de vida.

É uma educação que visa formar a pessoa na sua plenitude, para que possa promover em cada etapa da sua vida um mundo mais humano, quer em atitudes pessoais quer em atitudes sociais. E uma das atitudes sociais mais importantes e necessárias para a sociedade é a paz. A paz sempre foi e será uma aspiração humana profunda.

Na terceira parte, e como uma consequência deste segundo capítulo surgiu este terceiro capítulo que visa apresentar **“UMA PROPOSTA DE REORGANIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA A “PAZ UNIVERSAL” DO 7º ANO”**. Esta nova reorganização de unidade letiva pretende dar uma nova dinâmica a um valor essencial do ser humano. Nesse sentido pretendo que a unidade letiva tenha a designação de **EDUCAR para PAZ**” em substituição da atual unidade letiva **“A PAZ Universal”**.

*No entanto, nesta terceira parte* procurei ligar os diversos temas referidos atrás, para que não parecessem assuntos isolados, que nada têm a ver uns com os outros. Pelo contrário, os diversos agentes não o são, sem os outros, não é possível falar de um, sem recorrer aos outros, só é possível refletir a educação para a paz se o fizermos em todas as suas dimensões.

Este Relatório Final não serve apenas para a conclusão do meu **Mestrado em Ciências Religiosas - Especialização na Educação Moral e Religiosa Católica**, mas serve, essencialmente, para fazer uma autoavaliação mais crítica e ponderada do meu percurso profissional, e para refletir com mais profundidade a minha missão de professor de EMRC, como religioso e como sacerdote salesiano, tendo nas minhas mãos como principal desafio deixado por D. Bosco a educação integral dos jovens.

## PARTE I - REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA

### 1. Caracterização da escola – projeto educativo

Aquando do conhecimento da escola onde me foi dada a possibilidade de realizar a minha Prática de Ensino Supervisionado (PES) o meu maior desejo foi conhecer *in loco* a escola que me acolheu no ano letivo de 2012/2013. Após a entrada na Escola Básica do 2º e 3º ciclo – Professor Pedro D’Orey da Cunha e a espera na sala de professores pelo momento do encontro com o diretor da escola, os meus olhos fixaram-se numa frase escrita dos professores. A frase espelha bem como o seu autor, Pedro d’Orey da Cunha, entendia e vivia a educação, bem como a finalidade do professor em todo este processo de ensino/aprendizagem. A frase diz o seguinte:

“Temos que ensinar muitas coisas e muito aos nossos alunos. Temos de os preparar para uma vida de rigor, de qualidade e de extrema complexidade. Quanto mais exigimos deles, contando que seja com respeito, com o devido encorajamento e compreensão, mais eles se sentem queridos, desejados e entusiasmados pela aprendizagem. O melhor que lhe podemos dar é a preparação necessária, para que eles, sejam autónomos, empreendedores e ativos, possam estar aptos a lutar por uma vida de qualidade”<sup>1</sup>.

O acolhimento por parte dos professores de EMRC bem como o grupo de professores que se encontravam na sala de professores fez-me sentir a mim e aos meus colegas de estágio em casa. O encontro com o diretor da escola foi simples mas de grande cordialidade colocando-se ao nosso dispor para o que fosse necessário, referindo que o seu único desejo era que cada um de nós se sentisse como estivesse na sua escola. No fim do estágio Prático de Ensino Supervisionado a promessa do diretor foi vivida a cem por cento e sentimo-nos como se estivéssemos na nossa escola.

A Damaia é uma das freguesias do concelho da Amadora, sendo uma das mais antigas. Por isso, ao longo destes últimos anos tem vindo a beneficiar da construção de vários equipamentos desportivos, culturais e serviços públicos, que conferem maior autonomia à população.

---

<sup>1</sup> A frase está escrita na parede na sala de professora da Escola Básica do 2º e 3º ciclo – Pedro D’Orey da Cunha.

Existem nesta mesma freguesia alguns imóveis de valor histórico, arquitetónico e urbanístico que são património Municipal, tais como o Aqueduto das Águas Livres e o Palácio dos Condes da Lousã.

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo – Professor Pedro D’Orey da Cunha situa-se no concelho da Amadora, mais propriamente na freguesia da Damaia. A população escolar é «de origem portuguesa e imigrantes, na sua maioria, oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) aos quais, ultimamente, se têm juntado cidadãos brasileiros e dos países da Europa de Leste e mais recentemente provenientes do continente asiático, nomeadamente da China. É uma escola com uma grande diversidade cultural. De uma forma geral, as famílias auferem baixos rendimentos, têm condições de habitações precárias e são, frequentemente, muito numerosas.

Como diz o projetivo educativo:

“A organização espacial da rede escolar assenta em Territórios Educativos, entendidos como o espaço geográfico onde se assegura o cumprimento da escolaridade obrigatória em funcionamento vertical e horizontal integrado. O território educativo deve ser servido em boas condições por um conjunto de instalações de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário interdependentes e complementares sob o ponto de vista pedagógico e de utilização e gestão de recursos físicos”<sup>2</sup>.

Referindo a carta educativa do município da Amadora, em 2007 o projeto educativo diz:

“Estabeleceu no concelho oito territórios educativos, o que implica dentro de cada território educativo a articulação entre si de todas as escolas básicas do 1º ciclo com os Jardins de Infância e destes com o estabelecimento em que se completa a escolaridade obrigatória (em 2007, 2º e 3º ciclos) constituído em polo aglutinador”<sup>3</sup>.

Esta organização possibilitou a constituição dos agrupamentos de escolas, sendo os agrupamentos unidades organizadas dotadas de órgãos de administração e gestão próprios.

Refere ainda o projeto educativo que,

“Para que se cumpra o objetivo principal deste modelo organizativo, o Agrupamento de Escolas visa em conformidade com o Decreto-Lei nº115- A/98, de 4 de Maio, o estabelecimento do regime de autonomia, administração e gestão comum dos

---

<sup>2</sup> AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DAMAIA, *Projeto Educativo – Uma Escola de Todos...a construir o futuro*, 2013/2014 – 2016/2017, p. 5.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

estabelecimentos de educação, e considera-se necessário favorecer numa determinada área um percurso sequencial e articulado dos alunos e reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que integram essa mesma área conseguindo uma melhor integração no meio escolar e comunitário e uma maior racionalização de recursos. O Agrupamento de Escolas da Damaia foi homologado, em regime de instalação, pelo Despacho do Sr. Diretor Regional de Educação de Lisboa de 28/05/2004.”<sup>4</sup>

Em 1997, esta instituição de ensino escolheu como Patrono, o Prof. Pedro D'Orey da Cunha porque acreditava que a Escola é um lugar de encontro de diferenças onde todos gostam de estar, aprender, ensinar, preparando-se para a vida, com esforço e alegria.

O Prof. Pedro D'Orey da Cunha nasceu em Lisboa a 11 de Fevereiro de 1939. Em 1962, na Faculdade de Filosofia de Braga concluiu a licenciatura, e em 1968 terminou a licenciatura em Teologia.

De modo a ampliar os seus conhecimentos foi para Boston, onde viveu de perto os problemas de integração e aprendizagem dos jovens, filhos de emigrantes portugueses, de haitianos e de porto-riquenhos. A necessidade de aprofundar o estudo da situação desses jovens levou-o a contactar de perto com muitas famílias migrantes. Tem, assim, a oportunidade de compreender os problemas que afligiam estas famílias no seu dia-a-dia, numa terra distante, com uma língua e costumes diferentes.

Em 1983, fez o doutoramento em Ciências da Educação. Em 1986, já em Portugal, veio a ser Secretário de Estado da Reforma Educativa (Ministério da Educação). A partir de 1991, passou a lecionar na Universidade Católica Portuguesa. Faleceu em Lisboa, a 31 de Janeiro de 1995.

O agrupamento das escolas das Damaia é constituído pelas seguintes escolas e Jardins de Infância: Jardim de Infância da Damaia; EB1/JI das Águas Livres; EB1/JI Cova da Moura; EB1 Padre Himalaia e EB2,3 Professor Pedro D’ Orey da Cunha.

Antes de terminar esta caracterização gostava de colocar algumas tabelas de alguns elementos importantes que dão uma imagem real em relação às outras escolas do agrupamento. São dados do ano letivo 2013/2014:

Recursos Humanos<sup>5</sup>

Docentes	Quadros	QZP	Contratados	Destacados	Mobilidade
Escolas	Escola				

<sup>4</sup> *Ibidem.*

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 8.

EB 2/3 Pedro D'Orey da Cunha	50	1	37	3	3
EB 1 Padre Himalaia	14	0	0	0	0
EB 1/JI Cova da Moura	4	0	9	1	0
EB 1/JI Águas Livres	11	1	4	1	0
JI Damaia	3	0	1	0	0

Figura 1 - Recursos Humanos (Ano Letivo 2013/2014)

Número de alunos<sup>6</sup>

Escolas	Ano	Turmas	Nº Alunos	Total
EB2,3 Prof Pedro D'Orey da Cunha	5º	8	166	730
	6º	7	153	
	VOC 2	1	20	
	7º	5	125	
	8º	5	110	
	9º	5	111	
	VOC 3	1	24	
	CEF	1	21	
EB1 Pe. Himalaia	1	3	66	240
	2	3	69	
	3	2	46	
	4	3	59	
EB1/J1 Cova de Moura	Pré	2	46	204
	1	1	23	
	2	2	43	
	3	2	39	
	4	3	53	
EB1/J1 Águas de Moura	Pré	2	50	246
	1	2	48	
	2	2	46	
	3	3	57	

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 10.

	4	2	45	
JJ da Damaia	Pré	3	70	70
Total				1490

Quadro 5 – (Fontes Alunos JPMABREU – AED)

O grupo de educação Especial do Agrupamento de escolas da Damaia tem:

“Por objetivo desenvolver, em estreita articulação com a restante comunidade educativa, práticas pedagógicas que visem a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida pós-escolar dos alunos com Necessidades Educativas Especiais de Caráter Permanente que frequentam este Agrupamento”<sup>7</sup>.

Depois desta caracterização e uma visita guiada à escola posso dizer que o ambiente é agradável, quer a nível físico quer a nível humano. Depois do primeiro contacto com os alunos e professores apercebi-me que a disciplina de EMRC é acarinhada e muito respeitada pelos professores, funcionários e principalmente pelos alunos.

Esta escola, tendo em conta o dever de cooperação que o Estado tem com os pais na educação dos filhos, bem como os seus deveres gerais em matéria de ensino, garante o ensino das ciências morais e religiosas (Decreto-Lei 70/2013, Art. 1.º). A disciplina de EMRC faz parte do currículo escolar normal (Decreto-Lei 70/2013, Art. 3.º), sendo de frequência facultativa (Lei n.º 46/86, Art. 50.º, n.º 3, com a redação dada pela Lei 49/2005 de 30/08).

O presente Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia foi elaborado no ano letivo de 2013/2014 e está em vigor até ao ano letivo de 2016/2017 ou seja um projeto para quatro anos. Foi apreciado em Conselho Pedagógico na reunião do dia 03 de dezembro de 2013 e assinado pelo presidente do conselho pedagógico António José dos Santos Gamboa e aprovado pelo conselho geral na reunião do dia 11 de dezembro de 2103, assinado pelo Presidente do Conselho geral Fernando Augusto Teixeira Moita. O presente projeto encontra-se consignado como o instrumento que espelha a orientação e organização pedagógica do agrupamento de escolas da Damaia.

O projeto educativo pretende, revelar o modo de operacionalizar a educação integral do aluno nas suas capacidades intelectuais, físicas, afetivas, relacionais e sentido ético, num projeto de vida ao serviço dos outros.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 11

A primeira chamada de atenção na leitura do projeto educativo foi o subtítulo que se encontra na capa do mesmo, “*Uma escola de todos ... a construir o futuro*”<sup>8</sup>. A escola como uma comunidade, ou família onde cada um tem as suas funções mas com um único objetivo formar adolescentes e jovens para que possam construir um mundo mais humano e onde todos possam dar o seu contributo na construção do mesmo. Esta frase, a mim, também significa que a comunidade educativa de cada escola do agrupamento da Damaia se vai empenhar em compreender no contexto em que está inserida, e em partilhar as esperanças dos jovens. Em segundo lugar, que a comunidade educativa oferece um caminho de educação integral em que se privilegie a relação muito próximo entre todos os agentes educativos da escola.

Podemos constatar ao longo do projeto educativo que no agrupamento existem uma variedade de atividades de apoio aos alunos na vertente escolar, familiar, bem com atividades no âmbito do desporto e da saúde. Uma segunda chamada de atenção do projeto educativo foi a atividade desenvolvida no agrupamento com a designação de Orquestra “Geração”. Como diz o projeto educativo:

“O projeto Orquestra Geração foi implementado no Agrupamento de Escolas da Damaia no ano letivo de 2011/2012. Os objetivos inerentes a este projeto visam a inclusão social das crianças e jovens, o combate ao abandono e insucesso escolar, a promoção do trabalho de grupo, bem como a disciplina, a autoestima das crianças e das suas famílias com a aproximação ao processo educativo e por último, o acesso a uma formação musical que seria impossível para a maioria das nossas crianças e jovens que vivem em contextos de exclusão social e urbana. A Orquestra integra quarenta e oito alunos do Agrupamento. O projeto comporta uma carga horária de 7 horas semanais após as atividades letivas, distribuída por aulas de formação musical, ensino instrumental individual, em pequenos grupos - naipes e de Tutti – orquestra. As apresentações da orquestra em concerto, bem como os estágios juntamente com as outras orquestras do município, proporcionam aos nossos alunos e famílias o contacto com novos contextos, o reforço da autoestima e a relação com a própria escola”<sup>9</sup>.

Foi possível observar, após dois anos de funcionamento, e segundo o projeto educativo, que os alunos tiveram uma evolução positiva quer a nível dos resultados escolares, quer como os alunos e suas famílias se relacionam com a escola. Termina o projeto educativo: “O empenho individual é determinante para que o trabalho da equipa resulte em mais um

---

<sup>8</sup>*Ibidem*, Capa.

<sup>9</sup>*Ibidem*, p. 18.

concerto/sucesso compartilhado pelas famílias e professores que estão presentes em todos os espetáculos.”<sup>10</sup>

Espelhado no projeto as escolas do agrupamento da Damaia numa dinâmica intercultural e com uma visão humanista e científica, quer que a sua educação assente na qualidade e no rigor das aprendizagens, assim como nos valores da cidadania participativa, e empenhados na melhoria contínua do meio em que vivem. Como missão central o agrupamento quer promover o sucesso escolar e a formação pessoal e social dos alunos, um ensino inclusivo e pretendem alcançar estes objetivos com um ambiente de trabalho onde prevaleçam a solidariedade, a cooperação entre todos os elementos da comunidade educativa, daí o subtítulo do projeto educativo: *“Uma escola de todos ... a construir o futuro.”* O projeto destaca como pontos fortes e fracos do agrupamento os seguintes:

Análise pontos fortes<sup>11</sup>

<b>PONTOS FORTES</b>
- Relacionamento interpessoal entre docentes e restante comunidade educativa
- Coordenação Pedagógica/ Conselhos de Turma / Direção de Turma
- Grande oferta educativa extracurricular
- Participação dos docentes na concretização do Plano Anual de Atividades
- Diversidade de visitas de estudo, variadas e enriquecedoras, e atividades similares
- Taxa de abandono escolar muito reduzida
- Presença de uma técnica de serviço social e de uma animadora cultural
- Horário escolar de turno único
- Funcionamento da Biblioteca Escolar
- Salutar ambiente vivenciado no agrupamento

Análise pontos fracos<sup>12</sup>

<b>PONTOS FRACOS</b>
- Instabilidade do corpo docente por motivos concursais
- Resultados académicos, abaixo da média nacional, na avaliação externa de português e matemática
- Registo de situações de indisciplina

<sup>10</sup> *Ibidem.*

<sup>11</sup> *Ibidem*, Quadro nº. 15, p. 19.

<sup>12</sup> *Ibidem*. Quadro nº. 16.

- Serviços/qualidade do refeitório
- Degradação das condições físicas de alguns edifícios
- Existência de placas de amianto nos telheiros e coberturas dos edifícios
- Funcionamento de aulas em contentores
- Falta de equipamento informático em algumas salas de aulas
- Falta de recursos logísticos, nomeadamente mesas e cadeiras

Tendo em conta os pontos fortes e fracos apresentado nos quadros 15 e 16, gostava ainda de realçar os objetivos que o agrupamento das escolas da Damaia entende que são os mais prementes para estes quatro anos para um desenvolvimento integral de cada um dos alunos, para uma aprendizagem mais positiva e em cada ano letivo e continuar com a tendência de 0% de abandono escolar. Na tabela seguinte coloco os objetivos gerais bem como as estratégias e medidas de ação para a concretização dos objetivos traçados no projeto educativo da escola para os quatro anos seguintes:

Objetivos Gerais - Estratégias/medidas de atuação<sup>13</sup>

<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Estratégias/medidas de atuação</b>
<b>1. Promover o sucesso escolar e prevenir o abandono</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver, a nível dos conselhos de docentes e grupos de disciplina, estratégias que permitam a obtenção de melhores resultados.</li> <li>- Organizar o Apoio ao Estudo em função das necessidades dos alunos.</li> <li>- Tutorias.</li> <li>- Apoio Pedagógico.</li> <li>- Promover a integração dos alunos nas atividades e Clubes.</li> <li>- Promover os processos de orientação vocacional de forma a identificar o perfil de motivações e competências dos alunos, tendo em vista o seu encaminhamento para uma resposta educativa mais adequada.</li> <li>- Identificar precocemente os alunos com maior risco de abandono escolar e dar-lhes prioridade no seu acompanhamento pelo GAAF e Diretores de Turma.</li> </ul>

<sup>13</sup> *Ibidem*, pp. 28-30.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Articular com a rede de recursos da comunidade e com a CPCJ o acompanhamento aos alunos em risco de abandono escolar.</li> <li>- Envolver a família na valorização da continuidade do aluno na frequência da escolaridade.</li> <li>- Valorizar o papel da escola no projeto de vida do aluno.</li> </ul>
<p><b>2</b></p> <p><b>Promover o desenvolvimento das capacidades da leitura e da escrita como elemento estruturante das aprendizagens.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar especial ênfase no pré-escolar ao desenvolvimento da comunicação e dos pré requisitos necessários à leitura e escrita (ex: competências fonológicas).</li> <li>- Identificar precocemente problemáticas relacionadas com a leitura e escrita e conseqüente adoção de medidas pedagógicas diferenciadas e eventualmente de medidas especializadas, caso sejam necessárias.</li> <li>- Identificar e apoiar os alunos com PLN.</li> <li>- Integrar, na Turma de Acolhimento, os alunos estrangeiros para aquisição de competências linguísticas necessárias à integração plena na Língua Portuguesa.</li> <li>- Equacionar a reformulação do funcionamento da Oficina do Português, de modo a desenvolver capacidades linguísticas.</li> <li>- Promover a divulgação e criação de hábitos de leitura através da BE/CRE.</li> <li>- Disponibilizar recursos humanos, sempre que possível, para o apoio na disciplina de português.</li> </ul>
<p><b>3</b></p> <p><b>Promover o desenvolvimento das capacidades matemáticas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar especial ênfase no pré-escolar à aquisição e desenvolvimento de conceitos quantitativos.</li> <li>- Identificar precocemente problemáticas relacionadas com o raciocínio numérico e conseqüente adoção de medidas pedagógicas diferenciadas.</li> <li>- Identificar e apoiar de forma diferenciada os alunos com maiores dificuldades nesta área.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Disponibilizar recursos humanos, sempre que possível, para o apoio na disciplina de matemática.</li> </ul>
<p><b>4</b></p> <p><b>Valorizar o património histórico, natural e cultural</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar o contacto dos alunos com o Património, nas suas diversas dimensões, através de projetos e visitas de estudo.</li> <li>- Criar clubes que valorizem o Património.</li> <li>- Valorizar esta temática ao nível curricular ex: Introdução da área de turismo nos cursos vocacionais.</li> <li>- Desenvolver este tema na oferta complementar de “Educação e Cidadania”.</li> <li>- Introduzir esta temática nos Planos de Atividades de Turma</li> </ul>
<p><b>5.</b></p> <p><b>Promover a Educação para a Saúde e a Educação Ambiental</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gabinete de Apoio ao aluno na área da educação sexual.</li> <li>- Estreitar a articulação com a Saúde escolar ao nível da prevenção primária, com sessões de sensibilização e encaminhamentos adequados na intervenção secundária.</li> <li>- Clube Eco</li> <li>- Incluir esta temática no âmbito da oferta complementar de “Educação e Cidadania”.</li> </ul>
<p><b>6</b></p> <p><b>Consolidar atividades de inclusão sócio-escolar</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consolidar as atividades de pré-escolar na Componente de Apoio à Família (CAF).</li> <li>- Incluir o maior número possível de alunos nas atividades de enriquecimento curricular no 1º Ciclo e nas atividades extra-curriculares dos restantes ciclos.</li> <li>- Aperfeiçoar o funcionamento das Salas de Multideficiência.</li> <li>- Melhorar as condições para a implementação dos Currículos Específicos Individuais e dos Planos Individuais de Transição para a vida ativa.</li> </ul>

<p><b>7</b></p> <p><b>Promover a disciplina, o relacionamento interpessoal e a segurança</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver atividades de relacionamento interpessoal e da segurança no âmbito da oferta complementar de “Educação e Cidadania”.</li> <li>- Melhorar o funcionamento e a eficácia da Sala de Atendimento a Alunos.</li> <li>- Diversificar estratégias de mediação de conflitos.</li> <li>- Promover a realização de atividades que promovam a relação interpessoal, tais como visitas de estudo, concursos, torneios, exposições, concertos, entre outras.</li> </ul>
<p><b>8</b></p> <p><b>Promover o envolvimento dos encarregados de educação na ação educativa.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incrementar a participação dos pais e encarregados de educação em atividades do âmbito do Plano Anual de Atividades e do Plano de Atividades de Turma.</li> <li>- Promover a formação e sensibilização parental para o correto acompanhamento dos seus educandos.</li> </ul>

Foi a leitura do projeto educativo que me inseriu na realidade e no contexto da escola Pedro d’Orey da Cunha local da Prática do Ensino Supervisionado (PES). Com esta leitura e com o diálogo constante com o meu orientador de estágio, o professor Fernando Moita, o meu primeiro encontro com a turma do 7º C foi mais simples. Um encontro que me marcou pela aceitação e interação com os alunos.

## **2. Caracterização da turma 7º c**

A turma do 7º C era composta por 26 alunos: 18 raparigas e 8 rapazes. A maioria destes discentes tinham doze anos havendo, no entanto, dois que tinham treze anos e quatro tinham catorze anos. Destes 26 discentes, 24 estão inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

No que concerne ao agregado familiar destes jovens apresentam várias situações, quer no que diz respeito ao número de elementos que o compõem, quer no que se prende com a sua composição. Nesta medida, quando analisamos a situação familiar de cada aluno, verificamos que apesar da maioria dos discentes possuir um ou mais irmãos e ser educada pelos pais, outros, porém, são criados apenas pela mãe ou pela mãe e um padrasto.

A habilitação literária dos pais dos alunos desta turma é variada: dez têm o quarto ano de escolaridade, três têm o sexto ano, dois têm o sétimo ano, onze têm o nono ano, dois têm o

décimo ano e catorze têm o décimo segundo ano. De referir que apenas um dos pais é licenciado e que há uma mãe analfabeta.

Existiam três alunos com necessidades educativas especiais, revelando muitas dificuldades de compreensão e expressão, sobretudo escritas. Os restantes alunos da turma não apresentam um rendimento médio elevado revelando mesmo, na sua maioria, falta de hábitos de escrita e leitura e métodos de estudo.

No entanto, não obstante as suas dificuldades efetivas e o trabalho pouco exaustivo que a grande maioria dos discentes realiza em casa, são crianças muito educadas e recetivas. Nas aulas de Educação Moral e Religiosa e Católica revelam, aliás, bastante interesse e participam com gosto, realizando as atividades propostas com empenho.

De salientar não apenas a relação afável que estabelecem com os docentes, como com os pares, havendo a preocupação de todos em ajudar os colegas, sempre que algum necessite.

### **3. Finalidade pedagógica da disciplina de EMRC**

Em primeiro lugar esta disciplina de EMRC é uma disciplina aberta a todos os alunos de qualquer escola independentemente da sua crença, opção religiosa, indiferentes e descrentes. Em segundo lugar, esta disciplina coloca nas suas unidades pessoas que foram exemplos de vida, em que o seu trabalho do dia-a-dia se notabilizou pela luta pela justiça, igualdade e dignidade da pessoa humana e pela caridade.

Não tenho dúvidas que a escola é o lugar privilegiado de promoção integral da pessoa, reúne no processo educativo o desenvolvimento das capacidades físicas, afetivas e intelectuais, a dimensão sociopolítica e o sentido ético e transcendente dos seus alunos e alunas, em vista da construção de um sólido e completo projeto de vida. Logo a EMRC e o respetivo professor devem estar “*de alma e coração*” no processo do desenvolvimento das várias capacidades que o aluno vai desenvolver ao longo dos anos. Deve ser uma presença que se sinta, e ao mesmo tempo que respeite e acompanhe as decisão dos mesmos alunos.

Temos a missão de transmitir as “ferramentas” necessárias para que as novas gerações sejam capazes de ler na história de cada dia a “presença” de Cristo. Logo em primeiro lugar temos que escutar, receber, meditar e deixarmo-nos interpelar para que a nossa vida seja um testemunho, não teórico mas prático, daquilo em que acreditamos. Temos que ser audazes na arte de ‘parar’ a corrente de informações que o mundo nos transmite a toda a hora, sabendo discernir o que há de transcendente no quotidiano das nossas vidas.

Sobre a EMRC, a Conferência Episcopal Portuguesa diz:

“A EMRC tem em vista a formação global do aluno que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projecto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural Portuguesa.”<sup>14</sup>.

Esta disciplina é uma disciplina muito abrangente na formação dos alunos, tem uma grande vertente educativa criando no aluno uma sensibilidade para as vertentes culturais e artísticas. Qualquer aluno que ao longo do seu percurso das aprendizagens consiga conjugar os valores religioso com os principais valores humanos estará mais preparado para poder enfrentar os desafios desta sociedade muito virada para o egoísmo e pra as injustiças. Neste sentido diz a Conferência Episcopal Portuguesa a,

“EMRC é um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura á transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”<sup>15</sup>.

A EMRC deve inserir-se num processo de formação mais amplo como resposta cristã às questões que surgem na sociedade. Deve ser uma espécie de observatório que vê, reflete, interpela e propõe respostas “aqui e agora”. Neste âmbito o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica diz que a EMRC integrada no sistema educativo, é um contributo que,

“Responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”<sup>16</sup>.

A EMRC tem um papel importante dentro de toda a dinâmica de escola, que vai exigir um trabalho em parecerias, com métodos e caminhos diversos como diz o programa de EMRC:

---

<sup>14</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica –Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 11. Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>. 27 de Abril de 2006, às 17:27).

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. III.

“Situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”<sup>17</sup>

Como diz a declaração conciliar *Gravissimum Educationis*:

“A verdadeira educação, porém, propõe-se realizar a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, simultaneamente, o bem da sociedade em que o homem se insere como membro e em cuja responsabilidade terá parte ativa logo que se torna adulto.”<sup>18</sup>

Nesse sentido segundo o programa de EMRC as principais finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>19</sup> são:

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da salvação e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Aprender o fundamento religioso da Moral Cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico- religioso e da simbólica cristã;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

---

<sup>17</sup> *Ibidem*; in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade, nº 10.

<sup>18</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis, Sobre a Educação Cristã*, no. 1, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

<sup>19</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 05; in D. Tomaz Silva Nunes, «Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica», Pastoral Catequética, nº 5. Ano 2, Maio-Ago 2006, SNEC, Lisboa, p. 75, cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, (2006), Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade, n. 6 (publicado em Pastoral Catequética, nº 5. Ano 2, Maio-Ago 2006, SNEC, Lisboa, 7-16).

#### 4. Reflexão sobre a prática de ensino supervisionada (PES)

Quando ouvi falar pela primeira vez na prática do ensino supervisionado, o primeiro pensamento que me invadiu foi vou ter alguém a “controlar-me” no que digo e faço. Após o primeiro diálogo com os professores Juan Ambrósio e Cristina Sá Carvalho responsáveis pelo prático ensino supervisionado, tudo ficou mais claro. Mas apesar da explicação o sentimento foi de “*medo*” ou melhor apreensão visto que nunca enquanto professor tivera alguém na minha sala atento ao desenrolar da dinâmica da aula e do meu trabalho.

Em segundo lugar, por outro lado foi um sentimento positivo visto ter alguém que me pode ajudar e acima de tudo alguém que me pode aconselhar sobre alguns pormenores das aulas por mim lecionadas. A minha experiência como docente ainda estava nos inícios, mas sou consciente das minhas capacidades e das competências a desenvolver e sei que o caminho de aprendizagem nesta missão de professor de EMRC seja longo.

A PES foi um tempo de aprendizagem, de descoberta de coisas novas, métodos novos, tempo de assimilar a importância de uma boa planificação e sentir a importância do ser professor de EMRC. Aprendi muito com o meu orientador de estágio, tendo em conta os anos que já lecciona, bem como com os colegas de EMRC que trabalham na Escola Pedro D` Orey da Cunha uma escola pública, logo uma realidade totalmente diferente da minha trabalhando eu num colégio católico onde o ensino da EMRC é obrigatório. Esta nova realidade provocou em mim algumas preocupações;

- a) capacidade de ir ao encontro das necessidades individuais dos alunos;
- b) capacidade para desafiar os alunos sem motivação para aprender;
- c) capacidade de me adaptar à nova realidade; capacidade para saber guiar os alunos no seu crescimento intelectual e moral;
- d) dar as ferramentas necessárias a cada aluno no seu processo de aprendizagem; e) e conseguir manter um grau de profissionalismo.

As relações estabelecidas e a troca de experiências e materiais com os colegas e com o professor cooperantes, Fernando Moita foram importantíssimas neste processo de aprender a ensinar e/ou aprender fazendo.

A prática do ensino supervisionado e a minha dedicação nestas aulas teve unicamente como principal objetivo ser mais eficaz e mais criativo. Sendo eu um sacerdote salesiano “apaixonado” em trabalhar com adolescentes e jovens, em primeiro lugar durante as minhas aulas tentei ver em primeiro lugar em cada aula um grupo de pessoas, em segundo lugar um/a amigo/a e por fim os meus alunos. Com o passar do tempo fui-os conhecendo e fui criando relações sempre positivas com cada um deles em particular. Esta temática fez-me recordar

umas das aulas de sociologia de educação com o Professor Vítor Alaiz onde mais ou menos nos comunicou a seguinte ideia que o professor tem que se adequar a cada realidade /turma e saber aplicar as estratégias específicas. Nenhuma turma, nenhum aluno/a é igual ao outro.

Ao longo do PES fui fortalecendo o meu empenho na planificação e preparação de cada uma das aulas, procurei em cada aula ser mais criativo, dar mais protagonismo aos alunos (nem sempre conseguido) alarguei os horizontes em relação às matérias de cada aula não me restringido unicamente ao que estava no manual. Com um conhecimento mais profundo e com relações abertas com os alunos/as criei oportunidades para despertar neles valores essenciais para a construção dos seu projeto de vida, e para o mundo de amanhã como terem confiança neles próprios, solidariedade, humildade, cooperação, simplicidade e respeito pelo outro.

A presença do orientador durante as aulas transmitiu-me confiança, em relação a ele e aos alunos da turma. Foi-me transmitindo que qualquer professor tem que transmitir aos alunos liderança, que tem que ter a matéria preparada e dominar o assunto, ser organizado, e que é um intermediário no processo de aprendizagem de todos os alunos. Não há dúvidas que neste momento o ser professor exige de mim momentos de reflexão, momento de estudo e aprofundamento daquilo que transmitimos. Ser docente hoje é uma grande responsabilidade, tendo em conta que tudo o que gira à volta do aluno faz de nós um alvo onde o aluno vai buscar resposta às interrogações que na sociedade, ou no grupo de amigos se colocam uns aos outros. Cada aluno é uma caixa de surpresas, logo temos que fazer muito bem o diagnóstico de cada um deles para que possamos concentrar-nos nas suas dificuldades e potenciar as qualidades.

Ao longo do ano de PES evolui e fortaleci-me na vertente científica da disciplina da EMRC, visto estar um pouco adormecida e esquecida em mim. Com andamento das aulas notei e assimilei como é importante sermos profissionais. Tive bem presente na lecionação a pedagogia em sala de aula, porque qualquer um dos alunos do 7º C foram vistos não só como alunos, mas tentei fazer como o nosso fundador S. João Bosco fazia ver em cada um dos adolescentes um amigo pois só assim se poderá conquistar o seu coração, logo a aprendizagem será melhor. O fato de ter estagiado numa escola pública foi o abrir de horizontes para novas realidades, o que criou em mim uma motivação extra nas aulas que dou na Escola Salesiana de Évora. Acima de tudo, criou em mim um sentimento de empenho e entrega total à disciplina que lecciono, apesar de ter outras responsabilidades importantes como seja a direção da escola e a pastoral que também exigem muito de mim. Gostaria de aprofundar nos próximos tempos, estas três vertentes e a importância que elas têm numa escola: pedagogia, EMRC e pastoral.

A PES ajudou-me a entregar-me de “*alma e coração*” à leção da disciplina de EMRC. A competência adquire-se com a experiência, e este estágio deu-me força para nunca desanimar diante de situações difíceis de alunos que se cruzam conosco. Professores, alunos, pais e demais comunidade educativa, todos têm um papel fulcral no processo de cada um dos alunos. O trabalho de equipa produz os seus frutos, toda a comunidade educativa deve remar para o mesmo lado e assim o barco chegará a bom porto. Numa sociedade indiferente a tantos valores, o conceito tradicional de família como diz o antigo manual do aluno do 8ºano de escolaridade na unidade lectiva o amor citando o CCE 2201 “um homem e uma mulher, unidos em matrimónio, formam com os seus filhos uma família”<sup>20</sup>.

Pois quando se fala em família fala-se em estabilidade afectiva, felicidade, apoio, ajuda, companhia direitos e deveres em sociedade. Em continuação na página 35 do antigo manual do aluno refere-se ainda à família como célula primeira da sociedade onde as pessoas no seu dia-a-dia aprendem os primeiros passos para serem felizes e se realizarem como pessoas na sociedade. Continua dizendo: “a família é, assim, a célula primordial da sociedade ou seja, uma comunidade onde se aprendem e se desenvolvem os valores. A vida em família é a iniciação à vida em comunidade, é a primeira escola de sociabilidade.”<sup>21</sup>

Para auxiliar a família nesta missão de educar e preparar os seus membros para vida em sociedade está o professor de EMRC.

O professor de EMRC deve ser um complemento da educação dada pela comunidade familiar. Às vezes deixa de ser complemento porque não existe a primeira. Em segundo lugar o professor de EMRC deve cultivar uma relação de proximidade, sem perder a sua identidade e a sua posição de professor versus aluno. Em terceiro lugar o professor de EMRC deve motivar os alunos para a importância dos alunos adquirirem os conteúdos da disciplina, por outro lado motivá-los a gostarem da escola, como um lugar de aprendizagem e local onde eles se preparam para os desafios do futuro. O futuro depende dos conteúdos no processo ensino/aprendizagem. Em quarto lugar o professor deve ser perspicaz, saber quem tem à sua frente, nesse sentido deve ser criativo para que o aluno possa adquirir com facilidade os conteúdos transmitidos pelo professor. E o grande desafio para qualquer professor de EMRC é a sua atualização, a sua criatividade e o seu profissionalismo e é aquele que procura a formação para adquirir várias competências para que possa dar respostas às inquietudes, interrogações e desafios dos alunos. Como diz Joaquim Azevedo na sua obra *Reflexões sobre a política educativa* defende que:

---

<sup>20</sup>SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Livres para Amar, Manual do Professor EMRC* 8º, Ed. e Propriedade da Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Gráfica Almondina, Lisboa 2011, p. 35.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

“O professor deve ensinar, educar, acolher com diversidade pessoal dos alunos e atender a multiplicidades de situações e universos familiares, deve exercer autoridade e formar os cidadãos segundo os valores mais caros à nossa cultura. Deve promover uma formação cívica e uma cultura ecológica, uma capacidade de participação social, consciência crítica e criativa e dar um especial apoio aos alunos com mais dificuldades de progresso.”<sup>22</sup>

De salientar não apenas a relação afável que estabelecem com os docentes, mas também com os pares, havendo a preocupação de todos em ajudar os colegas, sempre que algum necessita.

#### **4.1. Unidade Letiva 4 para o 7º ano do Programa de EMRC “ A Paz universal”**

Como sabemos a disciplina de EMRC é uma disciplina de frequência facultativa mas fazendo parte dos currículos do ensino básico e secundário, os alunos podem ter aulas de EMRC desde o 1º ano até ao 12º ano de escolaridade. Reforço mais uma vez que as metas desta disciplina pretendem que os alunos adquiram conteúdos necessários para se prepararem para a sua futura vida profissional e sua actuação na sociedade. Como já referi atrás, esta disciplina destina-se a todos os alunos, criando neles nele abertura a valores como a justiça, respeito, interajuda, liberdade e paz. As metas curriculares propostas para cada unidade letiva do 7º, 8º e 9º baseiam-se todas em três domínios: 1) Domínio da Religião e Experiência Religiosa; 2) Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã; 3) Domínio da Ética e Moral. Em 2014 o programa de EMRC teve uma nova edição, o 7º ano de escolaridade manteve as 4 unidades letivas.

Como já afirmei anteriormente leccionar num ambiente totalmente diferente daquele em que normalmente estou habituado, foi dos maiores desafios enquanto professor da disciplina de EMRC. Não podemos comparar as duas realidades, cada uma delas tem pontos positivos e pontos negativos. Para mim a grande diferença é que enquanto na minha realidade a EMRC é obrigatória para todos, e se não somos criativos e apelativos os alunos desmotivam-se e serão aulas difíceis de dar, por outro lado na minha experiência numa escola pública o fato da EMRC não ser obrigatória só está inscrito quem verdadeiramente quer, logo

---

<sup>22</sup>J. AZEVEDO, *Avenidas de Liberdade - Reflexões sobre Política Educativa*, Edições ASA, Porto 1994, p. 219

a aceitação e a motivação pode ser maior. Em relação a turma onde lecionei foi uma experiência muito positiva.

A unidade letiva “A Paz Universal” foi lecionada no 2º período letivo, tendo já lecionado em setembro a unidade letiva “No princípio”. Tendo em conta que o conhecimento da turma e a relação professor/aluno estava conseguida, foi mais fácil lecionar a 4ª unidade letiva. Mas por outro lado, também exigiu mais empenho da minha parte, melhor preparação das aulas, metodologias mais adequadas aos alunos, mais criatividades na programação. Nesta unidade letiva lancei-me o desafio de ser menos o centro das atenções das aulas, e serem eles os protagonistas das mesmas. Experiência bastante positiva. A preparação atempada deu-me uma visão global da unidade, que me possibilitou criar e planificar atividades que fossem vividas em todas as aulas, dando como exemplo a dinâmica utilizado em todas as aulas designada “construir a paz”, tratando-se de uma revisão do que foi dado na aula anterior através de perguntas projetadas num *power point*. Atividade que muito motivou os alunos, pois não queriam errar o que os levou a estarem mais atentos pelo que acontecia na aula.

#### 4.2. Metas, objetivos e conteúdos da Unidade Letiva 4

Para esta unidade letiva o programa propõe os seguintes metas e objetivos para a planificação e organização da unidade<sup>23</sup>.

Metas	Objetivos
Q. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como um valor orientador do sentido da realidade humana
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.
L. Estabelecer um diálogo entre cultura e a fé.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.

<sup>23</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa*, p. 82.

E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.
D. Promover o dialogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos	6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.

Os conteúdos apresentados no programa de Educação Moral e Religiosa Católica para esta unidade são<sup>24</sup>:

Conteúdos
<ul style="list-style-type: none"> <li>. A paz, o grande sonho da humanidade.</li> <li>. A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflitos.</li> <li>. A paz mais do que equilíbrio entre forças em conflito.</li> <li>. A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa.</li> <li>. A paz como atitude/comportamento fruto de justiça e do amor.</li> <li>. O direito e o dever da paz.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>. A falência da Paz <ul style="list-style-type: none"> <li>- A rutura das relações interpessoais e das relações entre estados, povos, etnias, cultura</li> <li>- A violência: a ilusão de uma solução para os problemas</li> <li>- A guerra: causa e consequências</li> <li>- O negócio da venda das armas</li> <li>- A utilização das crianças e jovens na guerra</li> <li>- O terrorismo: causas e consequências</li> <li>- O genocídio: causas e consequências</li> <li>- A absolutização da economia como único valor político</li> </ul> </li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>. O direito à paz <ul style="list-style-type: none"> <li>- A legítima defesa nos limites da necessidade e da proporcionalidade</li> <li>- A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis</li> <li>- O desarmamento</li> <li>- A negociação democrática como instrumento de governo</li> <li>- A resistência não-violência e o pacifismo: Mahatma Gandhi</li> <li>- O direito internacional</li> </ul> </li> </ul>

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 83.

. O Papa Francisco, Mensagem para o dia Mundial da Paz, 2014

. Diálogo, perdão e reconciliação

. Premio Nobel da Paz: critérios de escolha dos premiados

. Instituições de promoção da paz no mundo

- União Europeia
- Organização das Nações Unidas
- Tribunal Internacional dos Direitos do homem

. A lei de Talião, contra os abusos de poder: “olho por olho, dente por dente” Lv 24, 17-21

. A proposta de Jesus para a construção da paz

- O amor aos inimigos: Mt 5, 43-48
- O Perdão: Mt 18, 21-22
- O sermão da Montanha: Mt 5, 1-12

. Regras de ouro, transversal aos vários credos:

- “Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros” (Confúcio);
- “Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo” (Sunnah);
- “Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti” (judaísmo: Rabi Hilel);
- “o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (cristianismo: Lc 6, 31).

. A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade;

. Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz

## PARTE II – *EDUCAÇÃO PARA OS VALORES – EDUCAÇÃO PARA A PAZ*

### 1. Educação – o que é educar?

Educar é a ação de promover a educação, que compreende todos os processos, institucionalizados ou não, que visam transmitir determinados conhecimentos e padrões de comportamento a fim de garantir a continuidade da cultura de uma sociedade, “e participar com amor no crescimento das pessoas e na construção do seu futuro”<sup>25</sup>

No sentido mais amplo educar é socializar, é transmitir os hábitos que capacitam o indivíduo a viver numa sociedade, e esses hábitos começam a ser plantados logo na primeira infância ou na idade infantil.

Educar é estimular, desenvolver e orientar as aptidões do indivíduo, de acordo com os ideais de uma sociedade determinada. É aperfeiçoar e desenvolver as faculdades físicas, intelectuais, morais e é preparar o cidadão para a vida. Porque, segundo P. José Manuel Martins Lopes, SJ, “a educação tem como objetivo é construir simultaneamente pessoas competentes e com bom coração, pessoas melhores, mais maduras, senhoras e responsáveis das suas vidas, capazes de lerem com objetividade a realidade”<sup>26</sup>. Educar é também; ensinar, transmitir os conhecimentos e é também instruir. O caráter institucional da educação torna-se nítido quando é manifestado na sua forma mais concreta que é a escola, encarregada de preparar e de formar o indivíduo para a sua futura vida profissional.

Em todas as culturas são encontrados mecanismos para a perpetuação da educação, em forma de normas que determinam algumas relações básicas entre pais e filhos, entre jovens e idosos, entre mestres e alunos. A mera convivência das gerações encarrega-se de completar a educação. Por isso,

“Educar é muito mais do que instruir, é orientar os alunos na sua integralidade, desenvolvendo uma multiplicidade de competências que enriquecem a pessoa humana, a criatividade, a imaginação, a capacidade de assumir responsabilidade, a capacidade de amar o mundo”<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> 23º CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Educar os jovens para a fé*, Documentos Capitulares, no. 02, Roma 4 de Março – 5 de Maio de 1990, p. 21.

<sup>26</sup> J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, *PASTORAL CATEQUÉTICA*, nn. 34-35 (2016) p. 14.

<sup>27</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrumentum laboris, Educação hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, 2014, pp. 14-15.

Educar foi e é, provavelmente, uma das tarefas mais difíceis e ambiciosas do homem, quer de modo individual, quer coletivo. Educar, encaminhar, conduzir, ensinar e aprender são fenómenos e processos observados em qualquer sociedade ao longo da história da humanidade.

É uma evidência o facto de na sociedade atual a escola, e a educação escolar, se manifestar uma realidade omnipresente e representar um propósito de existência com uma importância inquestionável. Todavia, o nascimento daquela, tal como a concebemos, surge como uma causa direta do crescimento acelerado e do complexo progresso das sociedades humanas, tendo a mesma indo adotando formas, desenvolvendo dinâmicas e estabelecendo objetivos distintos, conforme os momentos da divisão cronológica da história onde se entronca. Deste modo, a escola foi evoluindo desde a sua génese até aos nossos dias, desenvolvendo sucessivas capacidades de adaptabilidade, interrelacionando-se com fatores propulsivos, de tanta complexidade, como a política, a economia, a mentalidade, a cultura, ou a religião da população a quem serve. Trata-se de uma entidade provinda, tal como define Lorenzo em 1994, “de processos históricos complexos e nunca neutros, já que beneficiaram sempre uns em detrimento de outros”<sup>28</sup>.

Nesta senda, estudos no âmbito da História, Sociologia e Educação tornam evidente que uma das tarefas primordiais de todas as sociedades humanas organizadas, a partir de um determinado período histórico, tem sido, indubitavelmente, a transmissão, de geração em geração, de um modo coletivo de viver e perceber o mundo para nele se integrar e impulsionar as mudanças. É pois evidente que a escola, enquanto entidade, desde o seu surgimento que se prontificou a cumprir com funções que a foram distinguindo das demais instituições. Todavia, em natura, a instituição escolar advém e progride a coberto das necessidades educativas dum Estado e, neste sentido, assentimos com a asseveração de Fernando Elias<sup>29</sup>, quando o autor concebe que a educação se constitui, sem dúvida, a mais importante referência que se associa ao conceito de escola, porquanto a análise do “sentido que damos à organização de instituições escolares leva-nos à necessidade de delimitar o significado que damos ao termo

---

<sup>28</sup> J. G., SALLÁN, *La organización escolar: contexto y texto de actuación* - Editorial La Muralla, Madrid 1996, p. 18.

<sup>29</sup> FERNANDO ELIAS, é mestre em Ciências da Educação - Especialização em Educação e Diversidade Cultural, pela FPCE-UP. A sua formação académica inicial é em Contabilidade e Administração, pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra. Possui ainda o Curso Superior de Estudos Especializados em Organização e Administração Escolar, pelo Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação de Leiria. É Professor Titular do quadro de escola no Agrupamento de Escolas de Colmeias, do qual é Presidente do Conselho Executivo desde 1995. Integra o Conselho das Escolas e o Conselho Científico para a Avaliação de Professores (CCAP).

organização e a conhecer a realidade do seu estudo com referência a este tipo de organizações”<sup>30</sup>.

Cronologicamente, durante os primeiros milénios da humanidade, a educação não passou de uma mera atuação prática, não havendo da parte do sujeito adulto qualquer propósito objetivado para ajudar na aprendizagem dos jovens, ocorrendo a mesma em contextos díspares e decorrentes da necessidade prática quotidiana. Assim sendo essa dinâmica intencional de transmissão de informação e conhecimento, aquando do período Pré-Histórico, fez-se, em primeira instância, de modo e em contexto informal, mediante a imitação das ações dos adultos nas suas atividades quotidianas, longe dum intuito organizacional que servisse propósitos pré-estabelecidos.

Haverá sido durante a Antiguidade que terá tido início a preocupação sobre o que e como ensinar, estabelecendo-se aqui o primórdio da pedagogia – o exercício duma ação concreta de ensinar os indivíduos, desempenhada em sede própria além do âmbito familiar, militar e religioso. Surgem, então, as primeiras referências às entidades cuja incumbência primordial se relaciona com a aprendizagem e a educação dos indivíduos. São de destacar as menções aos polos de aprendizagem no Antigo Egipto, no mundo Grego e no império Romano. Se no primeiro as fontes referem que a preocupação em e como ensinar os mais novos não passariam de atuações empíricas com reprodução consuetudinária de atos didáticos, nos seguintes a análise documental permite-nos perscrutar a educação além do ensinar e aprender: uma formação plena e holística com vista à integração e participação cívica e política do indivíduo enquanto cidadão<sup>31</sup>. Porque, “a educação não é um trabalho e nem uma tarefa, mas, é uma missão”<sup>32</sup>. O Papa Francisco disse ainda “educar é um gesto de amor, é dar vida”<sup>33</sup>.

Podemos então afirmar que, historicamente, se encontra forjado o processo embrionário e evolutivo da entidade escola, intensamente relacionada com outras realidades próximas aos sujeitos e norteadas com vista a facultar o sistema de participação e intervenção que afiançasse, por sua vez, a socialização e o desenvolvimento pessoal dos indivíduos no seu meio. Constatamos, ainda, que radicam neste embrião alguns dos valores que virão a ser consignados na época das luzes e, temporalmente mais tarde, no século XX, como pedras basilares das sociedades ocidentais desenvolvidas e estruturantes, elas mesmas, das suas

---

<sup>30</sup> F. ELIAS, *A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes*, Fundação Manuel Leão, Porto 2008, p. 25.

<sup>31</sup> Cf. M. H. A. REVEZ, *Gestão das Organizações Escolares Liderança Escolar*. Coleção Análise da Ação Educativa, Edições Cosmos. Chamusca, Santarém 2004, p. 23.

<sup>32</sup> J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, p. 14.

<sup>33</sup> Discurso do Papa Francisco aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, *Sala Clementina, Quinta-feira, 13 de Fevereiro de 2014*.

próprias instituições educativas. Esta escola da Antiguidade Clássica funde a necessidade da existência dum contexto formal de aprendizagem e de formação exterior à família com a liberdade e o direito às mesmas, com vista a um crescimento harmonizado do ser humano enquanto indivíduo e cidadão<sup>34</sup>. Esta é a aceção da escola e da educação educativa de hoje. Uma organização, exterior à família, no seio da qual se forjam os homens e as mulheres que constituirão o futuro da Humanidade.

Deste modo, pensar nas instituições educativas como organizações distintas das demais é considerar: a) uma consequência duma construção social cogitada por determinados grupos sociais dominantes num designado espaço e momento; b) um resultado dos complexos histórico-geográficos que a conceberam e foram modelando, tornando-a numa realidade multifacetada e complexa; e c) uma entidade que procura cumprir com um conjunto de funções explícitas mas também com um conjunto de móbiles implícitos. E desta feita, a escola foi-se constituindo, ao longo do seu milenar percurso, através de diversas concretizações sócio históricas, desde a sua conceção embrionária como instituição familiar e militar, passando pelo crescimento enquanto instituição religiosa, para posteriormente se secularizar e converter em assunto do Estado, se nacionalizar e transformar em instituição estatal uma organização específica, com tendência autonómica<sup>35</sup>. Assim, a instituição educativa nasceu e evoluiu de acordo não só com o nível e as características que as necessidades educativas foram impondo e determinando como, de igual modo, mediante os interesses que os grupos dominantes consideravam determinantes colocar ao seu serviço, conferindo-lhe o carácter duma unidade social sujeita a um processo de construção rica de significados e plena de funções e objetivos próprios<sup>36</sup>. Tal como refere Fernando Elias, “as instituições educativas ordenam-se de acordo com uma estrutura que reflete os interesses de grupos e que mostra o domínio de uns planeamentos sobre os outros”<sup>37</sup>. Portanto, e paulatinamente, a escola foi-se afirmando como uma organização singular, tal como alude Fernando Elias: “intensamente relacionada com outras realidades próximas ao indivíduo, dirigida a possibilitar os processos de intervenção sistemática que garantissem a socialização e o desenvolvimento pessoal”<sup>38</sup>.

É senso comum, que há já muito que a Educação passou do obscuro domínio da esfera doméstica para o poder do domínio público, de fenómeno individual de carácter elitista para fenómeno global destinado a massas e se assume como um elemento central de homogeneização de saberes, cultura e apropriação de uma cidadania nacional e, como tal,

---

<sup>34</sup> Cf. M. H. A. REVEZ, *Gestão das Organizações Escolares Liderança Escolar*, pp. 22-23.

<sup>35</sup> *Ibidem*, pp. 23-24.

<sup>36</sup> Cf. L. LIMA., *A Escola como Organização e a participação na Organização Escolar*, Universidade do Minho. Instituto de Educação, Braga 1992, p. 234.

<sup>37</sup> Cf. F. ELIAS, *A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes*, p. 30.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 27.

como Entidade de afirmação de um Estado – Nação. Ora, é precisamente neste *êmbolo* que radicam algumas questões que merecem ponderação, no âmbito dos novos desafios para a profissionalidade docente e consecutivamente da Educação Escolar. A progressiva expansão da escola a todas as camadas e grupos sociais, condição da crescente massificação da educação tem de coincidir, necessariamente, com uma mudança de forma da escola. Vivemos hoje, um mundo pleno de contradições e paradoxos. A escola de hoje, bem como a de amanhã, constitui-se o significante de uma realidade social não só quantitativa mas também qualitativamente distinta da do passado.

Os princípios defendidos e consolidados ao longo deste último século, os objetivos e o perfil exigido a quem deve exercer não só a função docente, como também a de gestão escolar, que presidiram, de resto, à construção da Escola tal como a conhecemos ao longo do nosso percurso como indivíduos, estão inevitavelmente em constante e sistémica evolução. É necessariamente com esta realidade distinta que os decisores políticos, os agentes educativos e a opinião pública, em geral, vão ter de se entender e é em função dela que a escola, os perfis e a formação de quem nelas exerce os seus múltiplos desempenhos profissionais vão ter de se repensar. O filósofo alemão, Immanuel Kant afirmou que a educação tem uma finalidade: formar o carácter. Segundo o P. José Manuel Martins Lopes, sj, “educação não tem só a ver com uma preparação dos alunos para o mundo do trabalho, mas também, e sobretudo, com uma promoção do carácter da pessoa”<sup>39</sup>.

É importante, então, considerar a mensagem de alguns investigadores e autores de referência e o seu modo de perspetivar e problematizar o Mundo de hoje, a Educação e as organizações educativas. As suas proposições têm-se constituído referências de base da escola e da Educação do amanhã.

Para Peter Drucker, a futura sociedade, a pós capitalista, será a do *conhecimento*. Nesta sociedade o *saber* constituirá o recurso-chave prioritário de conveniência pública, a ser utilizado na inovação sistemática e como um meio para alcançar todo o tipo de resultados, desde os sociais aos económicos. Atentar no conceito *Sociedade do Conhecimento* é considerar a mais-valia da aplicação do conhecimento ao trabalho, ou seja, a *produtividade* e a *inovação*.

Neste âmbito, há igualmente que ponderar numa outra vertente da atual realidade, mas sobremaneira da futura, a da denominada *Sociedade das Organizações*. Os professores, além de profissionais dum macro sistema, o Educativo, exercem o seu desempenho quotidiano em *contextos* distintos, com *características* diversas e, conseqüentemente, com uma *cultura* e um

---

<sup>39</sup> Cf. J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, p. 28; in I. KANT, *Pedagogia, Akal*, Madrid 1983, p. 72.

*ethos* próprio – *as organizações educativas*. Ora, uma organização é uma estrutura composta, num plano mais lato, por um grupo humano, em sentido mais específico constituída por subgrupos de especialistas que trabalham numa tarefa, para que sejam alcançados objetivos e finalidades comuns<sup>40</sup>.

Já Andy Hargreaves, preconiza uma Sociedade Pós Moderna caracterizada pela mudança acelerada, pela necessidade de compreensão intensa do tempo e do espaço, pela diversidade cultural, pela complexidade tecnológica, pela insegurança nacional e pela incerteza científica. Tal, mais não significa que os inúmeros desafios que as transformações sócio históricas colocam aos professores e à escola na preparação das gerações do futuro *em tempos de mudança*. Andy Hargreaves, coloca o móbil desta problemática na exigência de uma formação para a cidadania das gerações futuras, na reclamação duma responsabilização social e, obviamente, na correspondente e conveniente participação política<sup>41</sup>. Esta última, quanto a nós, dever-se-á reger muito para além das conformidades políticas dos sucessivos governos, necessitará abraçar a cientificidade das Ciências da Educação, para que não nos percamos, como tem vindo a acontecer no nosso país desde a década de setenta, em reformas inábeis da sua efetiva funcionalidade.

Não é pois por acaso que estabelecemos, nesta altura da nossa explanação, uma das derradeiras âncoras empíricas desta análise, as *Organizações em Aprendizagem*, tão defendidas, para este novo milénio por cientistas como Peter Senge e os seus seguidores. Concluem os seus trabalhos que as incapacidades de aprendizagem funcionam como verdadeiros travões à mudança e ao desenvolvimento, ao mesmo tempo que são características das tradicionais pesadas estruturas altamente burocratizadas e administrativamente controladas. Neste âmbito integram-se, prioritariamente, as organizações educativas, não só pela peculiaridade das suas funções como pelas expectativas criadas pela Sociedade do Conhecimento, na qual se integram, e das quais em muito pode depender o futuro das próximas gerações<sup>42</sup>.

Entre tantas correntes e perspetivas elegemos por fim, Daniel Goleman e o Papa Francisco. Para o primeiro a inteligência emocional é fulcral no mundo das organizações, nomeadamente nas educativas, onde criar laços é uma das múltiplas competências. Para o segundo, um pilar da Educação na atualidade, para quem não há excluídos da tarefa da educação e da escola, é tarefa de todos, cabe a todos e cabem todos na tarefa de formar e

---

<sup>40</sup> Cf. P. DRUCKER, *A Administração na próxima sociedade*, 1ª Ed., Editora Nobel, S. Paulo 2003, pp. 89-90.

<sup>41</sup> Cf. A. HARGREAVES, *Os Professores em Tempos de Mudança*, Alfragide: McGraw-Hill – Ciências da Educação, Wook, Portugal 1998, p. 230.

<sup>42</sup> Cf. P. M. SENGE, *The fifth discipline – The art and practice of learning organization*. Double Day/Currency, New York 1990, p. 37.

educar para que ninguém deixe de, além dos conteúdos que aprende, ser pessoa! O centro, quanto a mim, de toda a formação!<sup>43</sup>

### 1.1. Ainda é possível educar?

A pergunta não é retórica. Todos os dias os jornais, canais de televisão, net, facebook, instagram e outras comunicações sociais apresentam novos episódios e desafios desconcertantes que revelam aspetos que cada vez mais assustadores do mundo estudantil. Nesse sentido, são “desafios educativos hoje e amanhã”<sup>44</sup>. Aqui, é que nos questionamos, qual o papel que as grandes entidades educativas que devem desenvolver para que possam garantir essa continuidade? Que papel tem hoje a família, a escola na educação? E qual é o papel que compete à Igreja? Segundo Pe. Nuno Burguete, sj,

“Educar é um sonho. Educar é semear; é preciso que o terreno seja conhecido por nós; que as sementes sejam as adequadas. Todos sabemos que semear não é colher. Somos todos chamados e todos respondemos à nossa missão, sabendo que semeamos mas outros vão colher; só às vezes conseguimos, também nós, colher alguma coisa”<sup>45</sup>.

No entanto, a educação precisa de uma grande aliança entre os pais e todos os educadores para propor a cada educando uma vida plena, rica de sentido, aberta a Deus, aos outros e ao mundo. Esta aliança é ainda mais necessária, porque a educação é uma relação pessoal, e não é apenas conhecimento, mas também experiência<sup>46</sup>. Por isso, “tais instituições (escola, família, Igreja), são, lugares onde a transmissão do conhecimento é central...são ambientes de vida, onde se doa uma educação integral”<sup>47</sup>. A nossa época é conhecida como a época do conhecimento. A informação fora da escola, através das comunidades virtuais impressiona pela quantidade. Hoje em dia, é impossível controlar e contornar este fato. A escola já não é o «local» privilegiado de aprendizagem. A aprendizagem informal, sobretudo através das comunidades virtuais, ganha uma preponderância e uma força tremenda em relação à aprendizagem mais formal. Nesse sentido, o grande desafio que se coloca à escola é

---

<sup>43</sup> Cf. D. GOLEMAN, *Inteligência Emocional*, Kairós, Barcelona 1996, p. 15.

<sup>44</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrumentum laboris, Educação hoje e amanhã*, p. 11

<sup>45</sup> N. BURGUETE, *Jovens de Hoje, Cidadão de Amanhã*, Comunicações ao 1º Encontro Fé & Educação, promovido por Gracos – grupo de reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus, Editoria A. O, Braga, 1998, p. 33.

<sup>46</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrumentum laboris, Educação hoje e amanhã*, pp. 11-12

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 11.

como, “ajudar os estudantes a contruir(em) os instrumentos críticos indispensáveis para não se deixar(em) dominar pela força dos novos instrumentos de comunicação”<sup>48</sup>.

A educação, não se reduz a uma mera transmissão de informações, como se insere dados num computador, mas é uma tarefa essencialmente humana e visa a formação de homens íntegros. Isso só é possível com a colaboração da inteligência e da liberdade do educador e do educando. Um primeiro requisito então para uma autêntica educação é considerar cada aluno como uma pessoa única e irrepetível, e não como uma fração no meio de um grupo. Isso implica o esforço por conhecer cada aluno pelo nome e levá-lo a sair do anonimato da massa<sup>49</sup>. É necessário então interpelar a responsabilidade pessoal, estimulando as crianças, jovens e adultos, para que eles se esforcem em desenvolver as capacidades de que foram naturalmente dotados.

Outro desafio importante da educação é a integração dos diversos saberes na totalidade da pessoa. Se isso não ocorre, diversos setores do conhecimento disputarão entre si a primazia sobre os outros (matemática, física, psicologia, história, sociologia, economia etc.), como ocorre desde o início da modernidade. Como consequência, os alunos sentem-se perdidos e desinteressados. De fato, o conhecimento transmitido deve ser assimilado e integrado, pois a pessoa é sempre uma realidade una e nunca fragmentada<sup>50</sup>. Quando ocorre a integração, as pessoas amadurecem e tornam-se preparadas para a vida social, para trabalhar em prol do bem comum com espírito de verdadeiro respeito e autêntico diálogo<sup>51</sup>. Na educação existem duas vertentes inseparáveis: o ser e o saber. Segundo P. José Manuel Martins Lopes, sj, disse que ‘uma educação que se centrasse somente num destes polos poderia arriscar-se a “formar” ou “só beatos” no sentido negativo da palavra, ou só “cientistas”’<sup>52</sup>.

### 1.1.1. Educar é uma função de todos?

Qual é o professor, o pai, a mãe ou encarregado da educação que já teve a curiosidade de saber qual é o verdadeiro significado da palavra educar? E se essa é uma tarefa da família ou da escola? Para a maioria das pessoas “educar” é uma obrigação exclusiva das escolas e de

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>49</sup> Horkheimer e Adorno analisaram a presumida autossuficiência do progresso intelectual da modernidade. E denunciaram a «triumfal desventura» causada pela hegemonia da técnica (superioridade do «fazer» sobre o «ser»). A técnica «realiza a angústia mais antiga, aquela de perder o próprio nome». Esse seria o custo pago quando se trocou o antigo ideal sapiencial da educação para o moderno. Passou-se do ideal de «saber viver» para o «saber fazer». Cfr. M. Horkheimer, T.W. Adorno, *Dialettica dell'illuminismo*, Torino, Einaudi 1966, pp. 11, 36 e 37.

<sup>50</sup> Cf. C. CARDONA, *Ética del que hacer educativo*, Rialp, Madrid 1990, p. 15.

<sup>51</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis, Sobre a Educação Cristã*, no. 1.

<sup>52</sup> Cf. J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, p. 16.

seus respectivos profissionais, esquecendo-se que Educar é uma função de todos, tanto dos pais quanto dos professores/educadores.

O conceito de educar vai muito além do ato de transmitir conhecimento, educar é estimular o raciocínio, é aperfeiçoar o senso crítico, as faculdades intelectuais, físicas e morais.

O homem é um ser que precisa de orientação e informação. Esses conhecimentos são adquiridos na escola, e ela, juntamente com os pais, deve despertar nos alunos a curiosidade e a capacidade para entender o mundo que os cerca, e de ensinar os conceitos empregados pela sociedade.

A educação é função de todos, pois aprendemos até mesmo numa conversa com uma pessoa de outra cultura, que recebeu uma educação diferente da nossa. Aprendemos também com os nossos familiares, pessoas com quem convivemos, seja na escola, em casa ou no trabalho. A educação é algo que cabe em qualquer lugar.

### 1.1.2. O que é Educação?

A educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes. Assim não existem modelos de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre e nem muito menos o professor é o seu único agente. Existem inúmeras formas de educação e cada uma atende a sociedade em que ocorre, pois é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria. O objetivo da educação não é doutrinar, manipular, mas sim, fomentar a atitude crítica diante da complexidade dos fenômenos e das materiais, para além de modas e de preconceitos do momento<sup>53</sup>.

A escola surge com o desenvolvimento do cristianismo na Antiga Europa para uma educação que salvava almas, isso perdurou até o final do século XIX quando Émile Durkheim começou a ligar educação e sociedade, a educação vira a fato social, pois para ele há um consenso harmônico que mantém o ambiente social, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”<sup>54</sup>. A escola visa ser uma comunidade aberta, sincera, que cultiva relações justas e de proximidade e “faça com que a escola seja um lugar onde as crianças

---

<sup>53</sup> J. CORREIA, “A Radicalidade de um projeto educativo de matriz católica – o desafio de ser grão de mostarda”, *PASTORAL CATEQUÉTICA*, Nº 34-35 (2016) p. 62.

<sup>54</sup> B. C. RODRIGUES, *O que é educação*, 33ª Ed., Editora Brasiliense, São Paulo 1995, p. 116.

queiram ir”<sup>55</sup>. É, por isso, bem mais do que números, turmas, estatística, metas, rankings. Distingue-se, por relações que se fundam na verdadeira atenção e conhecimento de cada um, na adequação do percurso formativo às suas características, ritmos e circunstâncias<sup>56</sup>. No entanto, a educação corresponde a um projeto relativo ao sentido da vida tomada na sua totalidade<sup>57</sup>.

## 1.2. Tipos de Educação

### 1.2.1. Grau de formalização

No que respeita ao grau de formalização, podemos encontrar situações educativas: formais, não-formais ou informais. Os critérios de diferenciação das diferentes situações educativas passam pelo grau de intencionalidade, deliberação e estruturação. Assim, tem que ver com o grau de planificação, com a intenção, e com a formalização das atividades ou processos educativos.

A educação formal, é um sistema educacional institucionalizado, cronologicamente nivelado e hierarquicamente estruturado, abarcando desde o mais baixo nível de ensino até aos mais altos níveis superiores. Remete para a escolarização e transmissão deliberada de conhecimentos e atitudes explicitamente definidos e estruturados no espaço e no tempo<sup>58</sup>.

A educação não formal, ocorre fora do sistema regular de ensino, sendo complementar a este. É toda a atividade educacional organizada, sistemática e continuada fora da estrutura do sistema formal, que proporciona a subgrupos particulares da população tipos de aprendizagem selecionados. Embora organizado, os resultados de aprendizagem não são formalmente avaliados. Contudo, é intencional, sistemática e deliberada, mas não está formalmente organizada, ou seja é uma situação educativa não escolar, organizada fora do sistema académico convencional.

A educação informal, é um processo contínuo, através do qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades e perceções, a partir das experiências quotidianas e da sua exposição ao meio envolvente. Não é necessariamente organizada, podendo incluir os

---

<sup>55</sup> C. BONA, *A Nova Educação – O Professor que está a revolucionar a Escola*, 1ª ed., Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda., (printer portuguesa), Lisboa 2017, p. 118.

<sup>56</sup> *Ibidem*, pp. 62-63.

<sup>57</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Educar para a Liberdade e para o Amor*, temas de educação cristã, nº 08, Lisboa 1991, p. 11.

<sup>58</sup> Cf. J., TRILLA, *Introducción, in la Ciudad Educadora – La Ville Éducatrice*, Ajuntament de Barcelona, Regidora d'Edicions 1 Publicacions, Barcelona 1990, pp. 13-21.

processos educativos produzidos de forma indiferenciada e subordinada a outros objetivos. A função educativa não é dominante, mas remete para a transmissão de atitudes, conhecimentos e capacidades, com diferentes modos de organização (Colleta, 1996)<sup>59</sup>.

### 1.2.2. Educação no grau de ciências

No que respeita ao grau das ciências, podemos encontrar várias situações educativas: Educação ambiental, familiar e escolar, cidadania, social, sexual, física, especial, moral, corporativa, à distância. Vou destacar aqui a educação familiar e educação escolar e a educação para a cidadania.

#### 1.2.2.1. Educação Familiar e Educação Escolar

Muitos pais pensam que a percentagem maior da educação está com as escolas. É um grande engano. Com este pensamento pode perder-se o sentido de família, que é a primeira instituição educativa. Na *Declaração Gravissimum Educationis* afirma-se que, “a primeira instituição responsável pela educação é a família. Os pais têm o direito e o dever de educar os filhos”<sup>60</sup>. À família é pedido que tudo faça para que se crie no seu seio um clima de amor e piedade para com Deus e para com os homens. A verdadeira educação, que implica a educação cristã, é a que educa responsabilmente o homem para o seu fim último, Deus... É a família que pode contribuir para um crescimento saudável do educando para este fim... A família é o espaço, o ambiente onde se vive uma fé incondicional nas possibilidades de crescimento do outro. A família surge, assim, como o ambiente onde um educando faz a sua primeira experiência de uma sã sociedade humana e da própria Igreja<sup>61</sup>.

No entanto:

“A maioria entende que as funções fundamentais da família são: a) dar cuidados básicos, proteger a criança e o adolescente até que consigam autonomia; b) transmitir segurança; c) conduzir e estabelecer limites; d) dar estabilidade; e) criar condições para o desenvolvimento intelectual, emocional e social incluindo a aquisição de

---

<sup>59</sup> *Ibidem*, in PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO DA FPCEUC, no plano de estudos do 3º ano do ano letivo de 2014/2015.

<sup>60</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, 07.

<sup>61</sup> Cf. J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, pp. 17-19.

competências básicas e de comportamentos sociais; f) ensinar a respeitar as leis para que exista segurança; g) contribuir para a prosperidade económica da sociedade<sup>62</sup>.

Por isso:

“A educação é um processo de socialização, ou seja, de progressiva integração e recriação social. A primeira das instituições de sociabilização é a família. A família tem uma prioridade de natureza e, portanto, uma prioridade de direitos relativamente à sociedade civil. À família cabe a responsabilidade primeira da orientação global do processo educativo”<sup>63</sup>.

A escola representa um complemento, um direcionamento, da educação familiar. O termo “escola” deriva do grego *skholé*, “descanso”, pelo latim *schola*- “ocupação literária; lugar onde se ensina”<sup>64</sup> ou *schola* refere-se ao estabelecimento, onde se dá qualquer género de educação. Também permite fazer alusão ao ensino que se dá ou que se recebe, ao conjunto do corpo docente e discente de um mesmo estabelecimento escolar, ao método, ao estilo peculiar de cada professor/docente para ensinar, a doutrina, aos princípios e ao sistema de um autor.

Por mais que os educadores desempenhem um papel primordial na orientação da criança, não dispensa os pais da responsabilidade maior na educação dos seus filhos.

A escola, neste sentido, é uma instituição de grande interesse social que pode (ou não) dar asas e ser o suporte para o voo dos alunos que passam pelas suas salas de aulas. Este poder é-lhe atribuído pela própria sociedade, a partir da ação dos seus representantes. Neste momento, por exemplo, de inserção de tantas novas ferramentas de informação e comunicação no mundo inteiro, é comum que se questione a eficácia e/ou mesmo a necessidade da escola, ao menos dentro do modelo estático, convencional e conservador que em muitos casos ela ainda se mantém<sup>65</sup>. Na escola, todos os seus componentes devem ter como objetivos principais o conhecimento e a construção de valores consistentes para a vida. Não podemos deter-nos apenas na transmissão de conteúdos.

A escola e a família são duas instituições que têm papel importante no crescimento de um ser humano. A escola será o que forem os seus alunos<sup>66</sup> e os seus educadores. As famílias

---

<sup>62</sup> M. NABUCO, “Evangelizar com a família na escola católica”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) pp. 66-67.

<sup>63</sup> M. DA CRUZ, “Liberdade de ensino e acesso à educação”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) p. 84.

<sup>64</sup> DICIONÁRIO DA LÍNGUA Portuguesa, *Portuguesa com Acordo Ortográfico*; in. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escola>. (ver o dicionário infopédia).

<sup>65</sup> Cf. J. L. A. MACHADO, *discurso sobre a educação, especialmente conceito da escola*, Rio Grande do Sul março 2012, in <http://cmais.com.br/educacao/escola-o-que-e-isso>.

<sup>66</sup> Por vezes, esquecemo-nos de consciencializar os alunos que eles são os primeiros responsáveis na sua educação. Esta consciencialização deveria começar o mais cedo possível. Quando os alunos acham que ao

são necessárias para uma vida saudável dentro da escola. Esta é o reflexo, o espelho da própria família<sup>67</sup>. A organização interna da escola, caracteriza-se pela relação de participação/responsabilização entre os seus membros. Os alunos e os professores são chamados a participar na gestão pedagógica da escola (“self-government”) e na planificação das atividades<sup>68</sup>.

No entanto, os alunos, educadores, docentes e não docentes, família e encarregados de educação formam uma grande comunidade educativa. Unidos, são um dos grupos mais fortes, se não o mais forte de reestruturação da sociedade.

É fundamental que a educação não se reduza à avaliação sobre a eficiência dos instrumentos que utiliza. Por vezes, no mundo da educação, e não só, qualidade é confundida e identificada com resultados pautados pela eficiência. Ora, nós sabemos que educar, porque está em causa a pessoa como pessoa, exige processos muito longos que só o tempo poderá comprovar. Na educação, nem sempre quem semeia colhe. É por isso, que na educação o educador tem de levar dentro de si um espírito de abnegação e mortificação. Uma educação, para ser mais responsável, deve estabelecer alianças amplas, com toda a comunidade educativa, desde a família, ao grupo, aos meios de comunicação social, à Igreja, e à escola<sup>69</sup>.

#### 1.2.2.2. Educação para a Cidadania

A educação para a cidadania, enquanto processo educativo visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.

A prática da cidadania constitui um processo participado, individual e coletivo, que apela à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade. O exercício da cidadania implica, por parte de cada indivíduo e daqueles com quem interage, uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social.

“A cidadania traduz-se numa atitude num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da

---

estudares e a lutarem por serem bons alunos estão a fazer «um favor» a alguém, algo não está a correr bem num processo educativo o qual, naturalmente, começa na família.

<sup>67</sup> Cf. J. LOPES, “A Educação: uma missão vivida com – Paixão”, p. 33.

<sup>68</sup> Cf. R. GAMBÓIA, *A Reconstrução da modernidade em John Dewey, Educação, Ética e Democracia*, Edições ASA, Porto 2004, p. 111.

<sup>69</sup> Cf. *Ibidem*, p. 49.

igualdade, da democracia e da justiça social. A escola constitui um importante contexto para a aprendizagem e o exercício da cidadania e nela se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da educação para a cidadania, tais como: educação para os direitos humanos; educação ambiental/desenvolvimento sustentável; educação financeira; educação para o empreendedorismo; educação para a igualdade de género; educação intercultural; educação para o desenvolvimento; educação para a defesa e a segurança/educação para a paz; voluntariado; educação para os media; educação para a saúde e a sexualidade”<sup>70</sup>.

### **1.3. Os desafios de educar com qualidade**

Os desafios de educar com qualidade;

“Educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas obriga-nos a reaprender a ensinar e a aprender a construir modelos diferentes dos que conhecemos até agora. Ensinar e aprender hoje não se reduz a estar um tempo numa sala de aula. Implica modificar o que fazemos dentro da sala de aula e organizar ações de pesquisa e de comunicação que permitam a professores e alunos continuar aprendendo em ambientes virtuais, passando pelas páginas da Internet, onde encontram textos, novas mensagens, salas de aula virtuais, possibilidade de orientação à distância, etc”<sup>71</sup>.

Há uma preocupação com o ensino de qualidade mais do que com educação de qualidade. Ensino e educação são conceitos diferentes. É de extrema importância para a sociedade que o país coloque a educação no topo das prioridades. Ressalta-se que se essa iniciativa for realizada, a probabilidade de atingir um ensino de qualidade é grande.

É perceptível o grande desinteresse por parte dos profissionais da escola, equipas sem incentivo, profissão mal remunerada e principalmente o desinteresse por parte das famílias em relação ao que acontece com seus filhos no ambiente escolar.

---

<sup>70</sup> Cf. DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO, *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*, dezembro de 2012 – Atualizado em novembro de 2013, p. 1; [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/educacao\\_para\\_cidadania\\_linhas\\_orientadoras\\_nov2013.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf).

<sup>71</sup> Texto de autoria do Professor José Manuel Moran, *Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação*, ETAPA 2, março de 2006, p. 17; [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_educacao/midias\\_educ.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/midias_educ.pdf) (março de 2016).

Os grandes problemas na Educação são: exclusão, evasão, retenção e baixo nível de aprendizagem. O ensino organiza uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar o nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos. Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem as suas vidas em processos permanentes de aprendizagem.

Por isso, “os professores e as escolas são os mediadores do processo de aprendizagem dos alunos. Porque, os professores podem abrir portas e janelas para que as crianças (alunos, acrescento) se tornem pessoas plenas, a construírem o seu presente e futuro”<sup>72</sup>. Isto é, ajudar os/as alunos/as na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar os seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornar-se cidadãos realizados, éticos e produtivos. Porque,

“As crianças podem fazer muitas coisas e têm uma imaginação prodigiosa...são capazes de ver o que as rodeia de maneira diferente se conseguirmos libertá-las das muitas regras que se impõem nas escolas. Um professor ou uma professora devem ter dentro de si um motor de busca, repleto de perguntas: porquê? como? Onde? quanto? e porque não aprender com os alunos, isto é, serem eles a ensinar-nos?”<sup>73</sup>.

E, “nunca podemos esquecer que, se queremos ensinar, somos nós os professores, quem primeiro tem de aprender constantemente”<sup>74</sup>. Para isso, um/a professor/a aprende com quem o/a rodeia e vive esta profissão com maior intencionalidade. Porque, “todos os dias que vamos para a escola devemos fazê-lo com entusiasmo e viver com paixão o dom de exercer esta profissão”<sup>75</sup>.

Ensinar/educar é participar de um processo previsível. Mas, o que esperamos de cada aluno no fim de cada etapa? A educação principal é feita ao longo da vida, pela reelaboração mental-emocional das experiências pessoais, pela forma de viver, pelas atitudes básicas e práticas diante de todas as situações e pessoas. A avaliação escolar mostra-nos se aprendemos

---

<sup>72</sup> C. BONA, *A Nova Educação – O Professor que está a revolucionar a Escola*, p. 19.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 32.

alguns conteúdos e habilidades. Ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo. A sociedade ensina. As instituições aprendem e ensinam. Os professores aprendem, ensinam e, “são privilegiados porque todos os dias têm a oportunidade de mergulhar numa piscina infinita de imaginação, de entusiasmo e de inspiração de que todos e cada um de nós se alimenta”<sup>76</sup>. Isto quer dizer que, os professores têm uma grande responsabilidade para estimular, a sua curiosidade todos os dias, sobrevalorizar a tarefa de ensinar a empatia, a sensibilidade e o respeito.

Ensinar depende também do/a aluno/a se quer aprender e está apto a aprender em determinado nível (depende da maturidade, da motivação e da competência adquiridas). Fala-se muito de ensino de qualidade. No entanto, uma educação de qualidade envolve muitas variáveis: uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infraestruturas adequadas, atualizada, confortável, tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas; uma organização que congrega docentes bem preparados intelectualmente, emocionalmente e eticamente; bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais e onde haja circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos que facilite conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los. Isto é, o esforço “não só apenas da parte dos professores ou educadores, mas também dos pais e os encarregados da educação. Tem de devolver e colocar a educação no lugar que merece”<sup>77</sup>. Em relação ao papel do professor, os encarregados da educação fazem críticas sem sentido. Nesse sentido, César Bona disse,

“Às vezes, muitas pessoas dizem que ser professor consiste em abrir um livro, mandar fazer exercícios e fazer perguntas. No entanto, o que costuma acontecer aos adultos é que fazem críticas vagas em relação a algo em geral e não há alternativa. Uma crítica deve ser seguida de uma alternativa. É evidente que quem primeiro deve mostrar que deseja que a sua profissão seja respeitada, é o próprio professor”<sup>78</sup>.

O nosso maior desafio é contribuir para o avanço da educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de gestores e professores que façam essa integração em si mesmos, que sejam pessoas simpáticas, abertas, proativas, afetivas e éticas, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>78</sup> *Ibidem*, pp. 61-62.

suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando<sup>79</sup>. Uma palavra que está indissolúvelmente associada à profissão de educador é vocação. Isto é, uma convocação e um chamamento. Como se relaciona com esta profissão? É um desafio! No entanto, “não se trata apenas de uma questão de vocação, mas também é a questão de atitude”. Porque, nem o conhecimento nem a vocação são suficientes<sup>80</sup>.

Por isso,

“Um professor deve; estimular o compromisso social dos alunos: torná-los conscientes de que podem fazer um mundo melhor; estimular o respeito pelo meio e pelos seres que o partilham connosco; conhecer-se a si mesmo. Não podemos ensinar uma criança se não nos conhecemos; estimular todos os dias a criatividade e a curiosidade, e para isso tem de se ser curioso e criativo; aprender a gerir as suas emoções de modo a poder orientar os alunos para que saibam gerir as deles; transmitir atitude. Será um exemplo para centenas de crianças ou alunos; trabalhar em conjunto com as crianças ou alunos, pais e os encarregados de educação; ser um indivíduo tecnológico. Nesta altura, ninguém devia ter dúvidas acerca disso; ter a mente aberta e estar preparado para encontrar coisas maravilhosas à sua volta. E como professor, tenhamos consciência de que da nossa profissão advêm todas as outras; tenhamos consciência de que seremos a inspiração de centenas de crianças e alunos, o seu modelo. A nossa atitude, o modo de ver as coisas e a maneira como as conduzimos no momento de sentir e de viver todas as experiências na nossa companhia irá marcá-los para sempre”<sup>81</sup>.

Neste sentido, “não é preciso educar com base na competitividade. É preciso educá-los para que sejam melhores do que eram”<sup>82</sup>.

A educação no sentido formal é todo o processo contínuo de formação e ensino-aprendizagem que faz parte do currículo dos estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados. A educação é o alicerce da formação da pessoa.

O conceito de educar é um conceito abrangente que vai muito para além do ato de transmitir conhecimento; educar é estimular o raciocínio, é aperfeiçoar o sentido crítico, as faculdades intelectuais, físicas e morais. Mas a educação não se consegue sem a integração dos valores humanos e, daí, a necessidade da existência de uma educação para os valores. A verdadeira e plena educação necessita assentar na educação nos valores, valores esses que levam a um caminho para a educação para a paz.

---

<sup>79</sup> Cf. J. MORAN, *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*, 21ª ed., Papyrus, Brasil 2013, p. 21-24.

<sup>80</sup> Cf. C. BONA, *A Nova Educação – O Professor que está a revolucionar a Escola*, p. 62.

<sup>81</sup> *Ibidem*, pp. 65-66.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 57.

## 2. Educação Para os Valores

“Quando ocorrem mudanças culturais, qualquer que seja o tipo de sociedade, isso influencia diretamente o processo educativo que aí se instaura e que aí se desenvolve”<sup>83</sup>. É que os valores fazem parte de qualquer projeto educativo e social. Não é possível construir uma sociedade sem o suporte dos valores, nomeadamente, dos morais. No entanto,

“A educação cria condições para o desenvolvimento de um conjunto de valores que dão uma certa segurança à existência, assinalando o que é bom, o que não é bom, o que é correto, o que não é correto, o que se pode dizer, o que se pode fazer, oferecendo as coordenadas da existência que, depois, no dia-a-dia, não parecem estar tão seguras”<sup>84</sup>.

É que “a educação não é só instruir ou transmitir conhecimentos, mas integrar e gerir as diferentes dimensões de uma cultura, língua, tradições, crenças, atitudes e formas de vida. Porque, é uma educabilidade” que aparece como condição *sin-qua-non* (necessária) de uma aprendizagem para os valores. No entanto, “a educação para os valores é a educação do futuro. Visa formar a pessoa na sua integridade e na sua integralidade para que possa promover um mundo mais humano, em atitudes pessoais e sociais”<sup>85</sup>. Esta educação desenvolve,

“As capacidades de reflexão e de análise; respeita a liberdade e procura a autonomia; constrói-se a partir do diálogo e da solidariedade. Isto supõe entender a educação como um processo, como um caminho e considerar a pessoa na sua totalidade, incluindo a dimensão cognitiva, a dimensão afetiva, dimensão de escolha e a dimensão comportamental”<sup>86</sup>.

Entretanto, “o primeiro aspeto a zelar, espeitar ou introduzir é a dar valor à educação”<sup>87</sup>. Uma das tendências no currículo é o desenvolvimento de materiais de educação em valores e de estratégias de ensino. Porque, não há consenso definitivo, entre os educadores, sobre o que se poderá designar como um currículo da educação em valores. A

---

<sup>83</sup> L. BOFF, *Ética e Moral. A Busca dos Fundamentos*. Petrópolis, 2ª edição, Editora Vozes, S. Paulo 2003, p. 15.

<sup>84</sup> L. F. VALERO IGLESIAS, *Aproximación a una educación en valores*, P. P. U., Barcelona 1992, p. 26.

<sup>85</sup> M. A. HERNANDO, *Estrategias para educar en valores – Propuestas de actuación com adolescentes*, CSS, Madrid 2002, p. 84.

<sup>86</sup> A. G. BARBOSA, *O valor da gratuidade na educação dos jovens*, UCP editora, Lisboa 2007, p. 77.

<sup>87</sup> C. BONA, *A Nova Educação – O Professor que está a revolucionar a Escola*, p. 71.

maioria dos currículos de educação dos valores é usualmente apresentado no sentido de ajudar os estudantes a compreender a escolha dos valores e eventualmente chegar a melhores e mais fundamentadas decisões sobre os valores.<sup>88</sup>

A ligação profunda entre a educação e os valores, é um dado que se pode facilmente verificar ao longo da história.

Em cada época vincaram mais determinado lote de valores: cívicos, éticos-religiosos, artísticos...a dissociação entre valores cívicos-éticos e valores éticos-científicos está ainda hoje patente na separação que alguns professores fazem entre instrução e educação – certifica o que lhes compete ensinar e não educar<sup>89</sup>. Mas, a educação dos valores não é uma panaceia. Porque, pode ser tranquilizadora ou dececionante, conforme a perspetiva utilizada, saber que esta teoria dos valores não é uma receita universal para todos os males da criança e da educação.

A capacidade de criar valores e de valorar ações e objetos é uma das principais diferenças entre humanos e os animais, porque os valores estão ligados à existência humana, possuindo a dimensão objetiva e subjetiva: objetiva, na medida em que os valores são metas, objetivos, fins que pautam a conduta humana, subjetiva, porque estão intimamente ligados às motivações e aos desejos, o valor funciona como um modelo ideal de realização pessoal<sup>90</sup>. Acreditamos que cada individuo tem de chegar aos seus valores pessoais a partir dum conjunto disponível, mas ainda mais importante é o processo de tomar decisões em relação a uma escala dos valores. Os valores são ideais que valem independente das coisas e das nossas apreciações. Reconhecemos que valor ou não, esses ideais são valiosos: a amizade, a justiça, a paz, etc, são valores, mesmo que todos os homens fossem traidores, injustos, guerreiros. Numa palavra: os valores são ideais que não dependem de nós próprios, nem dos homens que nos rodeiam: não são subjetivos, mas objetivos.

A educação transmite os valores, “porque quer conservar, e quer valorizar positivamente certos conhecimentos, certos comportamentos, certas aptidões e certos ideais”<sup>91</sup>. Este ponto conduz-nos ao campo dos valores e objetivos educativos. Como se devem determinar? Donde se devem derivar? A suposição que dá origem aos procedimentos que acabamos de dizer são condições sociais que determinam os objetivos da educação. A educação é autónoma e deve ser livre para determinar os seus próprios fins e objetivos<sup>92</sup>.

---

<sup>88</sup> Cf. M. O. VALENTE, *A Escola e a Educação para os valores-Antologia de Textos*, 3ª Edição, UCP Editora, Lisboa 2000, pp. 275-276.

<sup>89</sup> Cf. F. ROCHA, *Educar em valores - coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, 10, Estante Editora, Aveiro 1996, p. 7.

<sup>90</sup> Cf. A. G. BARBOSA, *O valor da gratuidade na educação dos jovens*, p. 72.

<sup>91</sup> Cf. H. HANNOUN, *Comprendre L'education*, Nathan, Paris 1995, pp. 149-153.

<sup>92</sup> R. GAMBÔA, *A Reconstrução da modernidade em John Dewey, Educação, Ética e Democracia*, p. 40.

Segundo Cabanas,

“Existe uma crise dos valores na sociedade de hoje, deve-se ao pluralismo de ideias, ao receio de valores absolutos, à vivência de um relativismo axiológico, ao materialismo axiológico. Ele apresenta três grandes objetivos que marcam a educação para os valores: primeiro, que o educando conheça todos os valores mais importantes; segundo, que o educando se motive e prefira esses valores; terceiro, que o educando os incorpore, definitivamente, na sua vida pessoal. Esses objetivos correspondem a três níveis no assumir dos valores: primeiro, trata-se de uma aceitação de um valor (conhecimento); segundo, preferência de um valor (incorporação); terceiro, entrega a um valor (culto prático). O primeiro objetivo refere-se ao conhecimento dos valores. Trata-se de ensinar o educando a refletir bem sobre os valores. O segundo objetivo tende, não só a criar uma correta escala de valores, mas a criar no educando uma vontade de valor que assegure a tradução das suas atitudes axiológicas num comportamento axiológico. Por fim, o terceiro objetivo diz respeito à adaptação da sua conduta pessoal às exigências dos valores”<sup>93</sup>.

Neste sentido, exige também uma liberdade que abre ao educando um novo campo amplo para a valorização dos valores. A liberdade é um valor pessoal e intransferível, impõe-se aqui o respeito à pessoa humana; como eu sou um sujeito capaz de tomar posições, de avaliar, fazer opções, assim também aquele que vive ao meu lado, perto ou longe, é igualmente um sujeito e nunca um objeto.

A liberdade deve ser vista do lado do sujeito; trata-se de

“Uma experiência irreduzível, aditória ao pensamento; por isso, ela tem sido entendida como possibilidade de autodeterminação e de escolha, ato voluntário, espontaneidade, indeterminação, ausência de interferência, libertação de impedimentos, realização de necessidades, direção prática para uma meta, propriedade de todos ou alguns atos psicológicos, ideal de maturidade, autonomia sapiencial e ética, razão de ser da própria moralidade, etc”<sup>94</sup>.

De acordo com este autor a liberdade também pode ser encarada do lado do objeto. Nesse sentido,

---

<sup>93</sup> J. M.Q. CABANAS, *Pedagogia axiológica. La educación ante los valores*, Dykinson, Madrid 1998, pp. 619-620.

<sup>94</sup> T. SOUSA, *A Liberdade e a Autonomia, Polis (Enc.)*, Verbo da Sociedade e do Estado, vol. 3, Lisboa 1985, p. 100; in F. ROCHA, “Educar para a Liberdade e a Autonomia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 49 (1993) pp. 99-116.

“Temos a liberdade privada ou pessoal, a liberdade pública, política, moral, social, a liberdade de ação, de ideias, de pensamento, de circulação, de comércio, de palavra, de culto, de associação, etc. facilmente se vê, que o conceito de liberdade se entrecruza com os de livre-arbítrio, razão, ato, autonomia, vontade, boa vontade, consciência moral, dever, determinação, determinismo e indeterminismo, indiferença”<sup>95</sup>.

Para além da consideração da personalidade do educando e em ordem à correta formação dela,

“A educação para a liberdade e a autonomia tem necessariamente que ver com os próprios educadores. A educação para a liberdade e a autonomia exige, entre o educador e o educando, uma relação afetiva positiva, uma simpatia e aceitação, uma abertura e estima inquestionáveis. A educação e a autonomia estão intimamente conexas ou ligados com os valores ou, em sentido genérico, com o desenvolvimento moral”<sup>96</sup>.

No entanto, os valores indicam as expectativas, as aspirações que caracterizam o homem no seu esforço de se transcender a si mesmo e à sua situação histórica; como tal, marcam aquilo que deve ser em contraposição com aquilo que é. A valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser. Neste sentido, refere-se que é,

“A educação é em si mesma um processo de descoberta dos valores que são dignos de serem perseguidos como objetivos. Ver o que está a acontecer e observar os resultados do que acontece, para ver depois as suas consequências posteriores sobre o processo de crescimento”<sup>97</sup>.

O objetivo central da educação para os valores, como clarificação, resume-se;

“Ao conhecimento da própria identidade, ou autoconhecimento, como passo prévio para o processo de valorização. Por isso, a clarificação dos valores é um processo que ajuda os educandos a terem uma visão crítica da sua vida, das suas metas, dos seus sentimentos, dos seus interesses e das experiências e que ajude a descobrir quais são os seus valores. Isto supõe refletir acerca dos motivos, dos valores, das atitudes e dos

---

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> *Ibidem*, pp. 32-33.

<sup>97</sup> R. GAMBÓIA, *A Reconstrução da modernidade em John Dewey, Educação, Ética e Democracia*, p. 41.

sentimentos que guiam o pensamento e a conduta em situações que ultrapassam a esfera individual”<sup>98</sup>.

A educação para os valores concebida como modelo de formação do carácter moral<sup>99</sup>. Neste sentido, o movimento de formação do carácter<sup>100</sup> devolve ao professor o papel de educador moral, esse papel não foi muito reconhecido nas últimas décadas. Esta perspectiva da educação para os valores retoma a tradição aristotélica. Afirma que, para conseguir o desenvolvimento moral de uma pessoa, não basta que essa pessoa seja capaz de conhecer intelectualmente o que está bem, o que é justo e os seus contrários, porque a mera atividade intelectual não é suficiente para apreender o bem. Marquez, considera que “a principal finalidade da educação “é ensinar a compreender e a apreciar o bem”<sup>101</sup>. Nesta conceção de educação, a meta final é que a pessoa seja capaz de integrar, no seu próprio eu, princípios gerais de valor que conformem a sua moral racional.

E necessário, a educação para os valores concebida como projeto de vida<sup>102</sup> e “cada modelo de educação para os valores estabelece o seu particular conjunto de finalidades e conteúdos a desenvolver, a partir da intervenção educativa”<sup>103</sup>. Por isso,

“O objetivo da educação para os valores mais vasto atender a três tipos de questões: *primeiro*, reflexão; *segundo*, afetividade; *terceiro*, ação. Esta finalidade da educação para os valores consiste em contribuir para o desenvolvimento da dimensão valorativa-moral da pessoa, o que implica: desenvolvimento da sensibilidade, desenvolvimento do juízo valorativo-moral e desenvolvimento da autorregulação ou componente volitiva. Uma educação para os valores, que não coloca como finalidade os comportamentos de acordo com alguns princípios (justiça, igualdade, solidariedade, subsidiariedade, bem comum e dignidade humana) suscetíveis de universalização e aqueles valores que contribuem para um projeto de vida feliz, invalida todo o seu processo. Qualquer modelo de educação exige opções alicerçadas em conceções de vida determinadas pelos valores. No entanto, o modelo de educação para os valores como projeto de vida conduz à dimensão valorativa-moral da pessoa a uma finalidade última de aperfeiçoamento individual, mas também social. Esta educação concebida

---

<sup>98</sup> A. G. BARBOSA, *O valor da gratuidade na educação dos jovens*, p. 91, in R. MARQUÊS, *Ensinar Valores: teorias e modelos*, Porto Editora, Porto 1998, p. 111.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>100</sup> *Ibidem*, in M. P. SANCHEZ, *Educación en valores para una sociedad abierta y plural: aproximación conceptual*, Desclée de Brower, Bilbao 2000, p. 125.

<sup>101</sup> R. MARQUÊS, *Ensinar Valores: teorias e modelos*, p. 14.

<sup>102</sup> A. G. BARBOSA, *O valor da gratuidade na educação dos jovens*, p. 98.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 125.

como projeto de vida, consiste num exercício constante de autonomia, de reflexão individual e de projeção pessoal<sup>104</sup>.

Este objetivo é que “a pessoa se aproprie de certas possibilidades, as que caracterizam o processo, o dinamismo, a evolução, a criatividade e a originalidade”<sup>105</sup>. É importante que a pessoa que educa seja facilitadora de situações que permitam ao educando refletir sobre o seu ideal de vida, assim como as suas experiências. Porque, a educação para os valores, entendida como um projeto ideal de existência, desenvolve no educando, a capacidade para eleger, para estabelecer alternativas, valorá-las reflexivamente e criticamente, eleger a que mais se ajusta ao seu próprio projeto de vida.

A transmissão de valores na educação. Esta transmissão de valores é uma das preocupações que todos os pais têm ao educar. Como fazer isso no dia-a-dia? Quais valores que precisam de ser passados? A escola pode ajudar? É natural que dúvidas como estas vão surgindo. Sem transmitir os valores humanos universais, não há como formar cidadãos honestos, preparados para viver na sociedade. Apesar de não existir uma resposta simples, é possível apontar caminhos a serem seguidos, com o objetivo de abrandar alguns problemas de comportamentos opostos; indisciplina, rebeldia, teimosia infantil, envolvimento dos jovens com o álcool e drogas e os insatisfatórios níveis de aprendizagem estão entre as reclamações mais comuns das famílias (e das escolas).

A pergunta que fica, é porquê, e como chegamos a esse ponto? Na realidade de hoje é consequência das transformações que marcaram o século XX - perda do papel da religião como fonte de moralidade, desestruturação da família e também, nascimento de um novo modelo para o jovem, que passou a ser reconhecido como uma força social com vontade própria. Educar para os valores é convidar alguém a acreditar naquilo que apreciamos, como, por exemplo, respeitar o próximo. Não há valor que se sustente sem bons exemplos. Não adianta os pais defenderem que a criança não pode agir como se ela fosse o centro do universo se eles próprios o fazem no seu dia-a-dia.

A educação cria condições para o desenvolvimento de um conjunto de valores que dão uma certa segurança à existência, assinalando o que é bom, o que não é bom, o que é correto, o que não é correto, o que se pode dizer, o que se pode fazer. Estes valores oferecem, à primeira vista, as coordenadas seguras para orientarem a vida da pessoa embora, depois, no dia-a-dia, não pareçam ser assim tão eficazes.

---

<sup>104</sup> *Ibidem*, pp. 98-99.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 99.

Na realidade educar não é só instruir ou transmitir conhecimentos; educar é, também, integrar e gerir as diferentes dimensões de uma cultura, língua, tradições, crenças, atitudes e formas de vida. A “educabilidade”<sup>106</sup> aparece como condição sine-qua-non de uma aprendizagem para os valores; esta educação para os valores não deve ser só uma educação para o futuro da pessoa, mas sim para o presente da pessoa como criança, adolescente, jovem, adulto. É uma educação que visa formar a pessoa na sua plenitude, para que possa promover em cada etapa da sua vida um mundo mais humano, quer em atitudes pessoais quer em atitudes sociais. E uma das atitudes sociais mais importantes e necessárias para a sociedade é a paz. A paz é uma aspiração humana profunda. Todos querem a paz, uma paz planetária tanto no plano pessoal, quanto social; para que ela aconteça, porém, é preciso que haja iniciativas da comunidade escolar e da sociedade como um todo. No que se refere à escola, o professor passa a ter um papel determinante no processo da educação para a paz.

### **3. Educação para a Paz no Âmbito da Escola**

#### **3.1. O conceito da paz**

##### *3.1.1. Paz, o que é?*

O homem, muito tem corrido atrás da paz, esquecendo-se que ela muitas vezes está dentro de si mesmo. Uma comunidade egocêntrica que não leva em consideração o que ocorre fora dela jamais reproduz a paz. A paz constrói-se no dia-a-dia entre as pessoas com quem se convive.

Para entender a dimensão e importância da cultura da paz nas escolas e nas comunidades, devemos ter conhecimento claro do que ela significa: “para continuarmos vivos, precisamos de certas coisas; comida, água, moradia, roupas que nos protejam, ajuda quando estamos doentes ou feridos, Paz é ter as coisas de que se precisa ou ter o que precisamos para viver”<sup>107</sup>.

Por isso, quando tentamos olhar para esta realidade a que chamamos paz, percebemos que esta nos é apresentada como um conceito relativamente abrangente<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> *É a qualidade especificamente humana ou o conjunto de disposições e capacidade do educando.*

<sup>107</sup> S. KATHERINI, e I. ROBERT, *Tempos de Paz*, Ed. Global, 1999, Tradução de José Paulo Paes, Brasil 2007, pp. 19-20.

<sup>108</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, Lisboa 2012, p. 36.

Há várias definições que se podem dar a palavra “paz”. A grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, define a palavra paz como; «tranquilidade pública, repouso, respeito recíproco entre as nações, sossego, silêncio, tranquilidade da alma, união concórdia e amizade entre as pessoas<sup>109</sup>.

Na linguagem bíblica, o termo hebraico “shalom”, traduzido em português por “paz” é a saudação comum e expressão de bons desejos. A paz é o maior dom e fonte de todas as bênçãos<sup>110</sup>. O Conselho Pontífice Justiça e Paz afirma que “antes de ser um dom de Deus ao homem, é um projeto humano conforme o desígnio divino, a paz é, antes de tudo, um atributo essencial de Deus (...) Deus é paz”<sup>111</sup>.

Nos livros do Antigo Testamento, o israelita concebia a paz como uma dádiva de Iahweh e, como tal, tornou-se um conceito teológico. Porque, a promessa de paz que percorre todo o Antigo Testamento encontra o seu cumprimento na pessoa de Jesus. A paz é o bem messiânico por excelência, no qual estão comprometidos todos os outros bens salvíficos<sup>112</sup>.

Esta paz gera fecundidade (Is 48,19), bem-estar (Is 48,18), ausência de medo (Lv 54,6) e alegria profunda (Pr 12,20). O estado de bem-estar perfeito, que a palavra designa, é identificado com a divindade: quando alguém possui paz, está em perfeita e segura comunhão com Iahweh. Iahweh deseja a paz daquele que o serve (Sl 35,37) e “que o Senhor dirija o Seu olhar para ti e te conceda a paz” (Nm 6,26). Nos livros do Novo Testamento, o termo grego “irene”, “paz”, é mais usado para traduzir o hebraico *shalom*. Paz é a saudação usual no Novo Testamento. S. Paulo designa a paz como a boa ordem e harmonia (1Cor 14,33). Ele também afirma que Jesus não é apenas a nossa paz, mas também que Ele faz a paz. Uma paz que se constrói de modo dinâmico, ativo, participativo na medida em que Jesus reconcilia os povos com Deus através da sua cruz. A paz só será uma realidade se forem derrubados os muros do ódio e das leis incompatíveis com o verdadeiro Deus<sup>113</sup>. No entanto, Jesus Cristo é o portador da verdadeira paz. Por meio do Espírito Santo comunica-nos, antecipadamente a paz definitiva (Rm 8,6; 14,17; Gl 5,22). Ele (Cristo) é a nossa paz (Ef 2,14-14). A Paz de Cristo acontece na missão e é antes de tudo, reconciliação com o Pai.

O sentido veterotestamentário da palavra aparece em S. Lucas no cântico de Zacarias (Lc 1, 19); nas vozes dos anjos no Nascimento de Jesus (Lc 2, 14); e na sentença do Rei sobre a

---

<sup>109</sup> Cf. GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA, Editora Enciclopédia, volume nº XX, Lisboa/Rio de Janeiro 1936, p. 698.

<sup>110</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 37.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

<sup>112</sup> Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Principia, S. João Estoril 2005, nº 488, p. 309.

<sup>113</sup> Cf. Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 39.

cidade que o vai recusar (Lc 19,42). A paz, no sentido do Antigo Testamento, é o fruto da pregação do Evangelho (Ef 6,15); é traduzida por Jesus e é uma realização impossível ao mundo (Jo 14,27; 16,33). Paz é comunhão com Deus, e o próprio Jesus é a nossa paz neste sentido, visto que ele é o vínculo da comunhão (Ef 2,14); vivemos em paz com Deus graças a nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 5,1). Ela é também um estado de tranquilidade interior e de relações harmoniosas com a comunidade cristã, componentes da vocação cristã para a paz (Rm 14,17; 1Cor 7,7). Na linguagem bíblica, a paz não consiste em mera prosperidade e bem-estar; um componente essencial da paz é a justiça, e onde não há justiça não há paz verdadeira. O Papa João Paulo II (S. João Paulo II) disse que, “a justiça anda, então, em relação permanente e dinâmica com a paz. Justiça e paz têm em vista o bem de cada um e de todos, pelo que exigem a ordem e verdade. Quando uma é ameaçada, vacilam as duas; quando se ofende a justiça, põe-se em perigo também a paz”<sup>114</sup>.

O Catecismo da Igreja Católica refere que,

“O respeito e o crescimento da vida humana exigem a paz. A paz não é só a ausência da guerra, nem se limita a manter o equilíbrio das forças contrárias. A paz não é possível na terra sem a garantia dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os homens, o respeito da dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade. Continua, o documento defendendo que, a paz é a tranquilidade na ordem; é fruto da justiça e efeito da caridade”<sup>115</sup>.

O Concílio Vaticano II através do documento *Gaudium Et Spes* afirma que,

“A paz não é ausência de guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta duma dominação tirânica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada “obra da justiça” (Is. 32, 7). É um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens. Continua o documento dizendo que, a paz é assim também fruto do amor, o qual vai além do que a justiça consegue alcançar. A paz terrena, nascida do amor do próximo, é imagem e efeito da paz de Cristo, vinda do Pai. Pois o próprio Filho encarnado, príncipe da paz, reconciliou com Deus, pela cruz, todos os homens;

---

<sup>114</sup> JOÃO PAULO II, *Desenvolvimento e solidariedade, chaves para Paz*, n. 01 (1987), AAS 79; in Comissão Justiça e Paz, *Caminhos da Paz no 25º aniversário da primeira mensagem da Paz, Rei dos Livros, Lisboa 1987*, pp. 323-324.

<sup>115</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, ed. Portuguesa, nº 2304, Coimbra 1993, p. 491

restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo, extinguiu o ódio e, exaltado na ressurreição, derramou nos corações o Espírito de amor”<sup>116</sup>.

Mas, segundo o Papa Paulo VI, a paz não é simplesmente ausência de guerra nem tão pouco um equilíbrio estável entre forças adversárias, mas funda-se sobre uma correta conceção da pessoa humana e exige a edificação de uma ordem segundo a justiça e a caridade<sup>117</sup>.

Cabe aos professores, pais, educadores, funcionários e alunos focarem as suas energias na construção de pilares consistentes nos valores morais dentro das escolas e das comunidades em que estão inseridos. Os adultos são modelos para as crianças e adolescentes. Adultos conscientes formam cidadãos conscientes, íntegros e honestos.

Para isso, a escola deve ser potenciadora do protagonismo infanto-juvenil para romper o ciclo de violência e para reduzir ou evitar conflitos. Construir e consolidar espaços concretos para que se concretizem os direitos humanos, a cidadania e a paz, num processo de mudança, de uma cultura de violência para uma cultura da paz, num diálogo permanente com toda a comunidade educativa ou escolar. Só assim, será possível articular as diferenças e avançar no diálogo e na construção da paz.

### 3.1.2. A paz, felicidade perfeita

O homem deseja a paz do íntimo do seu ser e é uma aspiração humana<sup>118</sup>. Mas muitas vezes não conhece a natureza do bem, e os caminhos que segue para obtê-lo nem sempre são os caminhos de Deus. Nesse sentido, ele deve aprender da história sagrada em que consiste a busca da paz verdadeira, e ouvir a proclamação do dom dessa paz por Deus em Jesus Cristo. Porque, a paz é como um desejo e é uma prática. A paz não é algo para ser saboreado, disse Papa Paulo VI, “a paz cria-se. A paz não é um nível já alcançado; é sim um nível superior, ao qual todos e cada um de nós devemos aspirar”<sup>119</sup>.

---

<sup>116</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 78, Gráfica de Coimbra, Coimbra 2002, p. 243.

<sup>117</sup> PAPA PAULO VI, *A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz. Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, 1969. AAS 60; In COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros, Lisboa, p. 28.

<sup>118</sup> Cf. J. P. GONÇALVES, *A Educação para a Paz no Âmbito Escolar e Sua Relação com a Formação Docente*, In Simpósio Nacional de Educação XX Semana da Pedagogia, Novembro 2018, p. 5.

<sup>119</sup> PAPA PAULO VI, *Educar para a paz através da reconciliação. Mensagem para III Dia Mundial da Paz*, 1970. AAS 62; In COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*, p. 37.

A paz é fruto da justiça, entendida, em sentido amplo, como respeito pelo equilíbrio de todas as dimensões da pessoa humana. “Se queres a paz, trabalha pela justiça”<sup>120</sup>. Neste sentido, “a paz está em perigo quando ao homem não é reconhecido como homem, quando não é respeitada a sua dignidade e quando a convivência não é orientada para o bem comum”<sup>121</sup>.

A paz, antes de mais, é uma condição de espírito. Ela penetrou, finalmente, como uma necessidade lógica e humana, nas consciências de muitas pessoas e, de modo especial das novas gerações: deve ser possível, dizem, viver-se sem odiar e sem matar. Impõe-se, uma pedagogia nova e universal, que é, a pedagogia da paz<sup>122</sup>. A paz é uma aspiração humana profunda e todos querem a paz tanto nos planos pessoais, quanto social e planetária, mas para que ela ocorra é preciso que haja iniciativas da sociedade como um todo e inclusive da comunidade escolar. No que se refere à escola, o professor passa a ter um papel importante no processo de implantação da educação para a paz.

Uma das possíveis alternativas refere-se à formação de professores que num primeiro momento deve formar o educador no que diz respeito às questões inerentes à paz, para que posteriormente ele consiga educar aos seus alunos e a comunidade escolar. Se os educadores estão em situação problemática, como será possível desenvolver projetos de educação para a paz? É importante haver um processo de formação de docente que possibilite aos professores refletirem sobre as iniciativas voltadas para a promoção da educação para a paz no âmbito escolar. É ele quem direciona as atividades em sala de aula de forma a influenciar a formação da consciência dos seus alunos. A figura do professor interfere na formação do estudante, tanto que em muitas situações é mais provável que uma criança defenda a postura do professor em detrimento da postura dos pais, pois entende que o professor sabe mais, já que é ele quem ensina<sup>123</sup>. Segundo Nelson Piletti, “o professor costuma ser considerado um exemplo para os alunos e o aluno às vezes aprende muito mais com o que o professor faz ou deixa de fazer, do que com aquilo que o professor ensina”<sup>124</sup>.

---

<sup>120</sup> *Ibidem*.

<sup>121</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 57.

<sup>122</sup> Cf. PAPA PAULO VI, *Se queres a Paz, trabalha pela justiça, Mensagem para V Dia Mundial da Paz*. 1972. AAS 64; in COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*, p. 64.

<sup>123</sup> J. P. GONÇALVES, *A Educação para a Paz no Âmbito Escolar e Sua Relação com a Formação Docente*, p. 5.

<sup>124</sup> Cf. N. PILETTI, *Psicologia Educacional*, 17ª Ed., Ática, S. Paulo 2001, p. 21.

## 3.2. A cultura da paz na família e no Quotidiano

### 3.2.1. A família – é a primeira escola da paz.

A paz apresenta-se diante da humanidade como um valor precioso...a paz brota do coração e retorna ao coração...só é possível pensar no valor da educação e no valor da paz a partir da conceção do ser humano, ou seja, para educar é necessário saber o que se entende pelo humano e o que humanidade deseja construir<sup>125</sup>.

Esta educação, primeiramente vem de família. Família é o centro da paz. A família enquanto educadora para a paz deve tomar consciência do seu papel de transmissor de valores religiosos e culturais que há-de inscrever no coração dos mais novos o amor pela paz. Baseada no amor e na abertura ao dom da vida, a família leva em si mesma o futuro da sociedade; a sua tarefa, é a de contribuir para um futuro de paz<sup>126</sup>. O Papa na sua mensagem deu ênfase à família na sua missão de educadora da paz, dizendo que,

“Os meninos aprendem muito cedo a conhecer a vida. Observam e imitam o modo de agir dos adultos. Aprendem rapidamente o amor e o respeito pelos outros, mas assimilam, com a mesma prontidão, o veneno da violência e do ódio. A experiência tida em família influenciará intensamente os comportamentos que assumirão quando adultos. Portanto, se a família é o primeiro lugar onde se abrem ao mundo, ela deve ser para eles a primeira escola de paz. (...) mas, além da educação familiar sem dúvida fundamental, as crianças têm direito de receber uma formação específica para a paz, na escola e demais estruturas educativas, que têm a missão de levá-las, gradualmente, a compreender a natureza e as exigências da paz, no âmbito do seu mundo e da sua cultura. É necessário que elas aprendam a história da paz, e não só a das guerras vencidas ou perdidas”<sup>127</sup>.

Neste sentido, na cultura da paz insere-se no marco do respeito aos direitos humanos e constitui um terreno fértil para que se possam assegurar os valores fundamentais da vida democrática; a igualdade e a justiça social. Essa evolução exige a participação de cada um de nós para que seja possível dar aos jovens e às gerações futuras, valores que os ajudem a

---

<sup>125</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 27; e sob origem na CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ CATÓLICA, Orientação sobre o Amor Humano nº21. Cita por LOPES, Amaro Gonçalves, *A Educação da sexualidade e a perspectiva do Magistério da Igreja*, Pastoral Catequética, nº4. *Educar e amar*. Janeiro-Abril 2016, p. 97.

<sup>126</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Da Família nasce a paz da família humana*, nº 2 1994, AAS (Atas da Sede Apostólica) 86, pp. 159-160.

<sup>127</sup> JOÃO PAULO II, *Dêmos as crianças um futuro de paz*, nn. 8 e 9, 1996, AAS 88, pp. 108-109.

imaginar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de igualdade, solidariedade, liberdade e prosperidade.

Para que isso seja possível,

“Precisamos enfrentar um dos nossos maiores desafios, o de transformar os valores da cultura de paz em práticas concretas na vida quotidiana, que oferece e crie condições para que cada indivíduo seja capaz de: 1) respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem nenhum tipo de discriminação; 2) praticar a não-violência ativa, rejeite a violência em quaisquer das suas formas (física, sexual, psicológica, econômica e social), especialmente em relação aos mais fracos e vulneráveis, como crianças e adolescentes; 3) partilhar o tempo e os recursos materiais, cultiva a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e económica; 4) defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e à rejeição ao próximo; 5) promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida; 6) contribuir para o desenvolvimento das comunidades, favorecer a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos para criar novas formas de solidariedade”<sup>128</sup>.

Neste sentido, o Papa Bento XVI na sua mensagem para o dia Mundial da Paz de 2012, disse que, “A paz não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, solidariedade, colaboração, fraternidade e ser ativos dentro da comunidade”<sup>129</sup>. No entanto, relaciona com a família segundo Luís Pedro,

“A família é a grande responsável por educar para a paz, por isso, devem ser denunciadas todas as formas de violência exercida sobre as famílias e, por outro lado, devem ser respeitadas todas as condições que possibilitem esta aprendizagem para a paz”<sup>130</sup>.

---

<sup>128</sup> O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi esboçado por um grupo de laureados do prêmio Nobel da Paz. Milhões de pessoas em todo o mundo assinaram esse manifesto e se comprometeram a cumprir os seis pontos descritos acima, agindo no espírito da Cultura de Paz dentro de suas famílias, em seu trabalho, em suas cidades. Tornaram-se, assim, mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo. A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 a “Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo”.

<sup>129</sup> BENTO XVI, *Educar os jovens para a justiça e a paz. Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz*, nº5, L’Observatore Romano (Edição Portuguesa), 24/IX/2012, p. 4.

<sup>130</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 64.

Acerca desta questão, o Papa Emérito, Bento XVI disse,

“A família é a primeira e insubstituível educadora para a paz. A própria comunidade social, para viver em paz, é chamada a inspirar-se nos valores por que se rege comunidade familiar. A família precisa duma casa, dum ambiente à sua medida onde tecer as próprias relações”<sup>131</sup>.

No entanto, Bento continua dizendo que,

“Ninguém pode ignorar ou subestimar o papel decisivo da família, célula básica da sociedade, dos pontos de vista demográfico, ético, pedagógico, económico e político. Ela possui uma vocação natural para promover a vida: acompanha as pessoas no seu crescimento e estimula-as a enriquecerem-se entre si através do cuidado recíproco. De modo especial, a família cristã guarda em si o primordial projeto da educação das pessoas segundo a medida do amor divino. A família é um dos sujeitos sociais indispensáveis para a realização duma cultura da paz. É preciso tutelar o direito dos pais e o seu papel primário na educação dos filhos, nomeadamente nos âmbitos moral e religioso. A educação para a paz começa no seio da família. Porém, uma grande parte das famílias encontra-se por vezes em degradação, remetendo para a escola e para a igreja essa função de educar os mais novos. O atual modelo de educação tem vindo a revelar-se incapaz de dar resposta às necessidades de formação dos jovens de hoje e da construção da verdadeira paz. Porque, na família, nascem e crescem os obreiros da paz, os futuros promotores duma cultura da vida e do amor”<sup>132</sup>.

Isto é, "A família humana: comunidade de paz" que é o tema escolhido pelo Santo Padre, funda-se sobre na convicção de que a perceção de um destino comum e a experiência da comunhão são fatores essenciais para a realização do bem comum e para a paz da humanidade.

---

<sup>131</sup> BENTO XVI, *A Família Humana, comunidade de Paz, Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, 2008, nº 3, AAS 100, pp. 38-40.

<sup>132</sup> BENTO XVI, *Bem-Aventuranças os Obreiros da Paz, Mensagem para a celebração do dia Mundial da Paz*, nº 6, Janeiro 2013, p. 6; in JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da paz* de 1994, 8 de Dezembro de 1993: AAS 86 (1994), pp. 156-162.

### 3.2.2. A Educação para a paz é um tesouro<sup>133</sup>

A paz pode ser descrita como um valor universal que, à luz dos princípios éticos cristãos, supõe uma determinada forma de viver consigo mesmo, com os outros e com Deus. Isto quer dizer que, a paz é uma realidade dinâmica, uma relação nunca acabada, que reclama uma vigilância ativa e um grande sentido de justiça<sup>134</sup>.

Ao contemplarmos o passado e o presente da humanidade, percebemos muitas marcas de violência. Mas temos boas notícias: avançamos muito na implantação da democracia, na prática da solidariedade, do voluntariado, nos direitos humanos, no cuidado com o meio ambiente, na valorização da diversidade, dentre tantas outras ações a favor da paz. Ao investir na Educação para a Paz, acreditamos que podemos criar um futuro cada vez mais harmonioso. Educar é empreender uma aventura criativa. Para educar, assim como para viver, é necessário aventurar-se. Educar para a Paz é uma aventura que vai além da simples transferência de conhecimentos. Para construir uma cultura de paz necessitamos, portanto, de uma nova coreografia: uma mudança nos nossos padrões mentais e ações.

A educação para a paz é um tesouro. A educação para a paz,

“É um processo pelo qual se promovem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto na sua manifestação direta, como na sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que conduzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional). A educação para a paz é um processo que dura toda a nossa vida, permeia todas as idades, o seu campo de atuação é por essência complexo e multifacetado. Além de acontecer nas escolas, tem que estar presente no nosso cotidiano: nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, no meio da família”<sup>135</sup>.

A educação é um processo cultural no qual estamos totalmente imersos. Em contato com os alunos, quer estejamos ou não dentro do espaço de uma escola, a educação permeia tudo que nos rodeia, os gestos, olhares, palavras, as posturas e os movimentos. Educar para a Paz requer o “querer bem” dos alunos. Não há educação sem transformação ou não há

---

<sup>133</sup> Cf. L. DISKIN, e L. G. ROIZMAN, *Paz, como se faz: semeando cultura de paz nas escolas*, Governo do Estado de Sergipe, 2ª Edição UNESCO, Associação Palas Athena, Brasília 2006, p. 19. In <http://educaparaapaz.blogspot.pt/>. (Terça-feira, 7 de fevereiro de 2017).

<sup>134</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 35.

<sup>135</sup>L. DISKIN, e L. G. ROIZMAN, *Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas*, p. 9.

transformação sem educação. Não há mudança sem encontro, acolhimento e espaço de partilha. Envolve, enfim, uma mudança profunda nos nossos sistemas de pensamento e de ensino, pois não se preocupa apenas com a transmissão de saberes, mas com a formação de uma nova maneira de ser.

Educar para a Paz envolve a geração em oportunidades para comunhão de significados e afetos. Sem prescindir da lógica e da razão, devemos criar uma atmosfera de liberdade e alegria. O humor, por exemplo, é um dos fatores importantes para abrir as portas do conhecimento e da curiosidade. Se a educação for uma atividade alegre, proporciona confiança e curiosidade, aceita novos desafios, constrói a paz. Para gerar atitudes inovadoras devemos ter a coragem de romper modelos e criar novas formas de ser, conviver, conhecer e fazer. Potenciar a criatividade e fazê-lo criativamente são caminhos fundamentais da educação para a paz. É com esta convicção de que,

“A paz é dom de Deus e deve ser ensinada, trabalhada, desejada. É ao mesmo tempo um desafio e uma interpelação para todos os formadores e educadores que se encontram em situação de ajudar os mais jovens a despertar para estas realidades”<sup>136</sup>.

Educar para a paz pede o exercício da compaixão. O nosso meio ambiente tem sido muito agredido, da mesma maneira estão enfraquecidas a interioridade humana e as relações entre as pessoas. A educação para a paz preocupa-se em minimizar essas dores. A educação para a paz é fundamental para resolver conflitos de forma madura e saudável, visto que eles fazem parte do quotidiano de todas as pessoas, em todos os tempos e lugares. É uma oportunidade de desenvolvermos conceitos positivos nas partes envolvidas, através da compreensão do ponto de vista do outro. É também uma oportunidade de darmos suporte emocional aos envolvidos, demonstrando o valor da confiança nas pessoas e nos processos que levam à paz.

Na educação, na família, na sociedade, as palavras amigas nada custam a quem as profere e só enriquecem quem as recebe. A Educação para a Paz está, na sua essência, comprometida com um futuro de bem-estar para a humanidade, e com o meio ambiente. Não se pode mudar os erros do passado, mas podemos construir um futuro saudável, tão cheio de criatividade quanto a própria vida. Talvez, a descoberta mais valiosa a ser feita pelo ser humano neste século seja que a palavra “nós” é a mais importante de todas.

---

<sup>136</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, pp. 65-66.

### 3.3. As dimensões da Paz

Existem sentimentos, sensações, realidades que são indescritíveis.

Coisas que são verdadeiras, inquestionáveis, mas não são palpáveis. E querer defini-las ou explicá-las, não é nada fácil. Basta pensarmos em algumas realidades importantíssimas da nossa vida como: saudade, simpatia, amor, tranquilidade, paciência, fé, empatia, amizade, benignidade, bondade etc.

A Paz não é meramente ausência de problemas, dificuldades, aflições ou enfermidades. A paz existe apesar dos problemas, das dificuldades, das aflições e das enfermidades. A Paz não pode ser confundida como sendo apenas momentos de tranquilidade, relaxamento, serenidade. A paz também se faz presente apesar das tensões, das preocupações e das ansiedades comuns desta vida. Por isso,

“A paz não pode ser obtida pelo uso da força, da violência, pois a paz resultante e imposta pelas guerras, pelas lutas, pela força, não passa de uma trégua rancorosa, que aguarda ansiosamente por uma vingança. A Paz não brota de fora para dentro. A paz verdadeira brota de dentro para fora. A paz não depende dos sistemas de segurança que nos cercam, mas da segurança de quem tem uma mente sadia e tranquila, sem sentimentos de culpa, e de um coração dominado pelo amor de Deus. A paz é, com efeito, uma das grandes aspirações da humanidade”<sup>137</sup>.

A paz procura espaço na sociedade de hoje, mas muitas vezes só encontra egoísmo e desencontros. As pessoas não valorizam a paz quando a têm. Reclamam muito e dão pouco valor ao sentido real da paz que se reflete no complemento das nossas necessidades, na oportunidade de estudar, de respirar, de estar vivo. “A paz consiste em pensamentos puros, sentimentos puros, desejos puros”<sup>138</sup>.

A paz é, quando conseguimos encontrar o ponto de equilíbrio entre o pensamento, a palavra e a ação, sendo o primeiro grande princípio da construção da paz. Nos dias atuais, as pessoas clamam por paz, mas a grande maioria não a cultiva no dia-a-dia.

No entanto, tomada no seu sentido englobante, a paz é, pois, simultaneamente ratio e via, ou seja, método de investigação e experiência de vida. A paz é, de facto, algo mais que um mero conhecimento teórico-prático e apresenta as características de um autêntico valor<sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> F. ROCHA, *Educar em valores - coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, Estante Editora, Aveiro 1996, p. 101.

<sup>138</sup> Cf. M. U. RADESPIEL, *Manual de Valores Maria Radespiel*, Editora Iemar, S. Paulo 2009, p. 9.

<sup>139</sup> F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 108.

A paz exige o reconhecimento de todas as dimensões do ser humano e supõe a formação de corações reconciliados e reconciliadores. Para isso,

“À luz dos princípios éticos cristãos, a educação para a paz exige uma dimensão que contemple três aspectos fundamentais da pessoa; 1) uma dimensão pessoal, tentando ajudar o educando na descoberta de valores fundamentais através dos quais deve orientar a sua conduta pessoal, a desenvolver as suas capacidade e talentos; 2) dimensão social, ajudando o aluno a olhar a sociedade em que se insere e a desenvolver atitudes que tenham por base o sentido de justiça, da solidariedade e do desenvolvimento de uma postura tolerante diante do novo e do diferente; 3) e uma dimensão religiosa proporcionando ao aluno a possibilidade de se abrir e dialogar com o transcendente”<sup>140</sup>.

### 3.3.1. Dimensão pessoal

Esta dimensão, remete para o interior de cada um. Porque,

“A paz e a guerra residem, antes de mais, no interior do próprio homem, na sua estrutura bio-psico-espiritual, uma vez que a guerra nasce no espírito dos homens e é no espírito dos homens que devem ser semeadas as defesas da paz”<sup>141</sup>.

Para ter paz consigo mesmo, é necessário observar, obedecer, praticar os ensinamentos da Palavra de Deus: “Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor. Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças; e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus” (Fl 4,4-7).

Por isso, Leonardo Boff diz;

“Aqueles que têm paz com Deus desfrutam da paz de Deus. Paz com Deus não é um sentimento, mas um relacionamento certo com Deus. Aqueles que foram reconciliados com Deus experimentam a paz de Deus. Essa paz interior, entretanto, não é apenas uma emoção, mas, sobretudo, uma pessoa. A nossa paz é Jesus. Aqueles que

---

<sup>140</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 68, in F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 108.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 108.

conhecem a Jesus, podem cantar nas noites mais escuras da alma. Aqueles que são salvos por Jesus e vivem em paz com os irmãos, experimentam uma paz que excede todo o entendimento. Essa paz não é simplesmente presença de coisas boas nem apenas ausência de coisas ruins. Essa paz é o governo de Cristo no nosso coração. Por isso, para quem quiser ser instrumento da paz de Deus deve ele mesmo ser uma pessoa pacificada, imbuída de cuidado essencial e cheia do espírito de bem-aventuranças, que é o que traz a paz. Deve irradiar paz de dentro para fora a partir da sua identidade mais profunda”<sup>142</sup>.

Disse Jesus: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize... Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações. Mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 14,27; 16,33).

Neste sentido, Jesus quer transmitir-nos que, a paz é um dom que derrama nos nossos corações. A paz vem-nos de um olhar de fé sobre a realidade de um Deus presente, mas procurado com o ardor de um coração ferido pela sua ausência. A paz vem quando se aceita o mistério da ausência de Deus, o seu silêncio, o sofrimento e o mistério da cruz como o momento mais alto do amor de Deus e do testemunho do nosso amor por Ele.

### 3.3.2. Dimensão social

O mundo em que vivemos não é só de paz e de sossego. Vivemos cercados por violência e inimizade. Há guerras nalgumas partes do mundo; há criminalidade em algumas cidades; as famílias são palcos de confrontos. Em muitos lados, há como que uma atmosfera de medo e de ansiedade. Só há uma verdadeira paz, quando há uma verdadeira reconciliação. A reconciliação exige o perdão. O perdão é uma opção de vida corajosa que vai contra uma série de convicções comuns. Perdoar não é uma questão de instinto; não é uma resposta automática que damos quando somos agredidos ou magoados. O perdão é decisão. É uma das decisões difíceis que temos de tomar. No entanto, segundo o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*,

“Uma verdadeira paz só é possível através do perdão e da reconciliação. Não é fácil perdoar diante das consequências da guerra e dos conflitos, porque a violência, especialmente, quando conduz até aos limites do desumano e da angústia, deixa

---

<sup>142</sup> L. BOFF, *A oração de S. Francisco, uma mensagem de paz para o mundo atual*, 3ª ed., Sextantet, Rio de Janeiro 1999, pp. 60-61.

sempre como herança um pesado fardo de dor, que só pode ser aliviado por uma reflexão profunda, leal e corajosa, comum aos contendores, capaz de enfrentar as dificuldades do presente com uma atitude purificada pelo arrependimento”<sup>143</sup>.

No pensar comum ou a dimensão social, a paz é antônimo de guerra; há quem a caracterize como “ausência de guerra”, embora a definição não nos agrade, segundo Baruch Spinoza, “a paz não consiste na ausência de guerra, mas é uma virtude que nasce do vigor da alma”<sup>144</sup>. Por isso, para ter paz interior, paz consigo mesmo, implica necessariamente em viver em paz com Deus e também com o próximo. Gianola no seu livro: *Prospettive d’educacioze dei giovani all pace* refere,

“A paz como a posse da justiça e do amor nas relações entre pessoas e entre grupos nos quais se articula necessariamente a convivência humana, criando distinções, separações e diversidade, mas também relações e permutas, contatos e distribuições”<sup>145</sup>.

A dimensão social é uma dimensão essencial do homem na sua relação com os outros. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como um/a verdadeiro/a irmão/ã; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoira. No entanto, esta dimensão constrói-se na família. A família é a fonte de toda a dimensão social da paz, sendo por isso mesmo também o fundamento e o caminho primário para a paz.

Nesse sentido, passo a transcrever aqui alguns dos princípios da palavra de Deus acerca da dimensão social da paz: S. Paulo disse, “se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12,18). S. Paulo sabia muito bem que a paz não é o resultado de um mero desejo. Paz é a consequência de um esforço integrado de compreensão, de determinação, de fé. O desafio do relacionamento que se baseia em Cristo é o de fazer o possível para viver em paz.

Ao desfrutarmos da paz com Deus, precisamos ser agentes da paz com o próximo. Aqueles que foram reconciliados com Deus precisam de reconciliar-se com os seus irmãos. Em vez de cavarmos abismos de mágoa, devemos construir pontes de reconciliação. Em vez de criarmos divisões, devemos ser aliviadores das tensões. Em vez de jogarmos uma pessoa

---

<sup>143</sup> JOÃO PAULO II, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Mestre de Doutrina Social Testemunha Evangélica de Justiça e de Paz*, In COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, nº 517, Libreria Editrice Vaticana, 2004.

<sup>144</sup> F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 101.

<sup>145</sup> P. GIANOLA, “Prospettive d’educacioze dei giovani all pace”, *Orientamenti Pedagogici*, n. 01 (1984) pp. 71-85.

contra a outra, devemos ser pacificadores. Em vez de guardar ressentimento, devemos exercitar o perdão. Em vez de sermos os iniciadores de conflitos devemos ter paz com todos os homens. Assim, pois, “sigamos as coisas que servem para a paz e as que contribuem para a edificação mútua” (Rm 14,19), porque, “Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz” (1Cor 14,33). “Ora, o fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz” (Tg 3,18). A paz é fruto da justiça e fruto da caridade. É, antes de mais, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo: n’Ele, na sua cruz, Deus reconciliou consigo o mundo e destruiu as barreiras que nos separavam uns dos outros (Ef 2,14-18); n’Ele, há uma única família reconciliada no amor. “A paz para todos nasce da justiça de cada um, e ninguém pode subtrair-se a este compromisso essencial de promover a justiça segunda as respetivas competências e responsabilidades”<sup>146</sup>.

Decididamente, a paz, no seu sentido alargado, não é apenas a ausência de luta armada. É sabido quanto vale uma paz em cenário de guerra: as condições humilhantes a que, muitas vezes, são sujeitos os vencidos, os tratados extorquidos pela força, pelo medo, pela ganância, as indemnizações que esmagam e arruinam. Não queremos, com isto, insinuar que a classe política nada tem a ver com a paz. Com efeito, a política é o lugar da máxima violência e da melhor paz já que é a sede do poder, dos vários poderes, da organização e compromisso construtivo ou destrutivo das forças de toda a espécie:

“Legais, económicas, financeiras, administrativas, militares, policias, ideológicas, constitucionais e civis, locais, nacionais e internacionais. Nesta linha, o poder promove quer a justiça e o amor, quer a injustiça e a violência sobre o homem. Fazer o bem com a força do poder é o melhor caminho para a paz”<sup>147</sup>.

Mas, para o M. Gandhi, falando de paz, disse, “não há caminhos que levem a paz: a paz é o caminho”<sup>148</sup>. Tudo isto, implica um exercício diário de olhar e de agir e saber verdadeiramente a nossa responsabilidade em todo o caminho da paz.

---

<sup>146</sup> BENTO XVI, *Educar os jovens para a justiça e a paz. Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz*, nº5, L’Observatore Romano (Edição Portuguesa), 24/IX/2012, p. 5.

<sup>147</sup> F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 109.

<sup>148</sup> No tempo do possível: *Notas sobre Educação para a Paz*; cf.

[http://www.projetopedagogicosdinamicos.com/educacao\\_para\\_paz.html](http://www.projetopedagogicosdinamicos.com/educacao_para_paz.html). Postado em 25 de junho de 2015.

### 3.3.3. Dimensão religiosa

Esta dimensão refere-se a uma relação mútua com Deus, ou seja ter a Paz com Deus criador. A criatura foi feita para viver em paz com o Criador. Como diz o profeta Isaías, “Não há paz, para o homem sem Deus” (Is 57,21). A verdadeira paz provém daquele que é “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, e Príncipe da Paz” (Is 9,6).

A educação para a paz, numa perspetiva cristã, é uma urgência porque é um mandato do próprio Jesus, “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo 20,21). A “paz” é um dom messiânico; mas, neste contexto, significa sobretudo a transmissão da serenidade, da tranquilidade, da confiança, que permitirá aos discípulos e a todos os cristãos superarem o medo e a insegurança: a partir de agora, nem o sofrimento, nem a morte, nem a hostilidade do mundo poderão derrotar os discípulos, porque Jesus ressuscitado está “no meio deles”. Os professores/educadores, nos seus mais diferentes serviços, de forma específica, têm de assumir a responsabilidade desta missão. Ajudar os mais novos a desenvolver competências que façam deles agentes e promotores de paz.

Tal como acontece com grande parte das dimensões da vida, só é possível ensinar-se aprendendo primeiro. Então, todo o educador para a paz é, antes de mais, um aprendiz, alguém que aprende através do exercício, de gestos concretos de paz e grande sentido de justiça e verdade na sua vida. “Não é possível conceber a dimensão religiosa que é tão importante da comunidade humana sem perceber que não haverá paz sem educação para a paz, ou seja, que a paz também se educa”<sup>149</sup>.

Educar para a paz supõe o reconhecimento e a promoção da dignidade da pessoa humana. Dignidade que nos vem do facto de nos reconhecermos criados à semelhança do próprio Deus. Dignidade que nos desafia ao compromisso com a construção de uma comunidade humana (imagem da comunidade divina) que trabalha pelo desenvolvimento das pessoas e dos povos partindo de atitudes de respeito por todos os povos e as suas diferenças, alicerçadas numa lógica de justiça e solidariedade. No entanto, educar para a paz significa educar não para algum tipo de pacifismo mas para a verdade, para as relações justas e equilibradas, para o respeito pelos direitos dos outros e cumprimento dos seus deveres; para o diálogo inter-religioso; para a defesa e promoção da vida humana; para a civilização do amor e apelar ao desarmamento e, em vez disso, desafiar os jovens a assumirem gestos e atitudes

---

<sup>149</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 69.

responsáveis promotoras de vida que possam ir de encontro à vocação de felicidade e de realização comunitária e pessoal<sup>150</sup>.

### 3.4. Será possível a Paz?

“A paz não é um sonho, nem uma utopia; a paz é possível. Os nossos olhos devem ver em profundidade, sob a superfície das aparências e dos fenómenos, para vislumbrar uma realidade positiva que existe nos corações, pois cada homem é criado à imagem de Deus e chamado a crescer contribuindo para a edificação dum mundo novo”<sup>151</sup>.

Os “que constroem a paz” (Cf. Mt 5,9) são aqueles que se recusam a aceitar que a violência e a lei do mais forte rejam as relações humanas; e são aqueles que procuram ser – às vezes com o risco da própria vida – instrumentos de reconciliação entre os homens.

Por que a promoção da paz é condição para sermos chamados filhos de Deus? O que Jesus quis dizer com promover a paz? O que significa ser filhos de Deus? No entanto,

“Viver em paz é uma necessidade real das pessoas. Quanto temos vindo a dizer sobre as “fontes” da guerra e os conflitos, violências, tensões, momentos trágicos e cruéis, genocídios, fanatismo terrorista, fome, doenças e desastre ambientais, parece, ao menos à primeira vista, suficiente para deixar alguém perplexo acerca das possibilidades da paz”<sup>152</sup>.

A promoção da paz não pode ser feita de forma isolada, mas também envolve a vivência da fraternidade. Nesse sentido, Gonçalves no seu seminário de pesquisa sobre a “Educação para a paz num contexto hipermoderno” disse que,

“Neste limiar do século XXI, talvez de uma nova civilização caracterizada por rápidas e complexas mudanças, e apesar também de ser um período brilhante e criativo da história da humanidade, mas é permeado de situações das quais não nos devemos orgulhar, cabe revermos posturas e questionarmos os nossos valores e ações, e fazem que a paz encontra-se no lugar de destaque”<sup>153</sup>.

---

<sup>150</sup> Cf. F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 110.

<sup>151</sup> BENTO XVI, *Bem-Aventuranças os Obreiros da Paz, Mensagem para a celebração do dia Mundial da Paz*, nº3, p. 3.

<sup>152</sup> Cf. F. ROCHA, *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, p. 112.

<sup>153</sup> M. A. GONÇALVES, *Educação para a paz num contexto hipermoderno, Seminário de pesquisa em educação da região sul*, Paulinas, Rio de Janeiro 2012, p. 1.

No entanto, “a paz é instituída e deve envolver o compromisso de todas as nações”<sup>154</sup>. Para isto, é preciso haver investimento, planeamento, compromisso. Não é por acaso ou com mera intenção que a paz se vai estabelecendo na sociedade. É possível, de facto, alcançá-la? É fácil desejar a paz, difícil é pô-la em prática. A paz é, pois, possível, sem exclusão do homem, mas não sem educação! Sem justiça e igualdade social, a paz não será possível. Segundo o Premio Nobel da Paz 1996, José Ramos Horta<sup>155</sup>,

“A paz só será possível quando ela existir em cada casa, em cada família. Devemos inculcar nos filhos a bondade, a generosidade, a solidariedade, e não o egoísmo, a vaidade. Que não tenham medo de ir para casa, porque sabem que os pais os acolhem como amor, sem violência doméstica. Se a paz não começar em casa, não vai existir nas escolas, nos bairros, não vai existir no país”<sup>156</sup>.

No entanto se querem ensinar o valor do respeito pelo diferente como caminho de paz, devem acolher e promover o conhecimento das formas de fazer e ser com a presença de alunos de outros países. Ou seja, se queres ser um agente eficaz, um verdadeiro promotor de paz, deves antes de mais, tu próprio, levá-la à prática nas pequenas e grandes coisas da tua vida pessoal e profissional. Deve ensinar-se pelo que se diz mas também pelo que se é. Ensinar pelas convicções e pelas razões de ser favorece uma cultura de paz<sup>157</sup>. Diz-nos o Papa Emérito Bento XVI, que,

“Para ser obreiro da paz é importante ajudar a cultivar atitudes como a compaixão, a solidariedade, a colaboração, o sentido de fraternidade, estar atento à redistribuição da riqueza e promoção do crescimento, para a cooperação e resolução de conflitos”<sup>158</sup>.

### 3.4.1. Educação, fundamento e caminho para a paz

A educação é um direito de todos, é um direito subjetivo, é um direito da pessoa. Mas, como é que a educação pode ser um instrumento a favor da paz nas relações que se

---

<sup>154</sup> J. P. GONÇALVES, *A Educação para a Paz no Âmbito Escolar e Sua Relação com a Formação Docente*, p.3

<sup>155</sup> Ex-presidente do Timor Leste e atual representante da ONU em Guiné-Bissau, e Premiado Nobel da Paz 1996.

<sup>156</sup> R. LOPES, in ZH (Zero Hora) Notícias, 05/10/2013; <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/10/a-paz-so-sera-possivel-quando-ela-existir-em-casa-em-cada-familia-diz-nobel-da-paz-4291536.html>.

<sup>157</sup> Cf. LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 72.

<sup>158</sup> BENTO XVI, *Educar os jovens para a justiça e para a paz*, 2012, nº5, p. 5, in LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, p. 73.

estabelecem no cotidiano? A história mostra-nos que a busca pela paz é inerente ao ser humano. Por isso, a tolerância, reciprocidade e solidariedade, cooperação, força de vontade, autonomia e coerência, capacidade de se colocar no lugar do outro, de dialogar, de conversar são valores essenciais para se tecer a educação para a paz. É importante que a paz se torne possível num ambiente sócio-moral cooperativo, em que o respeito mútuo é exercido não como produto do medo e da subserviência, mas como fruto da admiração pela dignidade, pela cultura, pela justiça com que o outro se conduz. Por isso, a educação para a paz concretiza-se não apenas pelo ensino verbal de virtudes, nem por atividades bem-intencionadas. É concretizada, pelo exemplo vivo do professor autónomo, coerente, que dialoga, que julga, que age e que conserva um sistema de valores em que a paz ocupa um lugar privilegiado. Se a escola se propuser a educar para a paz, estará contribuindo decisivamente para que tenha um mundo melhor.

“Que a educação para a paz possa inspirar as pessoas, a abraçarem a opção por relações harmoniosas, justas e solidárias, com tomadas de consciência que se traduzam em atitudes baseadas na reflexão, na tolerância, na empatia, na cooperação, na reciprocidade, na solidariedade, enfim, a isto que chamamos uma verdadeira cultura da paz”<sup>159</sup>.

A educação tem um papel fundamental nesse processo, possibilitando a sensibilização dos educandos para as questões sociais, ambientais e relacionais da sua realidade local e global, contribuindo para a expansão da sua percepção e consciência para priorizar a vida, a paz e o desenvolvimento sustentável. No entanto, a educação para a paz pode contribuir para a expansão da consciência dos alunos em relação aos problemas sociais<sup>160</sup>.

Através da educação para a paz,

“Pretende-se mobilizar pessoas do mundo inteiro para buscar novas formas de convivência baseadas na reconciliação, na generosidade, na solidariedade, no respeito absoluto aos direitos humanos à diferença, à rejeição de toda forma de opressão e de violência, e lutar sim, pelo livre fluxo de informações e partilha dos conhecimentos. É uma das formas que temos de trabalhar para que as crianças e os adultos, dentro e fora da escola, passem ter uma cultura que os capacitam para resolver os seus conflitos ou problemas de forma não violenta. Nós escutamos todos os dias nos meios de

---

<sup>159</sup> M. FERREIRA, A. DA SILVA, A. OLIVEIRA: in EDUCAR PARA A PAZ, *Núcleo de estudo integradores, programa especial de formação pedagógica*, Centro Universitário Claretiano, S. Paulo 2006, pp. 3-5.

<sup>160</sup> Cf. J. P. GONÇALVES, *A Educação para a Paz no Âmbito Escolar e Sua Relação com a Formação Docente*, p. 3.

comunicação notícias de violência no mundo inteiro, e sentimo-nos impotentes sem respostas para solucionar os problemas que envolvem a violência na família, na rua, entre os países e entre as pessoas. Chegamos até criticar ou condenar esta situação ou ficamos escandalizados pelos atos de violência, sem realmente aprofundarmos na raiz que tem como um dos seus maiores problemas a injustiça e a violência institucional. Por esta razão; educar para a paz significa uma mudança de conteúdos e métodos em todo o âmbito educativo, não só na escola, mas para todas as pessoas com coragem para construir um mundo melhor. Esta, não só cabe a um indivíduo, mas cabe a nós todos”<sup>161</sup>.

Exige a todos nós para estarmos empenhados na busca da paz. A paz é um valor que deve ser repetidamente proclamada e promovida por todos.

### 3.4.2. A paz é um valor humano e a meta da busca humana

A paz é a soma de valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à dignidade e os direitos da pessoa. Porque,

“A paz é, um conceito pluridimensional: paz interior, estar em paz consigo mesmo; paz social, estar em paz com os outros, paz ambiental, estar em paz com as demais espécies e com a natureza em geral; paz militar, a ausência de confronto armado”<sup>162</sup>.

No entanto, o desejo de paz está em cada um de nós. Às vezes escolhe-se o caminho errado: autonomia, isolamento, não se quer envolver para não magoar, indiferença, fechar os ouvidos e os olhos. A Paz é uma relação com o outro, com a natureza, com a história, com as pessoas. É uma construção, e nunca uma omissão, em permanente construção, está intimamente ligada à prevenção e à resolução não-violenta de conflitos.

Porque, estar em paz é uma das mais antigas aspirações humanas, pois desde o começo da nossa história, da nossa trajetória humana, a paz era a denominação dada aos períodos, geralmente breves, que transcorrem entre duas guerras.

Ao pensarmos no processo da reflexão e de formação sobre as respostas possíveis aos conflitos, “acreditamos que a cultura da paz, pode contribuir para a configuração de

---

<sup>161</sup> M. FERREIRA, A. DA SILVA, A. OLIVEIRA: in EDUCAR PARA A PAZ, *Núcleo de estudo integradores, programa especial de formação pedagógica*, p. 5.

<sup>162</sup> M. A. GONÇALVES, *Educação para a paz num contexto hipermoderno*, p. 3.

estratégias para enfrentá-los nos diferentes espaços, tempos onde vivemos na nossa trajetória humana”<sup>163</sup>.

No entanto,

“As inúmeras obras de paz, de que é rico o mundo, testemunham a vocação natural da humanidade à paz. Em cada pessoa, o desejo de paz é uma aspiração essencial e coincide, de certo modo, com o desejo por uma vida humana plena, feliz e bem-sucedida. Na verdade, o homem é feito para a paz, que é dom de Deus”<sup>164</sup>.

Tudo isso vem na inspiração das palavras de Jesus no sermão da montanha: “Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus”(Mt 5,9).

A paz em Deus é a meta da busca humana. Para nos tornarmos autênticos obreiros da paz, é fundamentais a atenção à dimensão transcendente e ao diálogo constante com Deus, Pai misericordioso, pelo qual se implora a redenção que nos foi conquistada pelo seu Filho Unigénito<sup>165</sup>. Isto é, a paz é dom de Deus e obra do homem. Porque, a paz envolve o ser humano na sua integridade e supõe o empenho da pessoa global: a paz com Deus, vivendo conforme a sua vontade; paz interior consigo mesmo, paz exterior com o próximo e com toda a criação. No entanto, a realização da paz depende sobretudo do reconhecimento de que somos, em Deus, uma única família humana. Como escreveu S. João XXIII na Encíclica *Pacem in terris*, “a paz implica principalmente a construção duma convivência humana baseada na verdade, na liberdade, no amor e na justiça”<sup>166</sup>.

### 3.5. Educação para a Paz - Relações Interpessoais na Escola<sup>167</sup>

Aqui trata-se na área educacional sobre os relacionamentos interpessoais que observamos dentro das escolas, levando em consideração que estamos formando crianças, adolescentes, jovens e adultos que precisam de bons exemplos que se espelham, e serem vistos como seres humanos que têm desejos e necessidades quanto ao seu ser e

---

<sup>163</sup> J. BEAUCLAIR, *Mansidão, afabilidade e doçura nas relações humanas: o resgate necessário a partir das instituições*. Selecionado para o I Congresso Latino-americano de Psicologia –ULAPSI, S. Paulo 2005, p. 6; está publicado no site <http://www.psicopedagogia.com.br> em 03/09/2004.

<sup>164</sup> Cf. BENTO XVI, *Bem-Aventuranças os Obreiros da Paz, Mensagem para a celebração do dia Mundial da Paz*, nº1, Janeiro 2013, p.1.

<sup>165</sup> Cf. BENTO XVI, *Bem-Aventuranças os Obreiros da Paz, Mensagem para a celebração do dia Mundial da Paz*, nº3, pp. 2-3.

<sup>166</sup> PAPA JOÃO XXIII, *Carta encíclica, sobre a Paz na Terra, (Pacem in Terris)*, nº 165, 1963, pp. 265-266. *AAS* 55 1963, pp. 265-266.

<sup>167</sup> Cf. L. DISKIN. e L. G. ROIZMAN, *Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas*, p. 10; <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/educacao-para-paz-relacoes-interpessoais-escola.htm>;

desenvolvimento pessoal. Sendo que, os profissionais que trabalham nas escolas também têm estas necessidades e a obrigação de dar bons exemplos<sup>168</sup>. Por isso, num contexto educacional que convive com uma sociedade desigual,

“A paz deve ter um contributo fundamental na resolução de situações de conflito, particularmente num contexto escolar. (...) Porque, a paz não é apenas ausência de guerra, é essencialmente um fruto de um diálogo equilibrado e terá de surgir do desenvolvimento integral de todos”<sup>169</sup>.

O Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* afirma isso mesmo: “uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos não dará futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência”<sup>170</sup>.

No entanto,

“A paz implica particularmente o respeito total pela dignidade da pessoa humana. Assim sendo, numa escola em que existam alunos com necessidades educativas especiais, a paz surge como contributo para um espírito de inclusão, privilegiando o diálogo como forma de encontro. A procura de consenso e de acordos dá lugar a uma escola justa, pacífica e sem exclusão”<sup>171</sup>.

### **3.6. Educação para a paz e valores morais**

Valores morais e paz andam juntos em todos os sentidos. Cada ser humano tem a sua própria história e cada dia constrói uma nova página. Por este motivo, torna-se perfeitamente acessível o poder transformar-se através das novas atitudes, mais coerentes e menos egocêntricas. Todo o ser humano é passível de reeducar-se e educar os demais para a construção de um mundo melhor. “Educar para a paz consiste em transformar valores da cultura de paz em realidade na vida quotidiana”<sup>172</sup>. Neste sentido, “mais do que ensinar, a

---

<sup>168</sup> *Ibidem*.

<sup>169</sup> JOÃO PEDRO TELES BORGES, *A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como contributo para uma escola inclusiva Educar para a paz e inclusão a partir da unidade letiva 4 – Paz Universal – do 7º ano do ensino básico*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, Braga 2015, p. 38.

<sup>170</sup> PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual*, 24 de novembro 2013, nº 219. Paulus Editora, Lisboa 2014. AAS 105.

<sup>171</sup> JOÃO PEDRO TELES BORGES, *A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como contributo para uma escola inclusiva Educar para a paz e inclusão a partir da unidade letiva 4 – Paz Universal – do 7º ano do ensino básico*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, p. 39.

<sup>172</sup> J. M. NOLETO, *Educação e cultura para a paz*, 4ª Edição da UNESCO, Brasil 2001, p. 11.

educação para a paz consiste em transformar o ser humano num homem de verdade com princípios e valores humanitários e não egocêntricos”<sup>173</sup>.

Para se contribuir para uma cultura de paz devemos seguir bons valores: amizade, amor, disciplina, respeito, tolerância, responsabilidade, justiça, diálogo... Com estes princípios, o Manifesto 2000 por uma cultura de paz e não-violência, foi esboçado e milhões de pessoas de todo o mundo assinaram-no comprometendo-se em cumprir seis itens primordiais (respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade), propagando a cultura de paz nas suas famílias, trabalho, cidades, tornando-se “mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo”<sup>174</sup>. E, tornando-se um “conjunto de procedimentos que facilitam a comunicação e as linguagens, estabelecendo laços sólidos nas relações humanas”<sup>175</sup>.

Através das suas relações com o outro é que o homem realmente vive. A qualidade desta relação dependerá dos princípios morais que cada um dos envolvidos, tiver construído durante o decorrer da sua vida. Por este motivo a escola é muitíssimo importante juntamente das famílias destes sujeitos. Quando a família falha, resta a esperança na escola. Uma escola firme nos seus propósitos enquanto formadora de cidadãos conscientes de quem são e como devem agir, é indispensável dentro da sociedade.

Para vivermos bem com as pessoas precisamos saber como comunicar claramente os nossos pensamentos e objetivos, dando espaço para a interação e troca de saberes. A relação professor-aluno e as relações interpessoais têm grande importância no espaço escolar. Geralmente é na pré-escola que a criança realmente inicia a sua socialização com os seus colegas, professores, funcionários e o espaço escolar, onde se criam novos vínculos. O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados num tempo e em espaços determinados<sup>176</sup>.

A partir deste contato, há várias possibilidades de construirmos com eles regras a serem seguidas, discutidas e respeitadas igualmente por todos. Infelizmente, para uma criança que tem pouco contato com regras na família, torna-se difícil a adequação e aí surgem conflitos na sala de aula. Quanto mais cedo expusermos as regras às crianças maiores serão as

---

<sup>173</sup> Por: Simone Pizzio, 2009; Cf. <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/educacao-para-paz-relacoes-interpessoais-escola.htm>.

<sup>174</sup> M. A. GONÇALVES, *Educação para a paz num contexto hipermoderno*, Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012, p.11; Cf. ROIZMAN, Manifesto 2000, 2002 e Cf. <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/educacao-para-paz-relacoes-interpessoais-escola.htm>; Cf. L. DISKIN, e L. G. ROIZMAN, *Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas*, Brasília: Governo do Estado de Sergipe, UNESCO, Associação Palas Athena, 2ª Edição 2006, p. 10.

<sup>175</sup> C. ANTUNES, *Relações Interpessoais e autoestima*, 6ª Ed., Petrópolis, Ed. Vozes, Brasília 2009, p. 22.

<sup>176</sup> Cf. E. PICHON-RIVIÈRE, *Teoria do vínculo*, tradução Eliane Toscano Zamikhowsky, 7ª ed., Enc. Brochura, Brasil 1907-1977, p. 31.

possibilidades de termos um aluno participativo, humano e com autocontrole. Podemos esperar em vez de falar, saber compartilhar, pedir ao invés de pegar, possuir autocontrole e entender as razões e reações do outro. Essas revelações não devem jamais ser apresentadas como uma exposição ou como regras incompreendidas que devem ser assumidas para satisfazer o adulto; mas podem ser descobertas através do jogo, numa compreensão que pouco a pouco se construirá<sup>177</sup>.

Tanto para as crianças quanto para os adultos, o jogo é de fundamental importância para compreensão e assimilação das regras de convivência. O outro fator essencial é a família;

“Ela é o princípio de tudo para a criança. É nela que se desenvolvem os primeiros sentimentos que orientaram a nossa existência. Fraternidade, entusiasmo, alegrias, tristezas, seguranças e inseguranças. Assim são as famílias na vida de cada um de nós, “pequenos ou grandes”: que nos marcam, formam e acompanham, ajudando-nos a ser, e a escolher”<sup>178</sup>.

Quando temos uma turma que não respeita os seus elementos, onde há competição de uma forma extrema e os pais estão totalmente ausentes à percepção destes fatos, cabe ao professor procurar entender os seus alunos, verificando a sua história de vida, e, de forma criativa levar os alunos a centrar a atenção nos estudos e não nos colegas. Sabemos também que, para atuarmos bem dentro da sala de aula, é necessário que estejamos em paz e harmonia com o nosso grupo de trabalho, tanto com os alunos quanto com os nossos colegas de profissão. Sabemos que é uma tarefa difícil, mas precisamos ter harmonia nas relações. Cabe a nós sabermos administrar quando estamos de um lado ou do outro. Neste contexto, as palavras e as suas tonalidades de uso exercem um papel fortíssimo que influenciam as reações do outro. O aluno que está à nossa frente, depende de nós para se desenvolver de forma integral. A relação que estabelecermos entre professor-aluno será de grande importância neste processo. Precisamos ter em mente que somos adultos e o nosso aluno ainda está em processo de aquisição de conhecimentos e de formação da sua personalidade. Por isso, temos de “tentar” saber como “tocá-lo”, sensibilizando-o para a construção de valores construtivos<sup>179</sup>.

Construir uma cultura da paz é, sem dúvida, uma exigência fundamental para a existência de uma sã convivência da humanidade. Na diversidade das pessoas, das suas culturas, tradições, raças, e modos de viver, são necessárias mudanças significativas,

---

<sup>177</sup> Cf. C. ANTUNES, *Relações Interpessoais e autoestima*, p. 22.

<sup>178</sup> J. LACAN, *Família*, 2ª edição, Sociedade Editorial e Distribuidora, Lisboa 1981, p. 10.

<sup>179</sup> Cf. C. ANTUNES, *Relações Interpessoais e autoestima*, 6ª Ed., Ed. Vozes, 2009, pp. 22-23; Cf. J. LACAN, *Família*, 2ª edição, Sociedade Editorial e Distribuidora, Lisboa 1981, p. 10.

principalmente por parte dos que consideram as suas ideias verdades absolutas, únicas e intocáveis. Só em torno de um projeto comum para a humanidade, que passa necessariamente pela educação, será possível articular as diferenças e avançar no diálogo e na construção da paz. Os educadores têm um papel fundamental na educação para a paz. Diante da complexidade das relações entre o sistema educacional e a sociedade, entre a reflexão e ação educativas, eles têm o privilégio e a responsabilidade de orientar os educandos conjugando as características das culturas locais com a abertura aos valores e horizontes universais.

Somente assim, podemos ‘edificar’ a paz em bases sólidas, tendo presente os três pilares de sustentação de uma cultura da paz: a democracia, os direitos humanos e o desenvolvimento.

Nesta caminhada para uma educação de cidadania e para uma cultura da paz,

“O educador, como sujeito da praxis pedagógica tem, como acima dissemos, um papel importantíssimo. Uma das suas tarefas é fazer com que a educação seja crítica, permitindo situar e compreender os problemas no todo da estrutura social. Deve assumir o seu papel de agente de mudanças, de fomentador de lideranças e deve firmar cada vez mais uma competência técnica, científica e pedagógica”<sup>180</sup>.

Todos desejamos a paz; muitas pessoas constroem-na todos os dias com pequenos gestos; muitos sofrem e suportam pacientemente a dificuldade de tantas tentativas para a construir<sup>181</sup>. Na sociedade contemporânea, onde a competitividade é o ponto forte, temos que buscar a paz entre os cidadãos. A educação para a paz deve ser basicamente uma meta a ser atingida. A paz converte-se num processo contínuo e acessível em que a cooperação, o entendimento recíproco e a confiança em todos os níveis ajustam as bases das relações interpessoais. Na educação para a paz devemos buscar e mudar o modo de sentir, pensar, falar e agir.

A cultura da paz baseia-se no diálogo, que visa pôr questões, estabelecer relações, partilhar ideias, questionar e aprender, compreender, fazer surgir ideias, buscar a pluralidade de conceitos. Ao incorporarmos a cultura da paz no nosso quotidiano, disponibilizamo-nos ao diálogo, à escuta, à tolerância, à generosidade, ao compromisso. Neste sentido, constatamos que a educação é uma formação continuada, que dura toda a existência<sup>182</sup>.

---

<sup>180</sup> M. A. GONÇALVES, *Educação para a paz num contexto hipermoderno, Seminário de pesquisa em educação da região sul*, 2012, pp. 12-13.

<sup>181</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, *Regina Caeli*, Belém, 25 de maio de 2014.

<sup>182</sup> Cf. E. MORIN, *Os sete saberes*- Por Amélia Hamze. Profª FEB/CETEC ISEB/FISO.

Cf. <http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-educacao-relacao-com-paz.htm>; Cf. <http://educaparaapaz.blogspot.pt/>. (Quarta-feira, 25 de janeiro de 2017).

Como crentes, daremos o exemplo de ‘fazedores da paz’ se nos comprometermos a trabalhar pela paz através da oração e da ação; se banirmos dos nossos corações, palavras e gestos de violência; se construirmos comunidades não-violentas, que cuidem da casa comum. “Nada é impossível, se nos dirigimos a Deus na oração. Todos podem ser artesãos de paz”<sup>183</sup>.

Concluindo, há necessidade de propor e promover uma pedagogia da paz. Esta requer uma vida interior rica, referências morais claras e válidas, atitudes e estilos de vida adequados. Com efeito, as obras de paz concorrem para realizar o bem comum e criam o interesse pela paz, educando para ela. Pensamentos, palavras e gestos de paz criam uma mentalidade e uma cultura da paz, uma atmosfera de respeito, honestidade e cordialidade. Por isso, é necessário ensinar as crianças, jovens e adultos a amarem-se e educarem-se para a paz, daqui surgiu a minha proposta para transformar a 4 unidade letiva “A Paz Universal” num itinerário de educação para a paz. Daí o nome para a nova Unidade letiva: “Educar para a Paz”.

---

<sup>183</sup> PAPA FRANCISCO, na *Visita a Assis, para a Jornada de Oração pela Paz, Sede De Paz. Religiões e Culturas em Diálogo*, 20 de setembro de 2016.

## PARTE III – UMA PROPOSTA DE REORGANIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A PAZ UNIVERSAL” DO 7º ANO

### 1. Contextualização

Esta nova reorganização de unidade letiva pretende dar uma nova dinâmica a um valor essencial do ser humano. Nesse sentido proponho que a unidade letiva tenha a designação de Educar *para PAZ*” em substituição da atual unidade letiva “*A PAZ Universal*”. O principal objetivo desta minha proposta é percorrer junto com os alunos um caminho, um itinerário que tem várias etapas ou paragens para se chegar ao que se pretende - a meta, o sonho da humanidade que é a Paz. Um caminho que implica cada um pessoalmente, que implica a turma, a escola e a sociedade, todos são importantes nesta caminhada, neste desejo forte da humanidade, que é alcançar a paz.

Partindo dos vários tipos de violência que controlam a vida das pessoas e das sociedades pretendo dar uma visão positiva, ou seja que, para se alcançar a paz é necessária uma educação para a paz desde muito cedo junto dos educandos que frequentam a escola. Pretendo partir do negativo para chegar ao positivo. Podíamos dizer, partir do que está mal para se chegar ao bem, à felicidade e à paz. Estou consciente que o sucesso da paz universal passa por uma educação na globalidade e nas várias fases do crescimento do ser humano. Partir do realce da importância da educação no geral, que por sua vez leva à educação nos valores e que com naturalidade levará para uma educação para a paz. A educação para a paz deve ser algo que deve estar presente no dia-a-dia dos nossos alunos desde a mais tenra idade até à universidade e posteriormente como membros ativos numa comunidade, numa sociedade onde cada um tem as suas responsabilidades.

Como diz o Capítulo Geral dos Salesianos de Dom Bosco, educar os jovens para fé, educar é a acção de promover a educação, que, compreende todos os processos institucionalizados ou não, que visam transmitir determinados conhecimentos e padrões de comportamentos a fim de garantir a continuidade da cultura e de uma sociedade, “e participar com amor no crescimento das pessoas e na construção do seu futuro”<sup>184</sup>. Na mesma linha o Papa Francisco disse: “educar é um gesto de amor, é dar vida.”<sup>185</sup> Segundo Gabriel José Falcão, “A família é o lugar da formação integral, do amadurecimento pessoal. (...) Aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer «obrigado» como expressão duma sentida avaliação

---

<sup>184</sup> 23º CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Educar os Jovens para a Fé*, Documentos Capitulares, n. 02, Roma 1990, p. 21.

<sup>185</sup> Discurso do Papa Francisco aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, *Sala Clementina, Quinta-feira, 13 de Fevereiro de 2014*.

das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando se faz o mal”<sup>186</sup>. Continua José Falcão referindo-se à exortação apostólica ‘Amoris Laetitia’: “a família é posta como o lugar privilegiado da nova cultura, cultura da vida, o lugar da formação integral”<sup>187</sup>

A ligação profunda entre educação e os valores, é um dado que se pode facilmente verificar ao longo da história. Em cada época vincaram mais determinados lotes de valores: cívicos, éticos-religiosos, artísticos.

“A educação cria condições para o desenvolvimento de um conjunto de valores que dão uma certa segurança à existência, assinalando o que é bom, o que não é bom, o que é correto, o que não é correto, o que se pode dizer, o que se pode fazer, oferecendo as coordenadas da existência que depois no dia-a-dia não parecem estar tão seguras,”<sup>188</sup>.

O homem muito tem corrido atrás da paz, esquecendo-se que ela muitas vezes está dentro de si mesmo. A paz constrói-se no dia-a-dia entre as pessoas com quem se convive.

Só é possível pensarmos no valor da educação e no valor da paz a partir da concepção do ser humano, ou seja, para educar é necessário saber o que se entende pelo humano e o que humanidade deseja construir. Nesse sentido a educação para a paz tem o seu ponto de partida na família. A Família é o centro da Paz. (...) Portanto, se a família é o primeiro lugar onde se abrem ao mundo, ela deve ser para eles a primeira escola de paz.<sup>189</sup>

No ambiente da minha escola, uma escola privada onde o ensino da EMRC é obrigatória foi-me possível realizar uma atividade no tempo da quaresma sobre o lema da mensagem de Fatima principalmente quando fala da importância da paz. Essa atividade foi realizada no, dia 08 de março, consistindo num retiro com os alunos do 4º ano sobre a Mensagem de Fátima, tendo em conta a celebração, este ano, dos 100 anos das aparições de Fátima.

A dinâmica era uma caminhada com o título “**MARI\_Ando**”. Caminhando com Maria. Ao longo da caminhada fomos conhecendo e aprofundando as várias personagens da mensagem: O Anjo, Jacinta, Francisco, Lúcia e, por fim, Maria. No final de cada etapa rezávamos uma Ave-Maria com as seguintes introduções:

---

<sup>186</sup> G. J. FALCÃO, “Ecologia integral, Ecologia do homem”, *ITENERARIUM*, n. 214 (2016) p. 22.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> L. F. VALERO IGLESIAS, *Aproximación a una educación en valores*, P. P. U, Barcelona 1992, p. 26.

<sup>189</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Dêmos as crianças um futuro de paz*, nº8 e 9, 1996, AAS 86, pp. 108-109

**0 – A História De Fátima** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que os homens e mulheres de hoje escolham sempre os caminhos do Bem. Ave Maria...**Etapa 1 – o Anjo** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que as crianças e os jovens saibamos estar atentos às necessidades que os rodeiam. Ave Maria...**Etapa 2 – Jacinta** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que os homens e mulheres de hoje se deixem envolver pela presença de Deus nas suas vidas. Ave Maria...**Etapa 3 – Francisco** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que os homens e mulheres de hoje cresçam no diálogo com Deus Pai através da oração. Ave Maria...**Etapa 4 – Lúcia** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que os homens e mulheres de hoje sejam capazes de perdoar quem os ofende e aceitem as suas próprias limitações. Ave Maria...**Etapa 5 – Maria** - Somos convidados a rezar pela Paz e para que as crianças e jovens de hoje descubram através da Mãe de Jesus a bondade do coração de Deus e sejamos capazes de ser bondosos e misericordiosos. Ave-maria...

No final de cada etapa, cada grupo era convidado a refletir, partilhar e escrever no guião as respostas às perguntas sobre as personagens. Na última etapa sobre Maria, a reflexão e a partilha centrava-se também sobre a paz, como podemos ver no texto escrito pelo orientador no início do trabalho de grupo da quinta etapa:

“Estamos na última etapa da nossa peregrinação. É a etapa da pessoa de Maria. Nossa Senhora é o grande sinal do Amor e da Amizade de Deus para com os três pastorinhos. E Ela transmite-lhes ao longo das seis aparições algumas mensagens importantes para os ajudar a ser felizes, fazendo a vontade do seu filho Jesus: 1º - rezar pela Paz no mundo, 2º - rezar pela conversão de todas as pessoas que cometem erros graves (pecados) nas suas vidas 3º - aceitar os pequenos e os grandes sacrifícios da própria vida com o mesmo espírito de Jesus que o fez para o bem daqueles que ama”<sup>190</sup>.

As perguntas propostas aos diferentes grupos sobre a paz eram as seguintes:

1ª Achamos que é importante rezar pela paz? Quando podemos rezar pela paz? 2ª Como podemos construir a paz?

Em relação à primeira pergunta, as respostas foram as seguintes: “Sim, é importante rezar pela paz sempre e em todo lado”; “Sim, é importante, quando acontecem coisas más no mundo, quando alguém precisa de ajuda, e devemos rezar pela paz mesmo quando há paz”; “Sim, podemos rezar todos os dias”; “Sim, nas missas, nas casas, diariamente”<sup>191</sup>. Em relação à segunda pergunta: “Podemos construir a paz, fazendo novas amizades e acabando com os

---

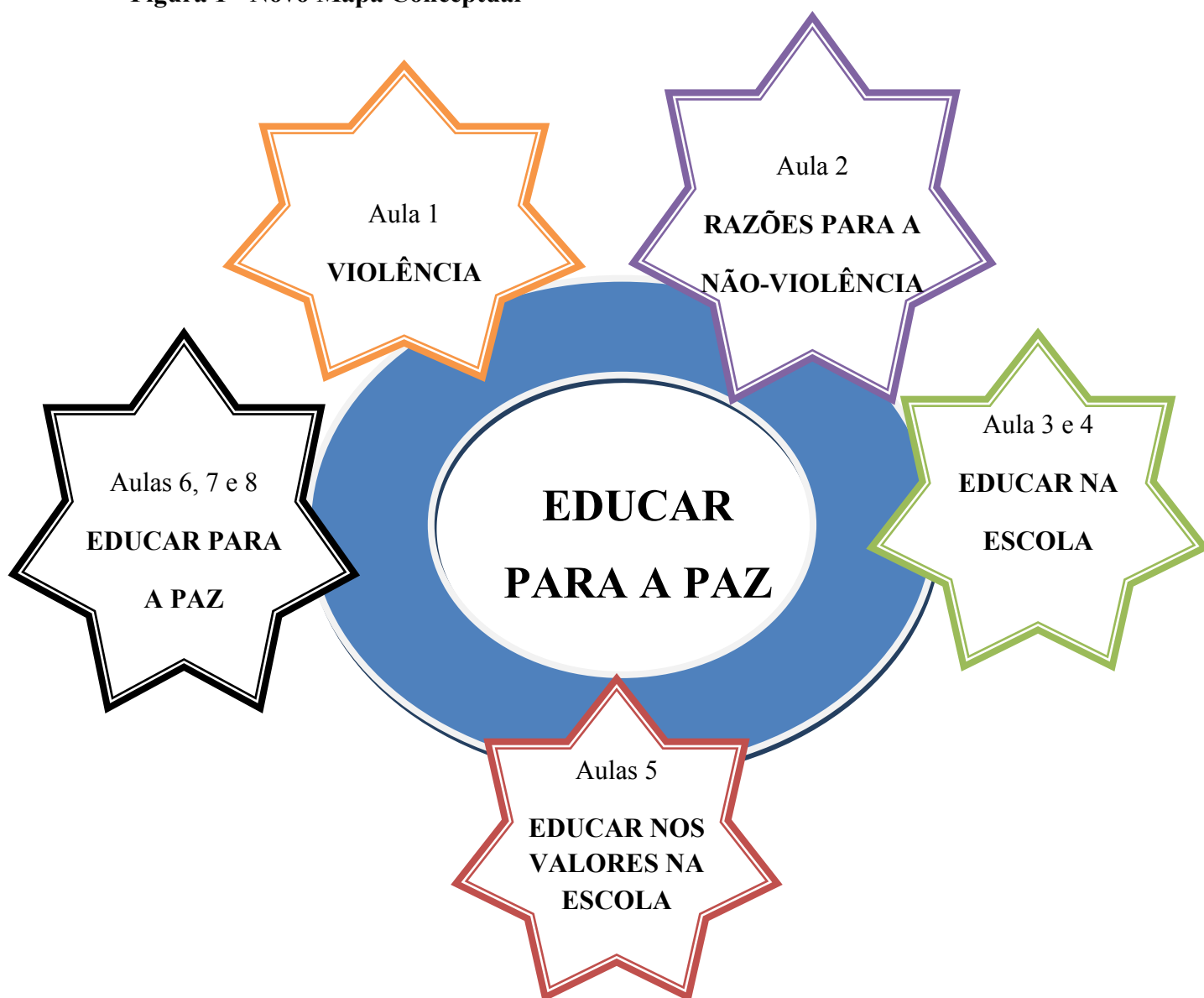
<sup>190</sup> *Guião do Retiro Quaresmal dos Alunos do Colégio Salesianos de Évora*, março 2017.

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*.

conflitos entre as pessoas”; “Através da oração, partilhando, cuidando dos outros, fazendo o bem, ajudando, amando os outros”; “Praticando o bem e a caridade”; “Fazendo o bem, ajudando e amando o próximo”<sup>192</sup>.

Partindo de toda a reflexão sobre a importância da educação no geral, nos valores para chegar a educação para a paz apresento o novo mapa conceitual para esta unidade letiva do 7º ano de Escolaridade. Pretende ser um itinerário entre os educadores e os alunos dos diferentes níveis de ensino que os leve a um compromisso sério na construção de sociedade de paz.

**Figura 1 - Novo Mapa Conceptual**



<sup>192</sup> *Ibidem.*

**A figura 1 apresenta-nos** o mapa conceptual da reorganização da nova unidade letiva sobre a “Educar para a PAZ”. Como podemos ver torna-se claro que o que se pretende fazer com os alunos é um itinerário, um caminho crescente. Antes de começarmos este caminho descobrimos que temos um problema, que é urgente e necessário solucionar. A solução está no caminho que vamos fazer todos juntos para chegarmos à meta. À partida deste itinerário, temos que estar bem conscientes que a educação é uma questão de todos. O contributo de cada um individualmente é importante. Neste itinerário a referência ao outro constitui um dado primário, porque neste caminho somos homens e mulheres de relações fraternas. A profundidade da identidade da pessoa revela-se na abertura de si aos outros, no encontro com os outros. O homem enquanto imagem e semelhança de Deus é convidado a participar da sua vida divina, uma vida que é comunhão, abertura ao outro, doação e entrega a causas grandes como seja a paz.

## **2. Descrição e explicação da proposta de planificação para as aulas**

### **1ª Aula**

A educação para a paz partindo dos vários tipos de violência requer uma ação combinada entre a comunidade internacional, de cada governo, de cada povo (família) e de cada pessoa. Cada um tem um papel importante nesta caminhada. A nível internacional os que invadem territórios devem acatar as recomendações da Organização das Nações Unidas. Em cada um dos países a primeira preocupação deve ser que as leis funcionem e que a justiça seja um valor essencial da sociedade. A nível familiar a preocupação deve ser cumprir o que se diz e evitar corromper as novas gerações. A nível pessoal cada um deve-se esforçar para conseguir coincidir o que se pensa como o que sente e o que faz. Uma vida coerente.

### **2ª Aula**

Uma estratégia importantíssima e essencial para combater estes fatores que geram violência é o investimento na educação, pois sabemos que as grandes nações são resultado de grandes cidadãos com formação. Com a aposta na educação desde o pré-escolar até ao ensino superior, formam-se pessoas capazes de reivindicarem os seus direitos e assim cumprirem com muita mais eficácia os seus deveres. Outra estratégia para combater os fatores que geram violência é a construção de uma sociedade de igualdade de oportunidades. Esta estratégia pode muito bem estar associada ao investimento na educação. Somos diferentes mas somos criados para que todos sejamos felizes. É necessário mudarmos o comportamento social para que a violência não se alastre e que todos tenham realmente direitos iguais. As palavras

paulinas em 1Timóteo são esclarecedoras: “Pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos. Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos.” (1Tim 6,7-10).

Basta precisarmos de parar a máquina da violência que caminha desvairada. Precisamos de investir e valorizar o diálogo entre pais e filhos, dar atenção à família e respeitar o outro, sermos pessoas educadas que aceitam o outro como ele é.

### **3ª Aula e 4ª Aula**

Bem sabemos que as coisas de maior importância nas nossas vidas acontecem na escola. Depois da família a escola é segundo maior ambiente onde a criança permanece muito tempo, por isso o ambiente escolar deixa de ser mero espaço de aprendizagem formal e torna-se palco de frustrações, realizações, encontros, disputas, competitividade e ambiente de relações interpessoais. Com a ajuda dos educadores e agentes da educação o aluno vai-se contruindo como um ser pensante, como um indivíduo que se questiona. A melhor forma de educar é levar o conhecimento de mãos dadas como o afeto, com relações sinceras entre os profissionais da educação e os alunos. Nesse sentido diz S. João Bosco fundador dos Salesianos, a *“educação é uma coisa do coração”*. Segundo D. Bosco as crianças, os adolescentes e mesmo os jovens têm melhor aproveitamento quando são olhadas com carinho, respeito e quando sentem que verdadeiramente há alguém que se importa com elas, seja na escola ou em casa.

São Paulo diz aos pais cristãos e que pode servir para todos os pais e para todos os educadores no geral, o que levará à educação nos valores e por consequência à educação para a paz: “Pais, não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós, mas criai-os na disciplina e correção do Senhor” (Ef 6,4). O livro do Eclesiástico diz que: “Aquele que estraga seus filhos com mimos terá que lhes curar as feridas” (Ecl 30,7).

### **5ª Aula**

Os valores são aqueles critérios que guiam a nossa forma de interpretar a vida e de como atuar frente a ela. Nesse sentido existem valores pessoais que correspondem à nossa filosofia de vida e herança familiar e existem valores universais que todos devíamos partilhar pois o objectivo é tornar o mundo melhor, mais justo e onde todos possamos ser felizes.

Fomentar a tolerância, a liberdade, a solidariedade a igualdade e respeitar e aceitar o outro permite que consigamos um mundo melhor, um mundo onde a paz seja uma realidade, logo essa educação tem de partir de casa. Desde casa porque como nos diz a experiência as crianças aprendem com o exemplo dos adultos, logo se houver essa sensibilidade de educação nos valores acima mencionados a crianças vai com naturalidade assumi-los, por um lado pelo exemplo dos adultos e por outro pela aprendizagem no dia-a-dia na escola, que também deve educar nestes valores pois é o segundo maior ambiente onde as crianças, adolescentes e jovens passam a maioria do tempo. Toda esta dinâmica leva e abre caminhos para uma verdadeira educação para a paz. Conteúdo das aulas 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>.

### **6<sup>a</sup> aula**

O Santo Padre, Papa Francisco publicou a sua mensagem para o 49º Dia Mundial das comunicações Sociais, que tem por tema, «Comunicar a família: ambiente privilegiado de encontro na gratuidade do amor». O Papa refere que «não existe a família perfeita, mas não é preciso ter medo da imperfeição, da fragilidade, nem mesmo dos conflitos; é preciso aprender a enfrentá-los de forma construtiva. Por isso, a família onde as pessoas, apesar das próprias limitações e pecados, se amam, torna-se uma escola de perdão». Dessa escola de vida que é a capacidade de pedir perdão e de cultivar o hábito de cuidar o outros e constrói um relacionamento mútuo e respeito pelo outro.

Uma criança que aprende, em família, na escola, a ouvir os outros, a falar de modo respeitoso, expressando o seu ponto de vista sem negar o dos outros, será um construtor de diálogo na sociedade.

Nesta realidade tão adversa em que vivemos, há que enaltecer o papel dos que trabalham pela construção da paz e o bem comum, tanto na família, escola, nas instituições religiosas e do Estado para que sejam firmes na sua ação e a sua missão como os promotores e a defensores da pessoa humana.

### **7<sup>a</sup> aula**

Ao longo da vida estamos sempre a ser postos à prova. Seja na escola, no emprego, no grupo de amigos, perante qualquer tipo de problemas que vão aparecendo. Todos sabemos disto. Mas quem sabe lidar de forma útil para si e para os que o rodeiam neste momento?

No entanto, a família é o primeiro lugar de comunicação do ser humano, e a valorização do mesmo. É na família que a vida cristã se inicia, não sendo novidade que é importante qua a família comunique esta identidade cristã.

Neste sentido, como membros ativos de um grupo e de uma sociedade global, somos chamados a buscar caminhos para a reconciliação e a paz. Temos de estar convencidos da importância crucial de avançar nas mútuas relações, para compartilhar a comunhão plena e as expressões concretas de unidade. Exortemos pois, as nossas crianças, adolescentes, jovens a trabalharem em união com os adultos na construção de uma civilização de justiça, paz e solidariedade humana.

### **8ª aula**

Somos agora confrontados com a realidade, com os casos, com as mortes de alguns meninos, que foram vítimas dos que os fizeram nascer, ou da família que seria um refúgio seguro. Para isso os “que constroem a paz” (Cf. Mt 5,9) são aqueles que se recusam a aceitar que a violência e a lei do mais forte rejam as relações humanas; e são aqueles que procuram ser – às vezes com o risco da própria vida – instrumentos de reconciliação entre os homens.

No entanto, viver em paz é uma necessidade real das pessoas. E a paz também não é um sonho, nem uma utopia; a paz é possível. Basta que cada homem/mulher lute por aquilo que acredita e que se empenhe cada dia em ser e aceitar o outro como ele é.

A paz exige trabalho, empenho de todos. O grão que cada um pode aportar para esse itinerário de educação para a paz é essencial para que a paz deixe de ser um sonho e seja um caminho.

### 3. Proposta de Planificações

#### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 1ª Aula

##### Metas:

N – promover o bem comum e o cuidado do outro

O – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>4 - Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p> <p>2 - Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.</p>	<p>Conceito de violência</p> <p><b>Vários tipos de violência:</b> violência entre países; violência entre grupos; política; religiosa; familiar; verbal; física; psicológica; violência na escola associada ao assédio escolar ou bullying.</p> <p>-Identificar as causas que originam situações de leituras interpessoais no meio escolar</p>	<p>Acolhimento</p> <p>✓ <b>Sumário:</b> A violência no mundo atual. Exemplos de vários tipos de violência. O Itinerário de educação para a paz (explicação e Início).</p> <p><b>Audição de uma canção</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Canção: violência</li> <li>- Análise da mensagem da canção</li> <li>- Palavras-chave da canção</li> <li>- Leitura de textos sobre a Violência</li> <li>- Imagens</li> <li>- Vídeos de testemunhos sobre a violência nos diferentes âmbitos</li> </ul> <p><b>Trabalho de Pares</b> – Elaboração de umas sínteses sobre um tipo de violência</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>Manual do aluno</p> <p>PC Documento</p> <p>Folhas</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>15</b></p> <p><b>12</b></p> <p><b>8</b></p>	<p>O professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observa se os alunos registam sumário</li> <li>- Observa o interesse e participação, dos alunos.</li> <li>- Toma nota no caderno os alunos que participam aos longos dos vários momento das aulas.</li> <li>- Acompanha a leitura dos alunos.</li> </ul>

### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 2ª Aula

**Metas:**

O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

L. Estabelecer um diálogo entre cultura e a fé.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos</p> <p>4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>- A violência: ilusão de uma solução para os problemas.</p> <p>- A guerra: causas e consequências.</p> <p>- Razões da violência.</p> <p>- Violência (anti valores, desigualdade, ambição, injustiça, ter, fanatismo...).</p> <p>-RAZÃO porque é necessário dizer BASTA.</p> <p>- Símbolo – Borracha.</p>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> Razões para a não-violência. “Salto” para o caminho da felicidade para uma sociedade do bem, do belo e da paz.</p> <p><b>Textos sobre as razões da violência.</b></p> <p>- Partes de filme sobre a não violência.</p> <p>- Cine fórum; <b>Análise</b> do texto Bíblico: 1ª Timóteo 6,7-10</p> <p>- <b>Jogo (dinâmica) da Borracha</b></p> <p><b>Realização-</b> 2ª etapa da construção do itinerário de educação para a paz.</p> <p><b>Próxima aula:</b> Tribunal sobre a educação, distribuição das tarefas de cada aluno (<i>prepararem-se em casa</i>).</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>Manual do aluno</p> <p>Bíblia</p> <p>Documentos</p> <p>Portefólio</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>10</b></p> <p><b>17</b></p> <p><b>5</b></p> <p><b>8</b></p>	<p>O professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observa se os alunos registam sumário</li> <li>- Observa o interesse e participação, dos alunos.</li> <li>- Toma nota no caderno os alunos que participam aos longos dos vários momentos das aulas.</li> <li>- Acompanha na realização do exercício.</li> </ul>

## Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 3ª Aula e para a 4ª aula

### Metas:

Q. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

D. Promover o dialogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo (45-45)	Avaliação Formativa
<p>1. Valorizar a paz como um valor orientador do sentido da realidade humana</p> <p>4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p> <p>6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>- A educação no geral e a sua importância na formação dos alunos</p> <p>- Resenha histórica da importância da educação (textos, testemunhos)</p> <p>- Educação, fundamento e caminho para a paz.</p> <p>- Importância da educação na vida das pessoas e da sociedade</p>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> Educar no geral para os desafios da sociedade. A educação na Escola. Principais agentes desta educação no geral</p> <p><b>Vídeo</b> – <i>A importância da educação no mundo atual e a importância de educar na escola</i></p> <p>- <b>Tribunal</b> – Vai a julgamento a educação no geral e a educação na escola</p> <p>- <b>Debate</b> - conduzido pelo professor</p> <p><b>Realização-</b> 3ª e 4ª etapa da construção do itinerário de educação para a paz</p> <p>TPC – Entrevistas sobre a educação na escola e sobre os principais valores que devem estar presentes na educação</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Messa para construir um ambiente de tribunal</p> <p>Cama de vídeo</p> <p>Colunas</p>	<p><b>6</b></p> <p><b>4</b></p> <p><b>60</b></p> <p><b>20</b></p>	<p><b>O professor:</b></p> <p>- observa se os alunos registam sumário</p> <p>- o professor tona nota do resultado do concurso</p> <p>- observa o interesse e dos alunos no vídeo proposto.</p> <p>- acompanha os grupos na realização do exercício</p>

### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 5ª Aula

**Metas:**

N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

D. Promover o dialogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p> <p>6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>- Reconhecer soluções fundamentadas nos valores tendo em vista o reconhecimento da dignidade do outro</p> <p>- Identificar e refletir sobre exemplos concretos de promoção do diálogo, do perdão e da reconciliação.</p> <p>- Textos sobre o valor a justiça</p>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> Apresentação do TPC. Dialogo sobre os mesmos. Educar nos valores na escola. Trecho do filme” cadeia de favores”</p> <p><b>Visionamento trecho do filme;</b> Relacionamento dos TPC com o filme.</p> <p>- <b>Poema de S. Francisco - Canção e power point</b> – uma versão atual</p> <p>- Ideia chave</p> <p>- Dialogo</p> <p>- Sínteses do poema</p> <p><b>Realização-</b> 5ª etapa da construção do itinerário de educação para a paz</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>Power Point</p> <p>C/ Colunas</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>10</b></p> <p><b>20</b></p> <p><b>10</b></p>	<p><b>O professor:</b></p> <p>- observa se os alunos registam sumário</p> <p>- o professor tona nota do resultado do concurso</p> <p>- observa e corrige a leitura do alunos escolhidos</p> <p>- acompanha e ajuda se necessário na realização dos exercícios</p>

### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 6ª Aula

**Metas:**

Q. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>1. Valorizar a paz como um valor orientador do sentido da realidade humana.</p> <p>4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>- A minha responsabilidade na construção da paz</p> <p>- A cultura da paz na família, escola e no quotidiano. Família primeira escola de paz (João Paulo II)</p> <p>- Prémios nobel da Paz: razão por que receberam o prémio</p>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> A Paz como um elemento essencial na sociedade. A Paz na família, na escola e na sociedade. A Paz nos textos bíblicos</p> <p><b>Reflexão</b> sobre o que é EDUCAR PARA A PAZ – (textos)</p> <p>- <b>Leitura e análise</b> de algumas mensagens do Papa para o dia mundial da Paz</p> <p>- <b>Análise de alguns personagens</b> que receberam o prémio nobel da paz</p> <p>- <b>Leitura e análise</b> do texto Bíblico Lv 24,17-21 – lei de talião a contra por com os textos bíblicos ...</p> <p><b>TPC: Preparação das dramatizações:</b> Mt 5, 38-48; Mt 18, 21-35</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>Manual</p> <p>Manual</p> <p>Manual</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>8</b></p> <p><b>8</b></p> <p><b>15</b></p> <p><b>8</b></p>	<p><b>O professor:</b></p> <p>- observa se os alunos registam sumário</p> <p>- o professor tona nota do resultado do concurso</p> <p>- observa as a leitura e participação dos alunos em relação ao texto lido</p> <p>- anota o empenho na preparação e na execução da encenação</p> <p>- atento a participação e leitura dos alunos</p>

### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 7ª Aula

**Metas:**

E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo

D. Promover o dialogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.</p> <p>6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analise dos textos: - <b>Lv 24,17-21</b> – lei de talião</li> <li>- A minha responsabilidade na construção da paz</li> <li>- Construir a paz</li> <li>- O diálogo como meio necessário para a construção da paz.</li> <li>- O Arrependimento e o perdão com claves essenciais num caminho para alcançarmos a paz.</li> </ul>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> A minha responsabilidade e o meu contributo na construção da paz. Dramatização do texto bíblico. Diálogo sobre no mesmo e sus a importância na construção de um itinerário de educação para a paz</p> <p><b>Apresentação</b> das dramatizações dos textos Bíblicos Mt 5, 38-48; Mt 18, 21-35</p> <p><b>Diálogo sobre:</b> - O diálogo conduz a paz</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perdoo, mas não esqueço</li> <li>- Perdão e reconciliação</li> <li>- Perdão e justiça</li> </ul>	<p>Caderno diário</p> <p>Colunas</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>Manual</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>20</b></p> <p><b>20</b></p>	<p><b>O professor:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- observa se os alunos registam sumário</li> <li>- o professor tona nota do resultado do concurso</li> <li>- observa as atenção dos alunos em relação ao Powerpoint</li> <li>- observa o interesse na participação em relação aos vários assuntos colocados em diálogo</li> </ul>

### Unidade Letiva 4 – Educar par a Paz – Itinerário para a 8ª Aula

**Metas:**

Q. Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

D. Promover o dialogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
<p>1. Valorizar a paz como um valor orientador do sentido da realidade humana</p> <p>3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos</p> <p>6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>- Pergunta: Será possível a Paz</p> <p>- Educar par a paz é um tesouro</p> <p>- Construir a paz</p> <p>- A Paz é um valor humano e a meta de qualquer ser humano</p>	<p>Acolhimento – Diálogo com os alunos sobre a semana.</p> <p><b>Sumário:</b> A Paz como um Tesouro e como um compromisso de todos</p> <p><b>Visionamento</b> de mensagem sobre a importância de viver em Paz em tantos países</p> <p><b>Canção e power point: Pela Paz No mundo;</b> Júlio Iglésias, Roberto Carlos, José Feliciano e outros.</p> <p>- <b>Realização-</b> 6ª, 7ª e 8ª etapa da construção do itinerário de educação para a paz.</p> <p>- Compromisso de cada para se concretizar o desejo de toso o ser humano a PAZ</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PC</p> <p>Colunas</p> <p>CD</p> <p>Pc</p> <p>Colunas</p> <p>Manual</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>2</b></p> <p><b>8</b></p> <p><b>12</b></p> <p><b>20</b></p>	<p><b>O professor:-</b></p> <p>observa se os alunos registam sumário</p> <p>- o professor tona nota do resultado do concurso</p> <p>- observa as atenção dos alunos em relação ao Powerpoint</p> <p>- observa o interesse na participação em relação aos vários assuntos colocados em diálogo</p>

## CONCLUSÃO

Com o trabalho que realizei no âmbito do mestrado e da minha experiência como professor de EMRC e diretor de uma escola posso dizer, apesar de não dispor de comprovação científica, que a escola está a assumir um papel importante na socialização dos destinatários, podendo dizer que está a roubar à família o papel de primeira identidade socializadora das crianças e adolescentes. No que respeita à educação da pessoa, prescindindo do ser crente, os pais cada vez se demitem mais das responsabilidades que lhes são próprias, para as imputarem à escola.

As estratégias utilizadas pelo professor de EMRC para motivar os alunos para as aulas de EMRC ajudaram de uma forma concreta à interação dos alunos nesta educação para os valores e à socialização dos intervenientes. Deste modo, a escola apresentou-se, não apenas como um local de aprendizagens de um vasto currículo de matérias mas, também, como local de socialização primária que terá sido deficitária na infância.

Há muitos autores que se debruçam sobre temas como, a vida e os jovens, a família e a sua responsabilidade educativa, o papel da escola hoje, a sociedade que estamos a construir e a ajuda que dá ou não dá aos seus cidadãos.

A escola não é o «local» privilegiado de educação. Esse “local” deveria ser a família. Mas, porque esta muitas vezes se demite, deverá ser a escola a substituí-la. E é também por isso que a escola deve ser uma comunidade aberta, sincera, que cultiva relações justas e de proximidade, que faça com que seja um lugar onde as crianças desejam ir, estar e se sintam bem. Mas, repito, a escola não se pode substituir à família, porque esta deverá ser sempre a primeira instituição responsável pela educação. À família é pedido que tudo faça para que se crie no seu seio um clima de paz, de amor e de fraternidade, valores que devem ser cimentados pelos valores cristãos.

A educação precisa de uma grande aliança entre os pais e outros agentes de educação para propor a cada educando uma vida plena, rica de sentido, aberta a Deus (como proposta de possibilidade), aos outros e ao mundo. Esta aliança é ainda mais necessária, porque a educação não é apenas conhecimento; é, sobretudo, a experiência de uma relação pessoal, uma vez que a educação não se reduz a uma mera transmissão de informações, como se faz com a inserção de dados num computador; a educação é uma tarefa essencialmente humana que exige comunicação e interação contínua entre educadores e educandos, visando sempre a formação de pessoas íntegras.

Educar é estimular, desenvolver e orientar as aptidões do indivíduo, de acordo com os ideais de uma determinada sociedade. A educação é o alicerce da formação da pessoa em que todos devem estar empenhados: familiares, amigos, conhecidos ou desconhecidos, mesmo de culturas diferentes da nossa, com quem nos cruzamos, quer em encontros formais, quer em encontros informais, seja na escola, em casa, no trabalho ou em viagem. A educação é algo que cabe em qualquer lugar ou situação.

O conceito de educar é um conceito abrangente; educar é estimular o raciocínio, é aperfeiçoar o sentido crítico, as faculdades intelectuais, físicas e morais. Mas a educação não se consegue sem a integração dos valores humanos e, daí, a necessidade da existência de uma educação para os valores. A verdadeira e plena educação necessita de assentar na educação para os valores que devem orientar toda a vida da pessoa, assinalando o que é bom, o que não é bom, o que é correto, o que não é correto, o que se pode dizer, o que se pode fazer, oferecendo as coordenadas da existência que hão de orientar corretamente as decisões da pessoa.

Na realidade, como acima afirmei, educar não é só instruir ou transmitir conhecimentos; educar é, também, integrar e gerir as diferentes dimensões de uma cultura, língua, tradições, crenças, atitudes e formas de vida. A “educabilidade”<sup>193</sup> aparece como condição *sine-qua-non* de uma aprendizagem para os valores; esta educação para os valores não deve ser só uma educação para o futuro da pessoa, mas sim para o presente da pessoa como criança, adolescente, jovem, adulto. É uma educação que visa formar a pessoa na sua plenitude, para que possa promover em cada etapa da sua vida um mundo mais humano, quer em atitudes pessoais quer em atitudes sociais.

Uma das atitudes sociais mais importantes e necessárias para a sociedade é a Paz. A paz é uma aspiração humana profunda. Todos querem a paz, mas para que ela aconteça é preciso que haja “vivências” de paz, quer na família, quer na comunidade escolar, quer na sociedade.

A Paz proporciona o encontro entre pessoas, a alegria libertadora da convivência, da comunhão, da partilha, da tranquilidade.

A relação entre a Paz e a educação constitui uma evidência afirmada, ao longo dos séculos. Esta é a perspectiva base da visão cristã tal como pudemos demonstrar ao longo da nossa reflexão.

De tudo quanto foi dito acerca da conceção da paz, à qual dedicámos grande parte do nosso estudo, chegamos à conclusão de que:

---

<sup>193</sup> É a qualidade especificamente humana ou o conjunto de disposições e capacidade do educando.

- a paz abrange todas as dimensões da pessoa, não se identificando exclusivamente com a dimensão religiosa ou social;

- a paz vista como dinamismo de enriquecimento pessoal e relacional, aparece ao serviço da felicidade do próprio e do outro;

- a paz humana encontra a sua realização plena na partilha do amor, na fidelidade, na estabilidade, no compromisso e abertura aos outros.

Ao longo da reflexão insistimos na ideia de que a paz afeta todos os aspetos da pessoa, na unidade do seu todo, corpo e espírito, desde a conceção até à morte, e o leva à doação total de si.

Centrando a nossa atenção no ato de educar para a paz, há dois aspetos indissociáveis desta atividade.

O primeiro aspeto é o valor do diálogo. As mudanças profundas que levaram à difusão de sociedades multiculturais requerem, dos que atuam na educação, que empreendam itinerários educativos de confronto e de diálogo, com uma fidelidade corajosa e inovadora; daí que defendamos a implementação da educação para a paz na escola.

O segundo aspeto é a exigência da preparação qualificada dos formadores, que deve ser permanente e não improvisada, pois educar é um ato de amor, é a todo momento “dar a vida”. Ora o amor é exigente: requer empenho, paixão e paciência para se poder comunicar. Para que haja comunicação, o educador deve ser um profissional competente e dedicado, rico em humanidade e através da sua vida, um verdadeiro testemunho dos valores que apresenta aos seus educandos. A coerência é um fator indispensável na educação. Não há verdadeiro educador se não houver coerência de vida.

A Prática do Ensino Supervisionado permitiu-me aplicar os conhecimentos adquiridos na minha formação, quer na lecionação com a turma que me foi destinada na escola onde funcionou o núcleo de estágio, quer na execução da planificação que supôs um percurso prévio na preparação dos conteúdos a lecionar.

A planificação de cada uma das aulas foi construída e descrita, adaptando-se aos recursos didáticos, mas também construindo os que foram necessários.

O recurso ao audiovisual tornou-se uma constante na medida em que permitiu encontrar o tempo necessário para, no contexto da aula, poder privilegiar o contacto pessoal com os alunos. Evidenciou-se a necessidade de evoluir a partir das capacidades demonstradas, a fim de chegar a um aperfeiçoamento cada vez maior, aplicando as competências profissionais desenvolvidas.

Sendo uma realidade de difícil definição e complexa, a paz conhece várias dimensões. A nível teológico quis fazer aqui uma abordagem sistemática dos principais aspetos, com a

consciência de que foi apenas o aflorar de uma questão que, se fosse cabalmente abordada, teria fugido ao âmbito do presente trabalho. A tarefa era a de apresentar uma noção cristã da paz, mas no âmbito da educação.

O tema é, pois, fundamental para a reflexão que a EMRC quer levar a cabo com as crianças, adolescentes e jovens, abordando a paz como uma decisão e projeto de vida a modo de compromisso com a existência humana vivida em plenitude, e, para os que são crentes, a modo, igualmente, de sim ao Projeto que Deus propões para a humanidade.

A paz foi considerada enquanto capacidade humana de transmissão da vida, no contexto da relação com os outros.

A educação que respeita a pessoa, que a ama como essa obra extraordinária do amor de Deus, Criador e Pai, aponta a via da liberdade interior, da vontade, do esforço consciente e tem como meta o bom<sup>194</sup>.

Que toda a nossa reflexão possa servir para o leitor, de incentivo e alento a fim de não desanimarmos nesta tarefa tão nobre que é educar para a paz.

Sei que este trabalho pode ser considerado por alguns, “um trabalho de menor importância” mas para mim foi muito importante fazê-lo pois aproximou-me mais dos alunos, dos colegas, dos outros e de Deus. Ao concluir esta reflexão, tenho a consciência de que muito ficou por dizer, de que muito ficou por fazer; apenas sei, porém, que para mim valeu a pena.

---

<sup>194</sup> Cf. POLICARPO, J., *Evangelizar o amor*, Grifo, Lisboa 2002, p. 30.

## BIBLIOGRAFIA

### I – DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

- BENTO XVI, *A Família Humana, comunidade de Paz, Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, 2008, nº 3 e 7, AAS. 100.

-----, *Bem-Aventuranças os Obreiros da Paz, Mensagem para a celebração do dia Mundial da Paz*, nº 1, 3, 6 Janeiro 2013.

-----, *Educar os jovens para a justiça e a paz. Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz*, nº 5, L'Observatore Romano (edição portuguesa), 24/IX/2012.

- *CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*, Gráfica de Coimbra, ed. portuguesa, nº 2304, Coimbra 1993.

- COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da paz no 25º aniversário da primeira mensagem da paz*. Rei dos Livros, Lisboa.

- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, Gráfica de Coimbra, nº 78, Coimbra 2002, pp. 155-258.

-----, *Declaração Gravissimum Educationis, Sobre a Educação Cristã*, Gráfica de Coimbra, nn. 1 e 7, Coimbra 2002, pp. 533-550.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, nn. 10 e 11, Fátima, 27 de abril de 2006.

- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrumentum laboris, Educação hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, 2014.

- CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ CATÓLICA, *Orientação sobre o Amor Humano* nº 21, Roma 1983.

- CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Principia, S. João Estoril 2005, nº 488.

- FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual*, 24 de novembro 2013, AAS 105

-----, na *Visita a Assis, para a Jornada de Oração pela Paz, Sede De Paz. Religiões e Culturas em Diálogo*, 20 de setembro de 2016.

-----, *Regina Caeli*, nº 219, Belém, 25 de maio de 2014.

- JOÃO PAULO II, *Da Família nasce a paz da família humana*, nº 2 – 1994, AAS 86.

-----, *Dêmos as crianças um futuro de paz*, nn. 8 e 9, 1996, AAS 88.

-----, *Desenvolvimento e Solidariedade, chaves para a – paz*, nº 1, 1987. AAS 79.

-----, *Mensagem para o Dia Mundial da paz de 1994*, 8 de Dezembro de 1993. AAS 86.

-----, *Um compromisso sempre atual: Educar para a paz, Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, 2004, nº 4, AAS 96.

- PAULO VI, *A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz. Mensagem para a Celebração do II Dia Mundial da Paz*. 1969. AAS 60.

-----, *Educar para a paz através da reconciliação. Mensagem para III Dia Mundial da Paz* 1970. AAS 62.

-----, *Se queres a Paz, trabalha pela justiça. Mensagem para V Dia Mundial da Paz* 1972. AAS 64.

- JOÃO XXIII, Carta encíclica *Pacem in terris, sobre a paz na terra*, nn. 165-165, 11 de Abril de 1963, AAS 55.

## II – ESTUDOS E ENSAIOS

- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DAMAIA, *Projeto Educativo – Uma Escola de Todos...a construir o futuro*, 2013/2014 – 2016/2017.

- ANTUNES, C., *Relações Interpessoais e autoestima*, 6ª Ed., Petrópolis, Ed. Vozes, Brasília 2009.

- AZEVEDO, J., *Avenidas de Liberdade - Reflexões Sobre Política Educativa*, Edições ASA, Porto 1994.

- BARBOSA, A. G., *O valor da gratuidade na educação dos jovens*, UCP editora, Lisboa 2007.
- BEAUCLAIR, J., *Mansidão, afabilidade e doçura nas relações humanas: o resgate necessário a partir das instituições*. Selecionado para o I Congresso Latino-americano de Psicologia –ULAPSI, S. Paulo 2005.
- BOFF, L., *Ética e Moral. A Busca dos Fundamentos*. 2ª ed., Petrópolis, Editora Vozes, S. Paulo 2003.
- , *A oração de S. Francisco, uma mensagem de paz para o mundo atual*, 3ª ed., Sextantet, Rio de Janeiro 1999.
- BONA, C., *A Nova Educação – O Professor que está a revolucionar a Escola*, 1ª Ed., Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. (printer portuguesa), Lisboa 2017.
- BURGUETE, N., *Jovens de Hoje, Cidadão de Amanhã*. Comunicações ao 1º Encontro Fé e Educação, promovido por Gracos – grupo de reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus, Editoria A. O, Braga 1998.
- 23º CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Educar os jovens para a fé*, Documentos Capitulares, no. 02, Roma 1990.
- CABANAS, J. M.Q., *Pedagogia axiológica. La educación ante los valores*, Dykinson, Madrid 1998.
- CARDONA C., *Ética del que hacer educativo*, Rialp, Madrid 1990.
- CORREIA J., “A Radicalidade de um projeto educativo de matriz católica – o desafio de ser grão de mostarda”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) pp. 53-63.
- DA CRUZ M., “Liberdade de ensino e acesso à educação”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) pp. 83-94
- DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO, *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*, dezembro de 2012 – Atualizado em novembro de 2013.
- DISKIN, L. e ROIZMAN, L. G., *Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas*, Governo do Estado de Sergipe, 2ª Edição UNESCO, Associação Palas Athena, Brasília 2006.

- DRUCKER, P., *A Administração na próxima sociedade*, 1ª ed., Editora Nobel, S. Paulo 2003.
- ELIAS F., *A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes*, Fundação Manuel Leão, Porto 2008.
- EDUCAR PARA A PAZ, *Núcleo de estudo integradores, programa especial de formação pedagógica*, por alunas Márcia Ferreira, Adriana da Silva, Andreza Oliveira, Centro Universitário Claretiano, S. Paulo 2006.
- FALCÃO, G. J., “Ecologia Integral, Ecologia do Homem, Itenerarium, n. 214 (2016) pp. 5-25.
- GAMBÔA, R., *A Reconstrução da modernidade em John Dewey, Educação, Ética e Democracia*, Edições ASA, Porto 2004.
- GIANOLA, P., “*Prospettive d’educacioze dei giovani all pace*”, *Orientamenti Pedagogici*, n. 01 (1984) pp. 71-85.
- GOLEMAN, D., *Inteligencia Emocional*, Kairós, Barcelona 1996.
- GONÇALVES, J. P., *A Educação para a Paz no Âmbito Escolar e Sua Relação com a Formação Docente*, In Simpósio Nacional de Educação XX Semana da Pedagogia, Novembro 2008.
- GONÇALVES, M. A., *Educação para a paz num contexto hipermoderno, Seminário de pesquisa em educação da região sul*, Paulinas, Rio de Janeiro 2012.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA, (s.d.p.), Editora Enciclopédia, volume nº XX, Lisboa/Rio de Janeiro 1936.
- HANNOUN, H., *Comprendre L’education*, Nathan, Paris 1995.
- HARGREAVES, A., *Os Professores em Tempos de Mudança*, Alfragide: McGraw-Hill – Ciências da Educação, Wook, Portugal 1998.
- HERNANDO, M. A., *Estrategias para educar en valores – propuesta de actuación com adolescentes*, CSS, Madrid 2002.

- HORKHEIMER M., Adorno, *Dialettica dell'illuminismo*, Einaudi, Torino 1966.
- JOÃO PEDRO TELES BORGES, *A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como contributo para uma escola inclusiva Educar para a paz e inclusão a partir da unidade letiva 4 – Paz Universal – do 7º ano do ensino básico*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, Braga 2015.
- KANT I., *Pedagogia, Akal*, Madrid 1983.
- KATHERINI, S. e ROBERT, I., *Tempos de Paz*, Ed. Global, 1999, Tradução de José Paulo Paes, Brasil 2007.
- LACAN, J., *Família*, 2ª ed., Sociedade Editorial e Distribuidora, Lisboa 1981.
- LIMA, L., *A Escola como Organização e a participação na Organização Escolar*, Universidade do Minho. Instituto de Educação, Braga 1992.
- LOPES, J., “A Educação: Uma prisão vivida com – paixão”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) pp. 13-52.
- LUIS PEDRO CARDOSO ADEGANHA, *Contributo da disciplina de E.M.R.C na construção de uma cultura de paz*, Relatório final da prática de Ensino Supervisionada, Lisboa 2012.
- MACHADO, J. L. A., *discurso sobre a educação, especialmente conceito da escola*, Rio Grande do Sul março 2012; in <http://cmais.com.br/educacao/escola-o-que-e-isso>.
- *Guião do Retiro Quaresmal dos Alunos do Colégio Salesianos de Évora*, Março 2017.
- MARQUÊS, R., *Ensinar Valores: teorias e modelos*, Porto Editora, Porto 1998.
- MORAN J., “Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica”, 21ª ed, *Papirus*, Brasil 2013.
- NABUCO M., “Evangelizar com a família na escola católica”, *Pastoral Catequética*, nn. 34-35 (2016) pp. 65-79.
- NOLETO, J. M., *Educação e cultura para a paz*, 4ª ed., UNESCO, Brasil 2001.
- PICHON-RIVIÈRE, E., *Teoria do vínculo*, tradução Eliane Toscano Zamikhowsky, 7ª ed., Enc. Brochura, Brasil 2007.

- PILETTI, N., *Psicologia Educacional*, 17ª Ed. Ática, S. Paulo 2001.
- POLICARPO, J., *Evangelizar o amor*, Grifo, Lisboa 2002.
- RADESPIEL, M. U., *MANUAL de Valores Maria Radespiel*, Editora Iemar, S. Paulo 2009.
- REVEZ, M. H. A., *Gestão das Organizações Escolares Liderança Escolar*. Coleção Análise da Ação Educativa, Edições Cosmos. Chamusca, Santarém 2004.
- RODRIGUES B. C., *O que é educação*, 33ª Ed. Editora Brasiliense, São Paulo 1995.
- ROCHA, F., *Educar em valores, coleção da Ciências da Educação e Desenvolvimento Humano*, Estante Editora, Aveiro 1996.
- , “Educar para a Liberdade e a Autonomia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, n. 49 (1993) pp. 99-116.
- ROIZMAN, *Manifesto 2000*, S. Paulo 2002.
- SALLÁN, J. G., *La organización escolar: contexto y texto de actuación* - Editorial La Muralla, Madrid 1996.
- SANCHEZ, M. P., *Educación en cvalores para una sociedad abierta y plural: aproximación conceptual*, Desclée de Brower, Bilbao 2000.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Educar para a Liberdade e para o Amor*, temas de educação cristã, n. 08, Lisboa 1991.
- , *Livres para amar, Manual do Professor EMRC 8º*, Ed. e Propriedade da Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Gráfica Almondina, Lisboa 2011.
- , *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014.
- SENGE, P. M., *The fifth discipline – The art and practice of learning organization*. Double Day/Currency. New York 1990.
- SOUSA, T., *A Liberdade e a Autonomia, Polis (Enc.)*, Verbo da Sociedade e do Estado, vol. 3, Lisboa 1985, pp. 98-119.

- TRILLA, J., *Introducción, La Ciudad Educadora – La Ville Éducatrice*, Ajuntament de Barcelona, Regidora d'Edicions 1 Publicacions, Barcelona 1990.
- VALERO IGLESIAS, L.F., *Aproximación a una educación en valores*, P.P.U., Barcelona 1992.
- VALENTE, M. O., *A Escola e a Educação para os valores-Antologia de Textos*, 3ª ed., UCP editora, Lisboa 2000.

#### IV. WEBGRAFIA

- JOÃO BEAUCLAIR, *Ensinar numa perspetiva humanística*.  
<http://www.psicopedagogia.com.br>.
- LAURA GORRESIO ROIZMAN, *Educação para a Paz é um tesouro*,  
<http://educaparaapaz.blogspot.pt/>.
- DIREÇÃO – GERAL DA EDUCAÇÃO, *Educação para a Cidadania*  
[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/educacao\\_para\\_cidadania\\_linhas\\_orientadoras](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras).
- MORIN, E., *Os sete saberes*- Por Amélia Hamze. Profª FEB/CETEC ISEB/FISO.  
<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-educacao-relacao-com-paz.htm>;  
Cf. <http://educaparaapaz.blogspot.pt/>.
- SIMONE DA ROSA PIZZIO, *Educação para a Paz - Relações interpessoais na escola*,  
<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/educacao-para-paz-relacoes-interpessoais-escola.htm>.
- JOSÉ MANUEL MORAN, *Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação*, ETAPA 2, março de 2006;  
[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_educacao/midias\\_educ.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/midias_educ.pdf).
- MARIA JOSÉ DA SILVA FERNANDES, *o Professor Coordenador Pedagógico*,  
[http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufmt/file.php/1/Cursos-Ano-Base\\_2013/Acervo\\_Biblioteca,S7PECE\\_2013/Midias\\_Educacao\\_Modulo\\_Introdutorio\\_Integracao\\_Midias\\_Educacao](http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufmt/file.php/1/Cursos-Ano-Base_2013/Acervo_Biblioteca,S7PECE_2013/Midias_Educacao_Modulo_Introdutorio_Integracao_Midias_Educacao).

- RODRIGO LOPES, *A paz só será possível quando ela existir em casa, em cada família*, ZH (Zero Hora) Notícias, 05/10/2013; <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/10/a-paz-so-sera-possivel-quando-ela-existir-em-casa-em-cada-familia-diz-nobel-da-paz-4291536.html>.